

PATRÍCIA MARCELINA LOURES

**INVENTÁRIO DE BENZEÇÕES, REZAS E NOVENAS, FOLIAS E
CONGADA: educação nas manifestações culturais.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Programa de Pós-Graduação em Educação

- GOIÂNIA, 2012-

PATRÍCIA MARCELINA LOURES

**INVENTÁRIO DE BENZEÇÕES, REZAS E NOVENAS, FOLIAS E
CONGADA: educação nas manifestações culturais.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC GOIÁS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof.Dr. José Maria Baldino.

L892i Loures, Patrícia Marcelina.
Inventário de benzeções, rezas e novenas, folias e gongada: educação nas manifestações culturais [manuscrito] / Patrícia Marcelina Loures. – 2012.
195 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2012.
“Orientador: Prof. Dr. José Maria Baldino”.

1. Religiosidade – Estudo e ensino. 2. Cultura Popular – Nova Veneza (GO). I. Título.

CDU: 398.3(817.3)(043.2)


PATRÍCIA MARCELINA LOURES

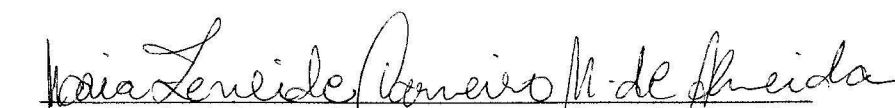
**INVENTÁRIO DE BENZEÇÕES, REZAS E NOVENAS, FOLIAS E
CONGADA: educação nas manifestações culturais.**

Aprovada em 29, de Setembro de 2012

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Maria Baldino (Presidente)


Prof. Dr. Juan Bernardino Marques Barrio
UFG- Membro


Prof.ª Dr.ª Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida
PUC GOIÁS- Membro

Prof.ª Dr.ª Maria Tereza Canezin Guimarães
PUC GOIÁS- Suplente

Goiânia 29, de setembro de 2012.

Agradecimentos

A Deus!

Aos meus filhos Waltecy Raimundo Borges Neto, Gabriella Mendonça Loures Borges, Millena Mendonça Loures Borges, presenças abençoadas em minha vida, “ensinam-me a viver”!

A toda minha Família, aos avós, Geralda dos Santos Loures e Euclides Mendonça Loures, especialmente à Dona Maria Mendonça Loures dos Reis, minha Mãe, exemplo de garra, persistência, luta, dedicação, amor e fé!

A Antônio Maurício de Faria Resende por todo apoio, pelos exemplos, pelas sábias palavras de incentivo e pela esperança!

À Juliana Victor de Araújo Maranhã e Fernanda Correia Nunes pelo apoio nesta pesquisa!

À tia Parecida, sinceramente, Obrigada!

Às minhas irmãs Letícia, Angela e Adair Sobrinho quanta caminhada, bons tempos!

Às secretarias de Educação: da Rede Municipal de Goiânia e da Rede Estadual de Goiás,

Aos amigos, colegas de trabalho e estudo.

Aos professores do Programa de Mestrado da PUC-GO, especialmente ao meu orientador Dr. José Maria Baldino! Obrigada!

À professora Dr^a Maria Tereza Canezin Guimarães! Obrigada!

Aos profosores Dr. Juan Bernardino Marques Barrio e Dr^a. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida, pelas valiosas e humanas contribuições na banca de qualificação desta pesquisa. Sinceramente Obrigada!

Agradeço imensamente aos entrevistados e colaboradores;

A todos os foliões de Santos Reis e São Sebastião,

Às benzedeadas e benzedores, rezadores,

Aos pagadores de promessas...e que as fazem em festejos orantes!

Enfim, aos produtores e guardiões desta singela parte da cultura popular brasileira...

Ei, Ai...

Dedico este trabalho:

Fraternalmente,

Aos meus filhos, Waltecy Neto, Gabriella e Millena.

A meus pais, Maria e Ivair

Aos meus avós D^a Tina e Sr. João (In memoriam), Sr. Euclides e D^a. Geralda.

E movida pelo sentimento de respeito,

A todos/as educadores/as sociais e protagonistas das manifestações

culturais inventariadas nesta investigação.

Benedeiras Guardiãs

As rezadeiras usam
Águas da chuva e do rio
Curam as dores do corpo
Cisco no olho, espinhela caída

As benzedadeiras vão
Com fé na oração
Curando nossas feridas
Como Obaluê

As rezadeiras quebram
Quebrando, mal olhando
Males que vêm dos ares
Nervos torcidos, ventres virados

As benzedadeiras são
As estrelas anciãs
Nañas boruguêis

Afastam a inveja
E o mal olhado
Com suas forças
Com suas crenças
Com suas mentes sãs

As rezadeiras são
As nossas guardiãs
Por dias, noites, manhãs
Nañas

Esta canção é uma oração
Para as benzedadeiras
Do coração mando este som
Para as rezadeiras

As rezadeiras são
As nossas guardiãs
Por dias, noites, manhãs...

Martinho da Vila, 1992. Composição de Rosinha Valença.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO1. Apresentação de dança no Festival Gastronômico e Cultural de Nova Veneza- Go.Talyta Martins	23
FOTO2. Missa na Abertura do Festival Gastronômico e cultural de Nova Veneza.Talyta Martins.....	24
FOTO3.Local onde é hoje a Praça da Matriz. O cruzeiro abençoando o início da cidade.Acervo Pessoal de Cleusa Maria Gonçalves.....	34
FOTO4. Santas Missões e a participação efetiva do povo.Acervo Pessoal de Cleusa Maria Gonçalves	34
FOTO 5. D ^a F. em seu pequeno Santuário. Local onde benze os que a procuram.Patrícia Loures	72
FOTO 6. Benzeção contra Mal Olhado.Patrícia Loures	73
FOTO 7. Benzeção contra Quebranto.Patrícia Loures	81
FOTO 8. Benzeção de Espinhela Caída.Patrícia Loures	83
FOTO 9. D ^a D. E suas plantas medicinais.Patrícia Loures	85
FOTO 10. Sr. Z. Em seu pequeno santuário. Local de restabelecer suas forças para benzer quem precisa.Patrícia Loures	91
FOTO 11. Benzeção contra Maleita adaptada para uma doença atual “dengue”.Patrícia Loures	100
FOTO 12. Finalização da benzeção contra Maleita “dengue”. Patrícia Loures.....	100
FOTO 13. Reza para as almas em uma residência na zona urbana.Patrícia Loures	112
FOTO 14. O grupo visita a zona rural. Patrícia Loures	112
FOTO 15. Reza para as almas aos pés do cruzeiro no cemitério.Patrícia Loures.....	113
FOTO 16. Entrega da reza pras almas no Cemitério Municipal de Nova Veneza. Patrícia Loures	114
FOTO 17.Acampamento de jovens na novena de Bom Jesus da Lapa.Patrícia Loures	119
FOTO 18. Levantamento do mastro de Bom Jesus da Lapa. Patrícia Loures	120
FOTO 19. D ^a . Reza como ponto de encontro de amigos. Patrícia Loures.....	120
FOTO 20. Fogueira de 18 metros, fim de festejo. Patrícia Loures.....	121
FOTO 21. Altar da novena de São Sebastião. Patrícia Loures	122
FOTO 22.Décimo dia – fim de novena e a festa.Patrícia da Loures.....	124
FOTO 23. D ^a H. E os inocentes da promessa do tempo dos “revoltosos”. Patricia Loures.....	126
FOTO 24. Procissão para levantar o Mastro de São Sebastião.Patrícia Loures	129
FOTO 25. Alimentação dos inocentes. Patrícia Loures.....	130
FOTO 26. Crianças organizando as velas ao fim da novena, após a subida do mastro de São Sebastião.Patrícia Loures	130
FOTO 27. Levantamento do Mastro de São João Batista. Patrícia Loures.....	133
FOTO 28. Batizado de fogueira. Patrícia Loures	134
FOTO 29. Fogueira de São João Batista. Zona Rural Patricia Loures	134
FOTO FOTO 30.Crianças observando o batizado e a fogueira em cima do cocho de dar sal ao gado.Patrícia Loures	135
FOTO 31. Folia de Reis da região Viradouro. Patrícia Loures	142

FOTO 32. Folia de Reis – Reza de terço na saída e a participação das crianças uniformizadas. Patrícia Loures.....	151
FOTO 33. A pequena aprendiz de 8 anos (está sendo preparada pelo pai e pelo avô para embaixar folia).Patrícia Loures.....	151
FOTO 34. O garoto J. 12 anos, enquanto toca a caixa se empolga com a sanfona (parte 1).Patrícia Loures.....	153
FOTO 35. O adulto ao perceber dá-lhe atenção (parte 2). Patrícia Loures.....	153
FOTO 36. O adulto ensina o garoto aproveitando o interesse do mesmo (parte 3).Patrícia Loures.....	153
FOTO 37. O brinquedo do filho tem a ver com o ritual (3ª geração de sanfoneiros).Patrícia Loures ...	155
FOTO 38. A pequena embaixadora de folia em pleno ritual brincando com outras crianças (brincam com figurinhas).Patrícia Loures	156
FOTO 39. Cumprindo uma promessa. Patrícia Loures	157
FOTO 40. Benzeção em plena folia.Patrícia Loures	158
FOTO 41. Entrega da folia embaixada pelo Pe. E. Patrícia Loures.....	159
FOTO 42. Coroação do festeiro da Folia de Coroa 2010. Patrícia Loures	160
FOTO 43. Folia de Coroa em visitação na zona rural. Patrícia Loures	163
FOTO 44. Giro na região de Ouro Verde para cumprir uma promessa. Patrícia Loures.....	164
FOTO 45. Entrega da Folia de Coroa (Folia de Reis, detalhe - coroa confeccionada por uma benzedeira).Patrícia Loures	165
FOTO 46. Foliões de São Sebastião e a capitã do grupo. Patrícia Loures.....	167
FOTO 47. Momento de devoção e a presença de crianças junto aos familiares. Patrícia Loures.....	168
FOTO 48. Terço na folia de São Sebastião e as crianças ora brincam ora imitam os adultos. Patrícia Loures.....	168
FOTO 49. Srª M. E os bastões da Congada. Patrícia Loures.....	173
FOTO 50. Sr. V. Ex-congadeiro e folião de Santos Reis. Patrícia Loures	174

QUADROS

QUADRO I. Demonstrativo das Benzeções segundo os marcadores culturais (indicadores)	103
QUADRO II. Demonstrativo das Rezas e Novenas segundo os marcadores culturais (indicadores).....	137
QUADRO III. Demonstrativo das Folias e Congada segundo os marcadores culturais (indicadores)....	175
QUADRO IV. Análise dos indicadores da transmissão de saberes – educação realizada em manifestações culturais	179

RESUMO

Este estudo está vinculado à Linha de Pesquisa, Educação Sociedade e Cultura. Propôs-se inventariar determinadas manifestações culturais circunscritas no campo da religiosidade popular, na perspectiva de analisar suas práticas como mediadoras e possibilitadoras de formação humana, portanto, educação, no sentido preconizado pela LDBEN-1996. Esta noção ampliada de Educação incorporou sua realização em diferentes espaços sociais e não mais restritos ao escolar, sendo desnecessário abordá-la na dicotomia formal e informal, institucional ou não institucional. A diversidade de espaços culturais e sociais tornam-se legítimos. O *lócus* das manifestações analisadas, Benzeções, Rezas e Novenas, Folias e Congada, é o município de Nova Veneza- Goiás. Brasil, de colonização italiana e considerada como referência cultural significativa. Estas formas de expressão cultural encontram-se circunstanciadas nas manifestações religiosas populares que se organizam por meio de um calendário festivo cristão e que se repete a cada ano. A construção teórica privilegiou as contribuições de Durkheim (1977), Bourdieu (1980, 1989, 2008), Brandão (1983, 1986, 1996, 2007), Pereira e Gomes (2002), Burke (2010), Thompson (1998), Bosi (1994), dentre outros. Delineado com uma metodologia qualitativa-etnográfica, foram utilizados os procedimentos da observação não participante e participante, registros fotográficos, documentos técnicos e históricos, filmagens e entrevistas autorizadas pelos seus protagonistas. Todas as manifestações culturais inventariadas revelaram, por meio de seus rituais religiosos-educativos, uma infinidade de bens simbólicos e saberes, os quais são transmitidos culturalmente pelas gerações adultas sobre as novas, tal como preconiza Durkheim em seu conceito de educação como processo socializador. Na estruturação das manifestações culturais/práticas/ritos e rituais há uma hierarquização entre aquele que detém os saberes/poderes legítimos e os demais, crianças e jovens, em especial tornam-se aprendizes, processo este que ocorre sem maiores formalidades. A análise do inventário à luz das referências teóricas possibilitou-nos revelar e apreender os sentidos educativos que estas práticas transmitem. A partir de alguns indicadores foi possível comprovar que a Educação como processo de formação humana desenvolve-se nos espaços sociais das manifestações culturais definidas nos limites desta investigação.

Palavras-chave: Educação. Manifestações Culturais. Religiosidade. Crenças.

ABSTRACT

This study is connected to the Research Line of Education, Society and Culture. It was proposed to document some cultural events in the popular religiosity field, aiming to analyze their practices as mediators and facilitators of human formation and so the education, as predicted by LDBEN-1996. This wide notion of Education has adopted it in different social areas not only to school, being unnecessary to link them to formal and informal dichotomy, institutional or non-institutional. Cultural and social diversity have become legitimate. Because of its cultural reference Nova Veneza city, an Italian colonization site in Goias, Brazil is the locus where Consecrating, Prayers, Novenas, Congada and Folias events take place. These cultural expression ways are showed in popular religious events organized on a Christian festival calendar which happens every year. The theoretical construction used Durkheim (1977), Bourdieu (1980,1989, 2008), Brandão (1983,1986, 1996, 2007), Pereira and Gomes (2002), Burke (2010), Thompson (1998), Bosi (1994), among others as contributions. This article was designed over an ethnographic qualitative methodology, participant and non-participant observation procedures were also used, pictures, technical and historical documents, filming and interviews authorized by its protagonists as well. All cultural events showed through their religious and educational rituals a wide knowledge and symbolism in goods which are culturally transmitted from older to younger generations as Durkheim predicted in his concept of education as a socializing process. In structuring cultural / practices / rites events and rituals there is a hierarchy between the one who holds the knowledge / power and children and young people who become learners in a non-formal process. The study and the theoretical references allowed us to reveal and understand how educational meanings that these practices pass on. It was possible to prove from some indicators that education as a human formation process develops in social cultural networks events defined within this investigation limits.

Keywords: Education. Cultural Events. Religiousness. Beliefs.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	03
DEDICATÓRIA	04
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	05
QUADROS	07
RESUMO	08
ABSTRACT	09
INTRODUÇÃO	12
PARTE I – APORTES TEÓRICO-CONCEITUAIS	20
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO <i>LOCUS</i> DA PESQUISA: NOVAVENEZA-GOIÁS. BRASIL	20
1.1.1. A Ferrovia vem rompendo	25
1.1.2. A Religiosidade como marca cultural	29
1.2 CULTURA, CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE POPULAR	35
1.2.1. Elementos referenciais para compreensão do universo da cultura	35
1.2.2. Elementos referenciais para compreensão do universo da cultura popular	41
1.3 MEMÓRIA, SABERES, TRADIÇÃO, RELIGIOSIDADE, SISTEMA DE CRENÇAS E TRANSMISSÃO CULTURAL	49
PARTE II – INVENTÁRIO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: INDICADORES QUE SUSTENTAM A CONCEPÇÃO DE QUE SÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS	59
2.1 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO SOCIALIZADOR QUE SE DESENVOLVE NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS	59
2.1.1. A Transmissão de saberes	59
2.1.2. Rompendo a dicotomia entre o formal e o informal: a legitimidade dos diferentes espaços de formação humana	65
2.2 A DIVERSIDADE DE PRÁTICAS E SABERES POPULARES, O EDUCADOR SOCIAL E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EXPRESSAS NOS RITOS DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS	70
2.2.1. O Universo educativo das Benzeções	71
2.2.2. O Universo educativo das Rezas e Novenas	107
2.2.3. O Universo educativo das Folias e Congada	141
2.2.4. Entrecruzamentos: indicadores que sustentam a concepção de Educação como processo de formação humana que se desenvolve nas manifestações culturais	179
III CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
IV REFERÊNCIAS	187
V APÊNDICES	191

INTRODUÇÃO

A convivência diária com práticas e saberes oportunizados pelas diversas manifestações populares no interior das crenças religiosas católicas, despertou-me o interesse em inventariá-las para conhecer mais profundamente a origem e a sua capacidade de transmissão cultural, garantindo-lhes a sua permanência perpassadas por diversas gerações, reconhecidas perante o grupo, ainda que deixadas de lado pelo intenso processo de modernização e novas crenças e saberes que nem sempre são acessíveis às grandes parcelas da população, suas crenças, verdades, superstições e maneiras muito peculiares de viver e interpretar o mundo.

Tecendo a problemática da pesquisa.

Desde criança na região rural em que nasci, presenciei certas práticas tais como, Folia de Reis, Benzeções, Rezas para as Almas, Novenas, práticas estas que existem até hoje. Há alguns anos tenho sentido a necessidade de registrá-las, fazendo-se necessário construir uma memória histórica dessas manifestações culturais, seus saberes, valores, crenças, bem como acompanhar a trajetória de pessoas que dedicaram suas vidas a ajudar o próximo com práticas “despretensiosas¹” como, por exemplo, o caso da benzeção, atravessando os tempos, sendo transmitida por meio da tradição oral e guardadas com os recursos da memória.

Nossa sociedade está passando por intensas modificações ensejando novos padrões de identidade e protagonismo social, o que tem reforçado, em grande parte, as diferenças culturais, sociais, políticas e econômicas entre os indivíduos em sua condição humana apesar de a Constituição reconhecê-los como “iguais” perante a lei. Os indivíduos, desiguais na prática e na lei, buscam resolver seus conflitos através dos mecanismos que lhes são reconhecidos e acessíveis a eles.

Nesta investigação, pretendi abordar os saberes e práticas de determinadas manifestações culturais circunscritas no plano religioso católico, explicitando os traços e passos percorridos por estes saberes, descobrindo de que forma foram guardados na história, na memória, de que forma condicionam o imaginário dos indivíduos, de que forma se configuram como aprendizagens sociais independentemente da contracultura

¹ Ao menos observamos nesta pesquisa que são despretensiosas no sentido econômico. As práticas registradas foram e ainda são realizadas na comunidade de modo gratuito e solidário.

preconceituosa que as reconhecem como atrasadas, ignorantes, “coisas de gente sem cultura”, em oposição aos culturalizados/convertidos/modernos.

Ao discutir-se sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas e existência. Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual busca-se conhecer o sentido de suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. Neste caso considero importante observar as maneiras de um grupo se organizar, transformar a vida em sociedade e de superar os conflitos de interesse e as tensões geradas na vida social. Cada cultura é o resultado da produção de um grupo social, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes.

Em Pessoa (2009), encontramos a ideia de que a cultura popular é assim: ela não nasce nos livros ou na escola. Ela nasce no cotidiano de vida e trabalho de homens e mulheres enquanto constroem os ingredientes de sua sobrevivência. Por isso, quando encontrarmos um grupo de foliões de reis pelo interior de Minas e de Goiás, não estamos diante de uma exposição de ideias e, muito menos, de um espetáculo. Estamos diante de um grupo de trabalhadores/as expressando, sua alegre sociabilidade e sua significativa, crenças e sua forma de ensinar essas coisas às novas gerações. E assim, tudo o que esses sujeitos desejam é serem tratados com dignidade, ou seja, terem a confiança de que o que fazem, faz sentido.

Percebe-se, então, que mesmo havendo em nossa sociedade a lógica do consumo impregnada pelos meios de produção, há também a produção de saberes populares muitas vezes não reconhecidos pela educação escolar. Estes elementos fazem parte da história, da memória, do imaginário social e também perpassam pelos processos de Educação, Cultura e Sociedade merecendo atenção, respeito e pesquisa, pois, não são casos isolados, fazem parte da vida do campo e de pequenas cidades no interior de Goiás. A exemplo, saberes ligados a religiosidade popular como folias, rezas, novenas, promessas e benzeções.

Os processos de transmissão de saberes por intermédio das práticas das Benzeções, Rezas e Novenas, Folias e Congada, foco desta investigação, tornam-se espaços educativos, os quais tentei desvelar ao longo do processo de pesquisa, já que interessa-me entender como funcionam os processos de transmissão de saberes nas e das manifestações culturais.

Por que pesquisar estas manifestações populares?

Que motivações mobilizam homens e mulheres a participarem destas manifestações culturais populares, ainda nos dias atuais? Quem tem o reconhecimento cultural e social para dirigir os diferentes rituais e transmitir a sua herança histórica? Poderiam ser nomeados como educadores sociais, na concepção defendida por Ghon (2010) em sua obra Educação não Formal e o Educador Social, atuação no desenvolvimento de projetos sociais?

A problemática deste projeto explora o universo educativo presente nas manifestações culturais religiosas populares. São expressões culturais que fogem às regras das exigências tão comuns de nossa moderna sociedade ocidental, sendo, talvez, por isso, consideradas como baixa cultura. Os praticantes são identificados, por intermédio de formas preconceituosas, como pessoas sem cultura por parte daqueles que detêm os saberes legitimados em nossa sociedade. Mas há aqueles que demandam por tais saberes e crenças, portanto, praticantes e participantes dos rituais.

Procedimentos metodológicos.

Nesta investigação indago, fundamentalmente, o caráter educativo das manifestações culturais trazidos pela noção ampliada da Educação em seus diferentes espaços culturais e sociais. Neste sentido, torna-se necessário inventariar e explicar os universos educativos presentes nas práticas, ritos e rituais.

O delineamento metodológico da pesquisa qualitativa com vertente etnográfica decorre do fato de, valorizar o saber do outro, possibilitando a interação entre os sujeitos que pesquisam e os sujeitos possuidores de histórias que passam a ser desveladas, contadas e que podem ser descritos os tipos de vida e de trabalho nos diversos espaços, tempos e lugares.

Técnicas e procedimentos etnográficos foram empregados no trabalho de campo e no contexto social da pesquisa, preocupando-me em revelar as relações e interações significativas dos agentes sociais, valendo-me da flexibilidade no momento de pesquisar, da descrição densa segundo Geertz, da ética na pesquisa vendo e ouvindo os agentes pertencentes aos grupos sociais selecionados para a pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados, especialmente as observações participantes e não participantes, possibilitou-me apreender as rotinas e os modos de sobrevivência destas práticas populares, bem como depoimentos, entrevistas, gravações, fotografias e filmagens.

Assim descrevi², a partir da observação, como ocorrem os rituais relacionados a benzeções, rezas, novenas, folias e congada. Nesta descrição pretendi apreender quais os mecanismos de transmissão de saberes de geração a geração, quais os critérios de escolha dos agentes sociais frente a tantos elementos culturais diversificados encontrados na localidade e que se fazem presentes ainda hoje. Procurei ainda verificar de que forma teórico-empírica as manifestações culturais inventariadas guardam correspondência com outras práticas paradigmaticamente educativas, podendo ser, portanto, consideradas expressões de educação. Para este propósito, defini sete indicadores analíticos:

- Tempo de Realização do Ritual;
- Existência de Saberes Reconhecidos pelo grupo;
- Sistema de Crenças e Demandas;
- Existência de um Processo Educativo de Constituição dos Educadores Sociais, portadores de Saberes a serem Transmitidos/Partilhados;
- Recursos Simbólicos Mediatizadores das Práticas Culturais;
- Culturalização Coletiva como Ritual para Transmissão e ou Vivência de Saberes;
- Organização Coletiva onde as Relações Internas são hierarquizadas dentro do Sistema de Crenças com nítida hegemonia do Educador Social.

Os dirigentes das manifestações culturais selecionados para participarem da pesquisa foram justamente os que detêm um tipo de saber reconhecido por um coletivo de pessoas que transformam-se nos seus espaços de realização o protagonismo de sua consecução. Fazem verdadeiras movimentações sociais em momentos específicos como as datas especiais durante as quais reúnem a comunidade para realizar algum rito e que se destacam de algum modo, tanto na comunidade rural como na urbana.

Em Ludke e André (1986), destaco as ideias de Bogdan e Biklen (1982), em que os autores discutem características básicas da pesquisa qualitativa:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantes descritivos.

² O acompanhamento a formas de manifestação da cultura popular foi feito desde janeiro de 2010 por meio de visitas e observação dos rituais como folias, rezas diversas, benzedeadas e benzedores, tanto em visitas nas residências dos agentes, como no momento dos ritos houve uma certa cumplicidade, afetividade, proximidade e relação de confiança entre a pesquisadora e os agentes sociais.

3. A preocupação com o processo é muito maior do que o produto.
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11-13).

O material foi organizado descritivamente³ priorizando: pessoas, situações, acontecimentos. Isto foi feito por meio dos procedimentos enumerados com foco em garantir o maior número de ocorrências registradas, tendo a preocupação com o processo e não somente o produto. Houve um cuidado especial em “capturar a perspectiva dos participantes” sem deixar de existir a acuidade do pesquisador, sendo pautados pela ética na pesquisa, para tanto, foi realizada a pesquisa do tipo etnográfica. Nesse sentido, Ludke e André (1986) esclarecem que,

Até muito recentemente as técnicas etnográficas eram utilizadas quase que exclusivamente pelos antropólogos e sociólogos. No início da década de 70, entretanto, os pesquisadores da área de educação começaram também a fazer uso dessas técnicas, o que deu origem a uma nova linha de pesquisas, que tem recibo o nome de “antropológica” ou “etnográfica”. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.13)

A pesquisa etnográfica cada vez mais vem sendo recorrente no campo educacional. Segundo Geertz (1989), trata-se de uma descrição densa, ou seja, rica em detalhes, que conferem significados sendo, no presente caso, manifestações de cultura popular em uma aglomeração urbana-rural de colonização italiana em Nova Veneza-Goiás.

Ludke e André (1986) alertam ainda sobre os desafios da abordagem etnográfica para o observador, o que exigiu neste trabalho habilidades específicas como: autodisciplina, comprometimento, inclusive a capacidade de guardar informações confidenciais, bem como alguns cuidados.

Um dos grandes desafios da abordagem etnográfica refere-se ao papel e às tarefas exercidas pelo observador. As habilidades exigidas desse profissional não são poucas nem simples. Algumas características essenciais para um bom etnógrafo apresentadas por Hall (1978), e que são frutos de suas experiências nessa área, são: a pessoa precisa ser capaz de tolerar ambigüidades; ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura e consistente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais. Desde os contatos iniciais com os participantes, o observador deve-se preocupar em se fazer aceito, decidindo quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser

³As descrições visam entender as formas pelas quais acontece a transmissão dos saberes e rituais simbólicos que permanecem na localidade até os dias de hoje, contrariamente à lógica de uma sociedade capitalista.

identificado com nenhum grupo particular. Esses cuidados são fundamentais para que consiga obter as informações desejadas. Além dessas qualidades pessoais e das decisões que deve tomar quanto à forma e à situação de coleta de selecionar e reduzir a realidade sistematicamente. Essa tarefa exigirá certamente que ele possua um arcabouço teórico a partir do qual seja capaz de reduzir o fenômeno em seus aspectos mais relevantes e que conheça as várias possibilidades metodológicas para abordar a realidade a fim de melhor compreendê-la e interpretá-la. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.17)

Tornou-se frequente a minha participação enquanto pesquisadora em eventos da cultura popular na comunidade bem como em suas residências para coleta de informações, gravações, fotos, filmagens. As visitas recorrentes geraram, como consequência, uma relação de confiança com os grupos sociais pesquisados.

As entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação. Algumas, embora relativamente abertas, centram-se em tópicos determinados ou podem ser guiadas por questões gerais (Merton e Kendall, 1946). Mesmo quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo. (BODGAN e BIKLEN, 1994, p.135)

Como apontam Richardson e colaboradores, “a entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B”. (RICHARDSON, 1999, p. 207). A partir da orientação dos autores utilizei, para este trabalho, a entrevista não estruturada que contou com alguns tópicos orientadores para que a recolha dos dados fosse feita de forma relevante e em profundidade.

A entrevista não estruturada, também chamada entrevista em profundidade, em vez de responder à perguntas pré- formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa. A entrevista não estruturada procura saber que, como e porque algo ocorre, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências, nas quais o pesquisador acredita. (RICHARDSON, 1999, p. 208)

As fotografias⁴ foram um poderoso instrumento que contribuíram na visualização e descrição dos dados. Tanto as fotografias das manifestações, que

⁴ Vale lembrar que as fotografias não foram profissionais, uma vez que a própria pesquisadora foi ‘a fotógrafa amadora’, pois, a pesquisa não dispôs de apoio no sentido de recursos financeiros. Assim, a mesma observação vale para as gravações e filmagens. Levando em consideração que durante a reza para as almas a filmagem foi feita por profissionais e devido ao custo oneroso não houve possibilidades de se

ocorreram no período da pesquisa, quanto às fotografias que os agentes possuem, referindo-se à construção do passado de sua família, reconstituem e contêm elementos ricos para compreensão do desenvolvimento das manifestações populares ao longo dos tempos. Vale lembrar que não somente as fotografias, mas também objetos guardam informações, “as fotografias e os objetos ligados a recordações podem servir de estímulo para a conversa.” (BODGAN e BIKLEN, 1994, p.137)

Ainda, a fotografia⁵ foi um importante instrumento para a produção do inventário das manifestações da cultura popular de Nova Veneza-Goiás.

Nas mãos de um investigador, uma máquina fotográfica pode ser utilizada de uma forma simples, para fazer o inventário dos objetos no local de investigação. O quadro das notícias, os conteúdos da estante dos livros, o que está escrito no quadro e a disposição do mobiliário podem ser registrados para o futuro estudo e análise. (BODGAN e BIKLEN, 1994, p. 140)

No momento dos rituais acontecendo não houve como entrevistar os agentes sociais, pois, correr-se-ia o risco de atrapalhar o percurso normal e a própria rotina dos momentos que, para os grupos distintos, são tão importantes. Neste caso, as fotografias tiveram como objetivo a complementação das anotações, entrevistas e demais procedimentos que foram utilizados, uma vez que puderam ser tiradas rapidamente sempre que surgia uma oportunidade, não exigindo perícia técnica e se constituindo como um instrumento que possibilitou certificar a sequência dos fatos, possibilitando uma organização mais exata do inventário das manifestações culturais.

No momento da pesquisa de campo foi utilizado um diário de campo pessoal e foram anotadas todas as informações possíveis e após cada observação foram transcritas. Ocorreram, assim, todas as transcrições de pessoas, lugares, acontecimentos e demais reflexões.

A estruturação da dissertação.

A ideia orientadora desta dissertação foi inventariar determinadas manifestações culturais populares como as benzeções, rezas e promessas, folia e memória da congada, presentes no cotidiano contemporâneo de determinadas parcelas da população residentes

prosseguir com as mesmas e ou fotografias profissionais. Nesse sentido, salientamos que devido à má qualidade de algumas fotografias não foi possível incluí-las neste trabalho.

⁵ Mesmo preservando a identidade dos agentes, as fotografias utilizadas nesta pesquisa foram autorizadas pelos entrevistados para ilustrar melhor o inventário, porém a identidade das crianças foram preservadas.

na cidade de Nova Veneza-GO. Manifestações estas, produtoras de um universo de saberes e práticas, integrantes de processos de formação humana, sendo, portanto, marcadamente educativas. Estrutura-se em duas partes que mantêm relações de correspondência teórico-empírica.

PARTE I - APORTES TEÓRICO-CONCEITUAIS:

a) - A contextualização do lócus da pesquisa: Nova Veneza – Goiás, com destaque para a ferrovia e a religiosidade como marca cultural;

b) - A Educação como processo socializador que se desenvolve nas manifestações culturais com destaque para a transmissão de saberes e esforços teóricos visando superar a dicotomia entre o formal e o informal: a legitimidade dos diferentes espaços de formação humana;

c) - A conceitualização de cultura, cultura popular e religiosidade popular.

PARTE II - INVENTÁRIO ETNOGRÁFICO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: INDICADORES QUE SUSTENTAM A CONCEPÇÃO DE QUE SÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS:

a) - Memória, Saberes, Tradição, Religiosidade, Sistema de Crenças e Transmissão Cultural;

b) - A Diversidade de Práticas e Saberes Populares, O Educador Social e Suas Práticas Educativas Expressas nos Ritos das Manifestações Culturais, com o foco nos universos educativos da Benzeções, Rezas e Novenas, Folias e Congada. Para analisar estas manifestações sob a lógica de seu caráter educativo elaborou-se entrecruzamentos a partir dos indicadores que sustentam a concepção de Educação como processo de formação humana que se desenvolve nas manifestações culturais.

Na sequência da comunicação da dissertação seguem-se as considerações finais possíveis de sustentação, a partir das mediações entre as orientações teóricas e empíricas.

PARTE I – APORTES TEÓRICO-CONCEITUAIS

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO *LOCUS* DA PESQUISA: NOVAVENEZA-GOIÁS

Hino de Nova Veneza

Bem vindos os estrangeiro que chegou primeiro neste lugar
Que fundou esta cidade com tanta bondade pra gente morar
Riqueza da agricultura com muita fartura que aqui surgiu
É a Veneza do nosso Brasil
Oh Nova Veneza oh cidade linda
Seus filhos te amam
Amamos mais ainda
Que Deus abençoe esta tua paz é Brasil Central no coração de Goiás
Os bons imigrantes, o povo brilhante que chegou
Plantou a semente que faz bem pra gente fruto do amor
Homens e mulheres, aumenta nossa fê e nos faz feliz
Quem ver o coral cantar em frente ao altar da nossa matriz
Oh Nova Veneza oh cidade linda
Seus filhos te amam
Amamos mais ainda (bis)
O cartão postal é flor natural
É o jardim da praça
Que os namorados são aventureiros tão cheios de graça
E os passarinhos constroem seus ninhos em plenas palmeiras
Manhãs de domingo alimenta do pingo que se encontra na feira.
Nossa Senhora do Carmo é tão lindo o Salmo tempo de festejo
A cidade em festa vem pagar promessa e outros desejos
Som da natureza com muita beleza ao amanhecer
Madrugadas de lua cheia o sabiá gorjeia quando vai chover
(e explica que no mês de setembro o sabiá fica exibido que só ele)
(José Murilo Beirigo (benzedor))

Nova Veneza é uma cidade do Estado de Goiás-Brasil, considerada de pequeno porte com 8.508 habitantes de acordo com o censo 2010, sendo 86% residentes na área urbana, somando um total de 7.317 pessoas. Na área rural estão 14% da população, perfazendo um total 1.191 residentes. O município abrange uma área de 123,377 Km². Nova Veneza é uma localidade interiorana situada na rede metropolitana da capital e está a 29 km de Goiânia. Tem como limítrofes os municípios de Nerópolis, Damolândia, Brazabrantes, Inhumas, Santo Antônio, Ouro Verde. Foi elevada a categoria de município pela Lei Estadual nº 2095, de 14 de novembro de 1958.

Encontra-se o histórico do município descrito no site do IBGE, cuja fonte é a da Prefeitura Municipal, por sua vez, baseada no primeiro histórico da cidade feito pela professora Isis Maria Gonçalves (1992), e ainda em leis e decretos estaduais e municipais. Consta o seguinte texto no site do IBGE:

A povoação teve início em 1924, com a vinda dos irmãos João, Cesário e Joaqui Stival, italianos de Veneza, que adquiriram a fazenda de Manoel Ivo, por dez contos de réis, doando 4,5 alqueires para a formação do patrimônio. Nas imediações da fazenda, já viviam as famílias Loures, Sousa, Alves, Santos, Ferreira, Vargas, Peixoto, Constantino, Faquim, Bosco e Bisinoto que, com o fundador, constituíram os primeiros habitantes. O início do traçado urbano foi assinalado pela construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, cumprindo promessa de João Stival, seguindo-se outras construções, cuidando-se paralelamente das atividades agrícolas e pecuárias, suporte da economia da povoação nascente. A povoação tornou-se conhecida, inicialmente como “Colônia dos Italianos”. Passando a denominar-se, posteriormente, Nova Veneza, em reverência à terra natal de seus fundadores. Em 1930, pela Lei Municipal nº 9, de 12 de setembro, passou a ser sede do distrito de Brasabrantes (ex- São João). Treze anos depois, pelo Decreto-Lei Estadual nº 8305, de 31 de dezembro de 1943, teve o topônimo alterado para Goianaz e o território diminuído, em virtude da restauração do antigo Distrito de São João. Com a crescente atividade agrícola e pastoril, o Distrito de Goianaz atingiu grande prosperidade, obtendo sua emancipação através da Lei Estadual nº 2095, de janeiro de 1959, restaurando o topônimo Nova Veneza. (IBGE, 2010)

Há ainda uma curiosidade que remonta a história do início do povoado, principalmente no que diz respeito à atividade econômica ligada ao comércio. De acordo com depoimentos populares havia na região rural de Santa Bárbara um “Armazém”, que abastecia não apenas a região do povoado de Nova Veneza, mas, também, todos os municípios vizinhos. Era uma espécie de galpão em que se vendia sal, açúcar, tecido, querosene, dentre outros. Segundo depoimentos, o proprietário era um “turco” (nomeação popular atribuída a comerciantes libaneses). Este fato interessante está guardado na memória de alguns habitantes e se encontra registrado na lei municipal nº 250, a respeito do histórico de sua formação administrativa que sempre expressa o que há de visível na localidade onde localizava-se o tal armazem. Neste caso, o comércio era intenso, conforme atesta a lei a respeito do distrito que era ligado administrativamente ao município de Anápolis:

Distrito criado com a denominação de Nova Veneza ex-povoado de Santa Bárbara da Cachoeira, pela lei municipal nº 250, de 12-05-1927, subordinada ao município de Anápolis. Em divisões datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937 o distrito figura no município de Anápolis. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Nova Veneza permanece no município de Anápolis. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o distrito de Goianás figura no município de Anápolis. Elevado a categoria de município com a denominação de Nova Veneza, pela lei estadual nº 2095, de 14-11-1958, desmembrado de Anápolis. Sede no antigo distrito de Goianás, ex-povoado. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1959. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído sede. (IBGE, 2010)

O texto aponta que antes da denominação “Nova Veneza”, anteriormente era “povoado de Santa Bárbara”. “A história de Nova Veneza está também diretamente ligada a imigração italiana” (GONÇALVES, 1992, p.1).

De acordo com Domingos e Moreira (2010), a cidade de Nova Veneza permanece com essa denominação de 1924 até a Segunda Guerra Mundial, quando nesta época passou a chamar-se Goianás⁶. Sabe-se que, durante a Guerra, a Itália era aliada da Alemanha, e isso gerou certo desconforto por parte dos italianos residentes aqui, por isso, a mudança do nome da cidade. A partir de 1958, a cidade se emancipa e recebe novamente o nome de Nova Veneza. Hoje, a administração do município exalta a imigração italiana como um incentivo turístico da cidade. Em toda a cidade pode-se observar a bandeira italiana pintada em cores fortes nos postes e bancos das praças; esculturas de inspiração greco-romana enfeitam as praças e avenidas. A cidade representa um hibridismo entre cultura italiana e manifestações populares goianas.

De acordo com Pereira (1967), Nova Veneza é,

[...] um agregado humano com residência estável numa certa área geográfica, na qual concentra ponderável variedade de instituições fundamentais e comuns desse agregado. Uma vez que essas instituições e associações desde que localizadas na área de residência, operam como forças centrípetas e atuam em conjunto, como foco de vida comunitária nesta área. Quando situadas fora, operam como forças centrífugas negativas ou contrárias à existência de uma estrutura comunitária na localidade da residência. (PEREIRA, 1967, p. 21)

Recentemente, Nova Veneza tem apresentado uma nova forma de ocupação territorial: os condomínios de Chácaras de recreio ou mesmo moradia. Esta forma de ocupação tem se desenvolvido nos arredores da cidade em áreas que eram antigamente fazendas e que aos poucos estão sendo divididas em pequenas chácaras. Tal situação tem atraído para a localidade investimentos de pessoas de diversos lugares e movimentado o comércio de materiais de construção. Segundo algumas pessoas, a expansão imobiliária tem gerado oportunidades de emprego, mesmo que temporárias, como é o caso de pedreiros, serventes, empregadas domésticas e/ou diaristas.

Outro fator observado é que há poucos anos foi descoberta, no subsolo da região da Serra, uma grande quantidade de minerais que podem ser explorados. Contudo, por hora, há apenas uma pedreira na região, marcando a primeira iniciativa do processo de exploração.

⁶ Fato contado no Histórico de Nova Veneza, elaborado pela Professora Isis Maria Gonçalves.

Há também loteamentos novos em andamento dentro do espaço urbano, o que tem propiciado o crescimento dessa área do município de uma forma mais ordenada e planejada. Leva-se, em média, quarenta minutos para percorrer o espaço compreendido entre a saída da cidade à capital Goiânia. Esse é o tempo, muitas vezes, gasto por aqueles que residem em bairros mais afastados de nossa capital para chegarem a seus destinos diários, o que faz de Nova Veneza uma cidade satélite ou ainda podendo ser considerada “bairro de Goiânia”, em função de sua facilidade de acesso.

Nova Veneza dispõe de cinco unidades escolares, sendo, duas estaduais, duas municipais e uma particular. É bom lembrar que todas as escolas rurais do município foram extintas e os alunos remanejados para a zona urbana, hoje, atendidos pelo programa de transporte escolar rural. Há também transporte de alunos universitários para a capital nos turnos matutino e noturno havendo, a nosso ver, necessidades no turno vespertino que, por hora, ainda não é atendido.

Destaca-se ainda o Museu Histórico do município cujo projeto foi iniciado pela professora Judite Maria Stival.

Foi construído recentemente um Centro Gastronômico localizado entre o museu e a antiga e única Biblioteca Municipal, que parece resistir ao tempo com seu pequeno e antigo acervo e seu pequeno e antigo prédio. Essas construções localizam-se em frente à praça da matriz, local em que é realizado o Festival Gastronômico e Cultural de Nova Veneza.



FOTO 1. Apresentação de dança no Festival Gastronômico e Cultural de Nova Veneza-Go. Thalyta Martins



FOTO 2. Missa na Abertura do Festival Gastronômico e Cultural de Nova Veneza. Thalyta Martins.

O festival tem movimentado a cidade nos dias de sua realização quando a cidade se enfeita com as cores da Itália, suas danças, sua comida típica, shows, merecendo destaque o intercâmbio cultural com a cidade de Nova Veneza em Santa Catarina. O sucesso comprovado tem tido o apoio dos governos, federal, estadual, municipal, sendo divulgado em todo o país e fora dele.

Nova Veneza sempre foi uma cidade festiva e sua religiosidade bem expressiva. A festa da padroeira — Nossa Senhora do Carmo — também é uma manifestação importante da composição da cultura da cidade, aliando-se também às festas de Rosa Mística, Nossa Senhora Aparecida e algumas outras rurais como a Festa de Santa Mônica e a Festa de São José.

Em alguns documentos oficiais (histórico do município, panfletos divulgados pela prefeitura) percebe-se sempre a preocupação em se preservar a história e a cultura do município, como no texto a seguir expresso no Plano Municipal de Habitação de Nova Veneza:

O município de Nova Veneza, conhecido por sua beleza e pela força de suas tradições fundamentadas na cultura italiana, passa em 2010 a pertencer a Região Metropolitana de Goiânia e, junto a mais onze municípios, tem agora o desafio de aliar o crescimento populacional impulsionada por esta inclusão ao desenvolvimento socioambiental. Além deste fator, espera-se para os próximos anos um significativo desenvolvimento econômico gerado pela instalação da linha férrea em seu território e conseqüente atração de indústrias para a região. (Plano Municipal de Habitação de Nova Veneza, 2010, p. 4)

O texto expressa a tradição italiana e os novos desafios vindouros, tanto no que diz respeito ao crescimento populacional quanto à possibilidade de atração de indústrias após a instalação da linha férrea.

Sua pré-construção foi noticiada em 1924 em “A Informação Goyana”, como uma próspera cidade no Estado de Goiás.

Situada junto a grande colônia italiana, na zona do Mato Grosso Goyano, distante oito léguas de Anápolis e quatro de Goyabeiras, vae ser construída a nova e futura cidade de “Nova Veneza”, cujos trabalhos já estão sendo começados e brevemente será lançada a pedra fundamental da grande Urbes Central Goyana. Será uma cidade modelo única no Estado. Os trabalhos técnicos foram confiados ao ilustre engenheiro civil Dr. Carlos de Seixas Pereira. Nos arredores da futura cidade estão formados (300.000) trezentos mil pés de café e esse numero tende a aumentar em virtude das novas plantações de preciosa rubiácea. Dezenas de grande invernadas de capim Jaraguá e Catingueiro, circundam a futura “Nova Veneza”. O patrimônio está situado a margem esquerda do Ribeirão da Cachoeira e tem a altitude acima do nível do mar, de 800 metros aproximadamente. As avenidas terão a largura de 18 (dezoito) metros e as ruas 16 metros. A praça da matriz, onde vae ser construído um bello jardim, tem área de um hectare. As ruas, praças e avenidas serão arborizadas com gosto. Todas as casas serão construídas de tijolos. Nenhum prédio coberto de capim será construído na cidade. Todos os edificios serão construídos de acordo com o regulamento da cidade, obedecendo ao plano traçado pelo engenheiro encarregado da execução do trabalho. É padroeira da “Nova Veneza” Nossa Senhora do Carmo. (A INFORMACAO GOYANA, 1924 apud, DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p.9)

O projeto inicial contava com as ruas largas e lotes espaçados, os quais ainda podemos hoje visualizar nas regiões mais centralizadas. Observa-se que os loteamentos novos já não seguiram este padrão, apresentando ruas mais estreitas e lotes menores. Mas, a religiosidade (como se nota no final do texto a ênfase em dizer a padroeira da nova cidade) que é o objeto desta pesquisa, continua desde a criação sendo de grande importância para a localidade. Isto no que diz respeito à religião institucionalizada e a popular que não deixa de seguir a institucionalizada, mas ainda cria outras formas de expressão.

Nova Veneza apresenta-se como “uma boa cidade para se viver”. É uma cidade de pequeno porte, porém organizada e aconchegante, apesar de não conseguir atender as demandas por emprego, proporcionar um atendimento especializado no setor da saúde, dentre outros serviços necessários. Situa-se num local estratégico, próxima a três grandes cidades que têm servido de apoio neste sentido, trata-se da capital Goiânia, e das cidades de Inhumas e Anápolis que servem de apoio tanto no que se refere a serviços ligados ao comércio, quanto à saúde e educação.

1.1.1. A Ferrovia vem rompendo

Um dado interessante, que observei através das visitas de campo, é que boa parte dos moradores do meio rural possuem familiares que vivem na zona urbana, geralmente por motivos como estudo, trabalho, aposentadoria, saúde ou mesmo por opção. Ainda nesta análise, outro dado que impulsionou a saída de famílias da zona rural, especialmente da região Souza e proximidades, foi à instalação da Ferrovia Norte-Sul. Dentro dos moldes legais, o processo gerou a desapropriação de propriedades rurais, não restando às famílias outra alternativa a não deslocarem-se da área. A princípio, muitos não gostaram da ideia de se deslocar. Vale lembrar que, durante esse período, técnicos territoriais, antropólogos, arqueólogos, dentre outros, estiveram no município pesquisando tanto a cultura material como a imaterial, na localidade a ser modificada pela ferrovia. Esse foi um trabalho pioneiro de localização de sítios arqueológicos, bem como do registro da cultura local, sendo que parte do trabalho ainda não está concluída e estando a cargo da Fundação Aroeira a finalização da pesquisa para a ferrovia. Mas, o fato é que, conforme se efetiva o processo de desapropriação, os grupos familiares vão migrando para a zona urbana e trazendo consigo o arcabouço cultural. Um dos rituais denominado “Festa do doce”, promessa feita na época dos “revoltosos”⁷, veio junto com essa migração e esteve presente no primeiro ano em que o ritual deixou de ser rural para se tornar urbano.

Uma parte inicial deste trabalho de salvaguarda da história e memória apontou para elementos que remontam a ocupação histórica do estado de Goiás dentre outros aspectos importantes.

As vantagens do meio físico somam-se aos esforços particulares e oficiais para reforçar o povoamento na parte sul de Goiás. As estradas carroçáveis interligadas ao Estado Mineiro explicam o movimento e o povoamento na região. Além disso, ressalta-se ainda a reorganização administrativa de 1830 a 1860, com a elevação de

⁷ De acordo com Domingos e Moreira, (2010), a passagem Coluna Prestes, os chamados “Revoltosos”, se deu também em Anápolis na data de 1925. Esses dados foram coletados e aparecem na fala de alguns entrevistados. Eles são narrados conforme ouviram de seus antepassados e estão presentes nesta pesquisa por considerarmos como importante fato histórico guardado ainda na memória de um determinado grupo. Nesse sentido, ainda há dados gravados que não foram transcritos.

“Diante do avanço das forças legais que reprimiram os levantes de 1924 em São Paulo, os revoltosos decidiram deixar a capital paulista no dia 28 de julho, iniciando sua marcha pelo interior do estado na direção sudoeste. Ingressando no Paraná, em setembro conquistaram Guaíra, Foz do Iguaçu (onde estabeleceram seu quartel-general) e depois Catanduvas. Nessa região, permaneceram até abril de 1925, enfrentando as forças federais em uma série de combates [...]. Iniciando a marcha, a coluna concluiu a travessia do rio Paraná em fins de abril de 1925 e penetrou no Paraguai rumo a Mato Grosso. Em seguida, percorreu Goiás, entrou em Minas Gerais e retornou a Goiás.”

In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/ColunaPrestes>

vários Arraiais a categoria de Vilas e a reestruturação judiciária (divisão da província em quatro comarcas) impulsionaram uma nova rede de povoamento nas áreas rurais em expansão. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p.5)

Nesse sentido, pode-se afirmar que havia um esforço histórico para iniciar o processo de povoamento na parte Sul de Goiás, visto que já havia estradas carroçáveis que o interligavam ao Estado mineiro. O que explica porque boa parte dos goianos advém do estado de Minas Gerais. No período entre 1830 a 1860, os Arraiais e Vilas estavam passando por reestruturação judiciária impulsionando o povoamento em áreas rurais. A procura por terras de “cultura” em Goiás torna-se uma constante.

As décadas de 20 e 30 marcaram um período de grande circulação de mercadorias entre Nova Veneza e Anápolis, e de lá o café e arroz produzido, dentre outros bens, seguiram para São Paulo. Os italianos além de possuírem imensos campos de café, compravam a produção de outros lavradores, beneficiavam o produto e transportavam para a sede do município. As famílias Stival e Peixoto possuíram máquinas de beneficiamento, além de maior poder aquisitivo para fazer as transações de mercadoria. Eis uma matéria de revista A Informação goyana de julho de 1925 que remete a “colônia dos italianos” como principal produtor de café do município e até mesmo do Estado. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 09)

A região rural de Nova Veneza era grande produtora de cereais, principalmente de café e arroz, como apontam os autores e pelo visto são concordes com alguns depoimentos dos agentes sociais entrevistados para a pesquisa.

Segundo apontam Domingos e Moreira (2010), e de acordo com o que ouviram dos moradores, no município de Anápolis, além de saques em dinheiro, animais, roupas de uso, capas etc., os “revoltosos” mataram grande número de reses e suínos. Os “revoltosos” passaram por Nova Veneza e Damolândia, provocando uma mudança radical na vida tranquila dos moradores dessas redondezas. Os relatos dos moradores coincidem com os acontecimentos do período,

Prestes , em sua arrancada para o norte do País, esteve nas cercanias de Anápolis. Formavam essa coluna: - o comandante, general Miguel Costa, coronel Luiz Carlos Prestes, os tenentes-coronéis Antônio de Siqueira Campos, Juarez Távora, João Alberto Lins de Barros (...). Além do Dr. Pinheiro Machado e de soldados rasos, faziam parte da coluna os civis que aderiram ao movimento. A todos, o povo dava o nome de “Revoltosos”. (FERREIRA, 1981; BORGES, 1993 apud DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 11)

Assim, para Domingos e Moreira (2010), as famílias mais antigas de Nova Veneza ainda possuem uma memória muito viva sobre a passagem dos “revoltosos” pela região, mesmo com o fato de não terem presenciado o episódio, as pessoas que ainda

dão o testemunho relatam as histórias repassadas por seus antepassados. Esses relatos merecem maior atenção nas pesquisas historiográficas, tendo em vista que um estudo sobre a memória da passagem dos “revoltosos” é relevante num quadro tão escasso sobre esse capítulo da história de Goiás. Nesse sentido, o ano de 1925 é marcante para as famílias instaladas na região que hoje compreendem o município de Nova Veneza, como percebe-se num relato citado pelos autores:

A vó do marido da cumade Helena fez uma promessa que os homens daqui estavam sendo surruteado. Aí ela fez a promessa pra São Sebastião pra chamar o menino. Só daqui de casa foram levados dois cunhados, o Afonso e o cumpadre João Pinto. Os revoltosos pegava e levava. Eles andavam a manada. Daqui eles levou também um cavalo, né, a minha sogra contava porque não foi no meu tempo. Ela tava de resguardado, ai eles não fizeram proeza nenhuma com ela, só pediu o cavalo e meu sogro mandou levar. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 18)

Outra lembrança ilustra também este período da história:

Além da passagem dos revoltosos, dona Divina Loures ainda relata o cotidiano das fazendas há 50 décadas passadas, como a passagem de ciganos, tropeiros e mascates, a fazenda Varjão servia como pouso para esses comerciantes que durante um longo período serviam como fonte dos produtos que não eram encontrados na região, ou necessitavam de longa viagem para se ter acesso a eles. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 18)

A partir desses elementos, pode-se visualizar parte de como funcionava o comércio da região.

De acordo com o levantamento realizado por Domingos e Moreira (2010), ao recolherem depoimentos e registros de memória da localidade para salvaguarda da história local, a ferrovia estava destinada a passar e modificar tanto a paisagem como os aspectos da história e da cultura, depararam-se com algumas divergências entre a história oficial de Nova Veneza e a história oral narrada pelos entrevistados. Os autores encontraram dados relevantes e conflitantes. Ressaltam, contudo, que “uma das grandes dificuldades de se trabalhar com a história oral como fonte, é o problema de divergência dos relatos, devido à memória herdada, ou seja, os fatos não foram vivenciados pelo narrador, gerando distorções referentes a datas e nomes” (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p.18). Porém, salientam que tais dados não devem ser desconsiderados pelo ofício do historiador.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância e memórias subterrâneas que, como parte integrante das

culturas minoritárias e dominantes, se opõem à “Memória Oficial”. (POLLACK, 1992 apud, (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 18-19)

Nesse sentido, é importante considerar a fala dos marginalizados que compõem as “minorias” representativas como mecanismos que sirvam para entender os processos culturais frente à cultura dominante e à cultura dominada.

Domingos e Moreira (2010) afirmam ainda que essas questões levam a considerar que a existência de ambas as versões sobre a fundação da cidade de Nova Veneza sejam relevantes para o ofício do historiador, pois a história escrita oficial demarca as lutas de representações que os grupos dominantes impuseram para determinados objetivos; enquanto a história ouvida e falada demarca a tentativa dos grupos de reivindicarem o seu espaço e a sua atenção na construção da cidade. O tempo demandado para essa pesquisa não permitiu maior aprofundamento. Trata-se apenas de um estudo com o intuito de fazer um diagnóstico do município, entretanto, segundo apontam, essa problemática se torna um campo fértil para a pesquisa. Há, portanto, a necessidade de levantamento de mais dados, de busca nas escrituras antigas, de que se faça uma genealogia das famílias fixadas na região, entre outros. Nesse sentido, afirmam que o que “se percebe é que a memória da família Souza sobre a construção da cidade difere em grande medida do histórico apresentado pela prefeitura.” (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p.20)

O fato dos autores detectarem divergências em fatos históricos facilita a reflexão de que a história nunca é a mesma contada por grupos distintos, mesmo tendo sido vivida nos mesmos tempos e espaços.

Assim, no decorrer desse povoamento as sociedades humanas modificaram a natureza para atender as necessidades cotidianas, transformando-a em patrimônio que foi transmitido as gerações sucessivas. Essa relação entre natureza, ação humana e relações sociais, que por sua vez resultaram em um mosaico cultural da região estudada é o objeto de nossa análise. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 6)

É bem propício o modo pelo qual Domingos e Moreira abordam o assunto. Pode-se dizer que fica claro e visível neste trabalho que, para atender as necessidades humanas em seu cotidiano, os agentes sociais vão transmitindo seu patrimônio (material ou imaterial, por vezes ambos) às gerações posteriores e estas relações sócias resultam “neste mosaico cultural” que para mim também é objeto de análise.

1.1.2. A Religiosidade como marca cultural

No Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Carmo encontrei algumas informações sobre a formação histórica do município, fatos narrados pelo Pe. Frei Henrique Ciocci e datados de 1974.

[...] O presente Livro para histórico da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Nova Veneza. Servirá para nele se lançarem principais fatos e acontecimentos da PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE NOVA VENEZA = MUNICÍPIO DO MESMO NOME = (Est. De Go.) Sendo que o Livro Tombo antigo está desaparecido. [...] (LIVRO TOMBO, 1974, p. 4)

O Pe. Ciocci avisa que, por este motivo, fez algumas notas retrospectivas, mas, datadas de 1974, justificando o desaparecimento do Livro Tombo anterior a esta data.

Esta região, que é o atual Município de Nova Veneza, era uma Sesmaria denominada Fazenda Barra da Cachoeira de propriedade do Sr. Manoel Ivo. Em 1911 e 1912 as famílias do Sr. Cesário Stival e do irmão João Stival é que vieram de Capim Branco hoje Guaximamunicípio de Conquista ou do município de Sacramento no Estado de Minas Gerais. E assim outras tantas famílias daqueles municípios mineiros. Vieram desbravar estas terras como a família do Atilio Constantino e depois a Família Peixoto. Com os Stival vieram também a Família Bosco. No lugar já morava a Família Fachim e bem depois a Família Bosco. No lugar já morava a Família Manoel Antônio de Souza. (cfr. Nota: às pgnas 13) Visitas de Padres nesta região. É necessário pôr um preâmbulo ao assunto. Na época em que as primeiras famílias iniciaram a estabelecer-se por estas partes a única jurisdição eclesiástica era de Goiás-Cidade, de 1957 para cá começar a pertencer à Arquidiocese de Goiânia, de 1966 à Diocese de Anápolis (criada em 28/10/1966). (LIVRO TOMBO, 1974, p. 11)

Neste percurso entre ser uma sesmaria e se tornar cidade e Paróquia, o padre explicou que a jurisdição eclesiástica era de Goiás, depois Goiânia e, por fim, como assim é até a presente data pertencente à cidade de Anápolis.

Quanto às desobrigas, ele explica que:

“Os primeiros Padres que missionavam esta região vinham de Anápolis (então chamada Antas) vinham a chamado ou em desobriga passando por Nerópolis (que naquele tempo chamava-se Serrado e já existia). O pessoal mais antigo recorda-se ainda de vários nomes Padre Angelo, Padre Oscar e bem mais recente Padre João Olímpio Pitaluga, que foi Vigário da Paróquia Bom Jesus de Anápolis por muitos e muitos anos.” (LIVRO TOMBO, 1974, p.11-12)

Outro fato importante e que demonstra a religiosidade desde o princípio,

Aos cinco dias do mês de Junho de 1924 o Senhor João Stival p/ prôcur. Achilles de Pina – as terras evam em nome dele, mas os condôminos reais eram várias pessoas, como irmãos, parentes e outras – passou escritura em Anápolis de uma parte de gleba

como Patrimônio em Louvor a Nossa Senhora do Carmo – Estava com Ele em Anápolis o Senhor Domingos Peixoto que me referenciou o nome do Escrivão: Crystalino Bernardino da Costa e que na saída de Anápolis se abrigaram em uma casa em construção devido uma forte chuva, donde a gente deduziu que era no início do ano de 1924 (sendo tempo de chuva). A respeito do tamanho em alqueires de chão, do patrimônio escriturado as referências não são concordes, somente concordam num particular: que o Engenheiro Dr. Carlos Seixas que fez o loteamento do Patrimônio, em pagamento do trabalho ficou com 4 (quatro) alqueires para a Padroeira. A Escritura foi lavrada a 05 de Junho de 1924. (LIVRO TOMBO, 1974, p. 12)

Quanto à primeira missa, não se registrou a data certa mas algumas informações puderam ser destacadas:

Não foi possível descobrir a DATA CERTA DA CELEBRAÇÃO DA PRIMEIRA SANTA MISSA, mas com toda probabilidade deve ter sido no fim do mês de Setembro. Padre Pelágio Sauter⁸, redentorista, Santo Sacerdote, muito estimado pelo povo e que morreu em conceito de homem de Deus, é quem celebrou a Primeira Santa Missa no lugar onde logo o Povo construiu a primeira capela e depois a atual Igreja Matriz, dia 19 de Junho de 1924. (LIVRO TOMBO, 1974, p. 12-13)

Padre Pelágio esteve presente no princípio da história de Nova Veneza. Mesmo não se sabendo a data correta da primeira missa, afirma-se ter sido no mês de setembro. Já no histórico de Gonçalves (1992) é expressa a seguinte data:

O processo histórico de Nova Veneza é altamente vinculado ao problema religioso. Foi escolhida Nossa Senhora do Carmo para ser a padroeira do município porque as famílias Stival e Faquim eram devotas dessa Santa. A 1ª missa foi celebrada dia 19.06.1924, as 10:00 horas pelo padre Pelágio Sauter, missionário redentorista, muito estimado pelo povo. (GONÇALVES, 1992, p. 6)

Percebe-se que desde o início da cidade a questão religiosa estava vinculada às ações da população. “Em virtude da religião, todo 1º Domingo do mês às 14:00 horas rezava-se o terço, na Igreja, ou nas residências. Era costume ter uma cerimônia especial na Semana Santa”.(GONÇALVES, 1992, p. 8). O que observa-se até hoje. Tanto nas cerimônias especiais na Semana Santa quanto nas celebrações normais (a igreja está

⁸ Sobre o Padre Pelágio, o Benzedor E. 79 anos nos contou, não se lembrando da data exata, um episódio interessante. Ele e a esposa foram convidados para batizar uma menina recém-nascida. Porém, o pai da criança era casado na igreja e separado, a mãe nunca havia sido casada. Então, os padres de cidades próximas, por este motivo não quiseram batizar a criança e os padrinhos ficaram sabendo que o Padre Pelágio batizava criança nascida de união neste sentido. Foram para Goiânia, os quatro e a criança num Jeep, e procuraram por Padre Pelágio na Matriz de Campinas. Chegando lá, contaram ao padre a situação e o padrinho disse: “padre, a criança não tem culpa de nada. Então. o Sr. poderia batizar esta criança porque criança não pode ficar sem batizar”. Segundo ele, o padre ficou pensativo e perguntou onde moravam. Então disseram: “Damolândia”. Naquele mesmo instante o padre disse: “Então vamos batizar esta menina agora, é muito longe pra vocês voltarem outro dia”. E aconteceu o batizado naquele mesmo dia em que procuraram o Pe. Pelágio.

sempre cheia, tanto é que recentemente passou por reforma e ampliação) e ou comemorativas como a festa da padroeira e outras organizadas pela paróquia. A religiosidade do povo de Nova Veneza é, por assim dizer, uma característica marcante.

As missões populares também representaram um momento de evangelização e presença do cristianismo entre as localidades nascentes, fazendo parte do processo de cristianização, como dizem alguns autores.

A construção da primeira capela, segundo os registros do Livro Tombo, se deu conforme o relato a seguir:

“Juntaram várias pessoas como Florindo Stival, Lepido Facchin, Ecce Homo Facchim, João Vieira Mota e muitos outros, formaram um mutirão e roçaram no meio do mato uma boa quadra e neste roçado debaixo de uma arvore (=jacarandazinho)⁹ O Padre Capela em louvor de Nossa Senhora do Carmo.”
(LIVRO TOMBO, 1974, p.13)

A construção da capela foi feita em regime de mutirão e, segundo dados do próprio Livro Tombo, a árvore de jacarandazinho “aturou muitos anos” servindo de torre para pendurar o sino da igreja.

Novamente o Pe. Frei Henrique Ciocci reitera o desaparecimento do primeiro Livro Tombo, apresentando uma hipótese.

Houve discursos, foi aberto um Livro e lançada a primeira ata (O Livro até o presente está desaparecido. Naturalmente escondido em casa de alguém). Quem abriu o livro e o rubricou foi o senhor João Vieira Mota que também leu ainda uns assuntos como por ex. o Orador acenando a possibilidade futura de ser uma Capital).
(LIVRO TOMBO, 1974, p. 13-14)

No que se refere à doação da primeira imagem, tem-se os seguintes dados:

No ano seguinte um Senhor de Anápolis por nome Achiles de Pina doou e trouxe a Primeira Imagem de N. S. do Carmo. Na vinda a Comitiva encravou na estrada devido as chuvas. Não muito tempo depois, um doido quebrou a Imagem. A atual Imagem de N. S. do Carmo que está no vidro é a terceira. A Imagem de São Sebastião foi doada pelo Senhor Francisco Peixoto e Domingos Peixoto. Obs: a terceira imagem de N. Sra. Do Carmo grande atual foi doada pela Sra. Teresa Peixoto Stival em 1958. Logo iniciou-se a construção das primeiras residências, botecos, lojinhas, bares etc. O patrimônio foi crescendo e desenvolvendo organizaram-se os primeiros grupos escolares. (LIVRO TOMBO, 1974, p. 14)

⁹ Transcrito da mesma forma que consta no Livro Tombo.

Como boa parte das cidades brasileiras, Nova Veneza constituiu-se em torno de uma igreja tendo como um dos impulsionadores da vida em comunidade ao lado do trabalho a religiosidade presente.

Sobre a criação da Paróquia em 04/02/1941 temos o seguinte relato: “Foi criada Paróquia em quatro de Fevereiro de 1941. Sendo primeiro Vigário oficial Padre Feliciano S. Robles espanhol Vigário de Inhumas – Padre Feliciano Robles ficou tomando conta durante cinco anos de 1940 até 1945 (1º de Julho de 1945)” (LIVRO TOMBO, 1974, p.15). Mesmo antes da oficialização, percebe-se todo um esforço da comunidade para edificar um espaço destinado a orações e uma região central foi escolhida para este início.

A nota retrospectiva na página 17 do Livro Tombo traz:

“No dia de Santa Barbara = 04 de Dezembro de 1912 em número de 42 pessoas (42) com carros de bois (7 e uma carroça) e todos os pertences chegaram debaixo de grossas chuvas – as famílias Stival e Fachim na atual fazenda Jerivá, sendo uma Mata enorme e bonita, às margens da Barra da Cachoeira e aí se arrancharam. Fim de Nota”.

O que demonstra a forma da chegada das famílias que vinham povoar o sertão de Goiás.

Em 1977, com a realização da Festa de São Sebastião¹⁰, percebemos o quanto as regiões rurais se faziam presentes em movimentos da Igreja ou mesmo em campanha para organização e melhoria da mesma. No caso, a campanha para os sinos da Igreja foi feita por meio da participação do povo em novenas e em doações. O mesmo se percebe em doações de café no mesmo ano. A partir da campanha do café, expressa nas páginas 49 e 50 do Livro Tombo, constata-se 57 doadores de sacas de café para a igreja local com o intuito de compra do carrilhão de sinos.

Também percebemos o que apareceu em vários depoimentos quando os agentes sociais diziam “nós veio trabaiá na lavoura de café”, demonstrando que o município em um tempo remoto foi um importante produtor de café. O carrilhão, de acordo com os registros, não foi adquirido somente com esta renda, como também em outros tipos de campanha. Todavia, procuramos enfatizar a parte agrícola numa dada época da história do município, bem como suas famílias e a ligação com a religiosidade local.

A formação religiosa da cidade pode ser observada a partir do acervo fotográfico hoje pertencente à professora Cleusa Maria Gonçalves.

¹⁰ Santo presente nas manifestações populares pesquisadas, tanto em folia como em novenas.



FOTO 3. Local onde é hoje a Praça da Matriz. O cruzeiro abençoando o início da cidade.

Acervo Pessoal de Cleusa Maria Gonçalves



FOTO 4. Santas Missões e a participação efetiva do povo. Cruzeiro sendo erguido como símbolo das santas missões.

Acervo Pessoal de Cleusa Maria Gonçalves

A foto 3 indica o local onde hoje é a praça central da cidade. Não foi possível identificar a data correta das duas fotos que se seguem. Elas são úteis para visualizarmos a formação do núcleo histórico, religioso e onde atualmente é construída a Igreja Matriz na praça central da cidade. Na foto 4 podemos notar as Missões Populares e grande envolvimento da população nesse evento religioso.

As missões religiosas enfatizavam as crenças e a fé no cristianismo dentro de um processo de constituição histórica e cultural do município.

De acordo com os registros históricos oficiais, o núcleo religioso da cidade surge de uma “promessa”. Como sinalizado anteriormente, “o início do traçado urbano foi assinalado pela construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, cumprindo promessa de João Stival”.

1.2. CULTURA, CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE POPULAR.

Os processos que envolvem a cultura, bem como a tentativa de entender esta denominação “cultura popular”, impõe-se que se apreendam ao longo de diferentes processos históricos alguns elementos desta constituição com o objetivo de analisar conceitos teóricos que envolvem a religiosidade dentre as várias manifestações da cultura popular.

1.2.1. Elementos referenciais para compreensão do universo da cultural.

[...] A cultura e o cultural não estão tanto naquilo que se transmite, mas naquilo que se faz com o que se transmite, compreendendo um processo de reprodução cultural e social das divisões de classe da sociedade. (LOPES, 1999, p. 64).

De acordo com Lopes (1999), torna-se necessário evitar análises que associem a cultura erudita ao conhecimento universal, racionalmente organizado, estruturado em bases lógicas, e que considerem a cultura popular como o conhecimento destituído de lógica e racionalidade, amorfo e ou disperso. Análises que defendem a necessidade de a escola compreender, criticar e superar os limites da cultura não-erudita. Tal visão igualmente organiza uma hierarquia axiológica entre o diferente, a cultura erudita, a cultura dita cultivada ou alta cultura, e cultura popular, dita não-cultivada ou baixa cultura. Há nesse sentido que se considerar que existem diferenças culturais, não havendo como negá-las:

[...] negar essas diferenças culturais me parece ser uma forma de negar, ou ao menos de menosprezar, a divisão social existente na sociedade capitalista. Acrescente-se que, se exacerbarmos essa questão, não podemos falar em homogeneidade cultural nem mesmo dentro de uma dada classe social: a cultura do operário, por exemplo, é diferente da cultural dos trabalhadores sem-terra. Um dado segmento de classe tende a organizar um sistema simbólico minimamente autônomo, formador de um universo coerente, em qualquer condição social, e constitutivo de uma cultura, ainda que a dominação social implique efeitos simbólicos sobre grupos dominados e dominantes que ela engloba. (LOPES, 1999, p.74)

Se há esta divisão de classes na sociedade capitalista, logicamente, que as formas de cada uma delas se expressar não serão as mesmas. Assim sendo, não se pode falar em homogeneidade cultural, nem mesmo no interior de uma determinada classe

social. Contudo, lembra Lopes (1999), existe simultaneamente a construção de um processo de homogeneização, que busca negar o caráter plural e multifacetado da cultura, mascarando o processo de divisão social.

Num outro conceito, cultura é vista como: “Tesouro coletivo de saberes possuído pela humanidade ou por certas civilizações: a cultura helênica, a cultura ocidental, etc.” (LOPES, 1999, p. 65)

Neste conceito, cultura está relacionada ao conjunto de saberes que um determinado grupo social ou uma civilização possuem.

De acordo com a autora (que cita Margaret Mead, s.d.), cultura pode ser concebida num duplo sentido antropológico como,

[...] conjunto das representações e dos comportamentos adquiridos pelo homem enquanto ser social. Em outras palavras, é o conjunto histórica e geograficamente definido das instituições características de determinada sociedade designado não somente as tradições artísticas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, mas também suas técnicas próprias, seus costumes políticos e os mil usos que caracterizam a vida cotidiana (Margaret Mead); b. é o processo dinâmico de socialização pelo qual todos esses fatos de cultura se comunicam e se impõem, em determinada sociedade, seja pelos processos educacionais propriamente ditos, seja pela difusão de informações em grande escala, a todas as estruturas sociais, mediante os meios de comunicação de massa. Nesse sentido, a cultura praticamente identifica com o modo de vida de uma população determinada, vale dizer, com todo esse conjunto de regras e comportamentos pelos quais as instituições adquirem um significado para os agentes sociais e através dos quais eles se encarnam em condutas mais ou menos codificadas. (LOPES, 1999, p. 65)

Nestes conceitos percebemos uma ampliação quanto ao conceito de cultura e também a respeito do que é veiculado no senso comum.

Por fim, para a autora, a cultura pode ser concebida: “num sentido mais filosófico, a cultura pode ser considerada como esse feixe de representações, de símbolos, de imaginário, de atitudes e referências, suscetível de irrigar, de modo bastante desigual, mas globalmente, o corpo social”. (LOPES, 1999, p. 67)

Para DaMatta,

[...] a cultura não é um código que se escolhe simplesmente. É algo que está dentro e fora de cada um de nós, como as regras de um jogo de futebol, que permitem o entendimento do jogo e, também, a ação de cada jogador, juiz, bandeirinha e torcida. As regras que formam a cultura (ou a cultura como regra) são algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vive. Em geral, pensamos a cultura como algo individual que as pessoas inventam, modificam e acrescentam na medida de sua criatividade e poder [...]. (DAMATTA, 1981, p. 2)

DaMatta diz que a cultura não é algo que se escolhe simplesmente, pois se caracteriza por algo que se encontra tanto dentro como fora de nós, incluindo elementos que permitem com que os indivíduos se relacionem entre si e o grupo.

Segundo Vila Nova (1985), o sentido sociológico da palavra cultura não é o mesmo da linguagem do senso comum. Na linguagem do cotidiano, a palavra “cultura” é empregada com vários significados. Isto significa erudição, grande soma de conhecimentos, quando, por exemplo, se diz que “fulano tem cultura” significa um determinado tipo de realização humana, como a arte, a ciência, a filosofia. Isto sem falar no sentido agrícola original da expressão. Já o sentido sociológico dessa palavra não se limita a essas acepções. É, no entanto, tão amplo que não exclui nenhum desses significados. Na linguagem sociológica, cultura é tudo o que resulta da criação humana. A cultura, tanto compreende ideias quanto artefatos.

Vila Nova (1985) afirma que para a Sociologia não existem culturas superiores nem inferiores, mas, apenas, culturas diferentes. Partindo dessa premissa, não se pode afirmar que a cultura de uma determinada sociedade seja superior ou inferior a outra, pois, como já vimos, à ciência não compete julgar, emitir juízos de valor, porém, constatar como as coisas são e explicar com e por que elas ocorrem. Percebe-se que cada cultura é uma realidade autônoma e só pode ser adequadamente compreendida a partir de si mesma.

O processo de socialização, conceito do qual diversos autores lançam mão para explicarem o processo de assimilação da cultura, faz-se presente, pois, há na socialização primária, o que parece ser um início e em todas as suas experiências posteriores os aprendizados referentes a cultura e seus modos de expressão. [...] “Um grande número de necessidades do homem é criado pela cultura e por ele assimilado através da socialização” [...] (VILA NOVA, 1985, p. 37), perdurando por toda vida do indivíduo.

Para Vila Nova (1985), dentre todos os componentes da cultura, os símbolos e normas estão entre os mais importantes para a organização social. Entre os símbolos, a palavra é um símbolo por excelência. O símbolo está de tal modo presente em todos os momentos da vida social que a comunicação verbal é sempre enriquecida de símbolos de outra ordem. Do mesmo modo que o símbolo, a norma é um componente da cultura onipresente na vida social. Não existe possibilidade de organização social se não existem normas partilhadas coletivamente. Vivendo em sociedade, o homem está, por assim dizer, sempre cercado de símbolos e normas. É típico da condição social do

homem que o seu comportamento seja regulado por normas, quer se trate da etiqueta ou de códigos legais.

A palavra cultura tem sido usada em acepções diferentes, conforme a abordagem da teoria a que serve de instrumental. Na Antropologia também ocorreram modificações de interpretação (ou de compreensão), desde a clássica definição de Tylor: “Cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (MELLO, 1987, p. 40 apud PEREIRA e GOMES, 2002, p. 246)

Para Eagleton (2005), cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e o termo que é, por vezes, considerado seu oposto — a natureza. É comumente conferida a honra de ser o mais complexo de todos. No entanto, embora esteja atualmente em moda considerar a natureza como um derivado da cultura, o conceito de cultura, etimologicamente falando, é um conceito derivado do de natureza. Um de seus significados originais é lavoura ou cultivo agrícola¹¹, o cultivo do que cresce naturalmente.

Aqui percebemos o autor definindo cultura, apesar das explicações iniciais como a mais nobre das atividades humanas, leia-se.

[...] Nossa palavra para a mais nobre das atividades humanas, assim, é derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo. Francis Bacon escreve sobre “o cultivo e adubação de mentes”, numa hesitação sugestiva entre estreme e distinção mental. “Cultura”, aqui, significa uma atividade, e passou-se muito tempo até que a palavra viesse a denotar uma entidade. Mesmo então, provavelmente não foi senão com Matthew Arnold que a palavra desligou-se de adjetivos como “moral” e “intelectual” e tornou-se apenas “cultura”, uma abstração em si mesma. (EAGLETON, 2005, p. 9-10)

Por meio da palavra é possível simbolizar os meios essenciais de veiculação desta cultura. Através dela se estabelece o processo de significação. E se as línguas são sistemas arbitrários do simbolismo vocal lhes são acrescentados outros elementos para que sejam possíveis as representações simbólicas.

[...] De acordo com o depoimento de Claude Lévi-Strauss, “Os índios responderam por nós. As pinturas da face conferem ao indivíduo sua dignidade como ser humano: ajudam-no a transpor as fronteiras da Natureza para a cultura, e do animal ‘sem razão’ para o homem civilizado.” A mitologia e a religião com seu drama ritual,

¹¹O mesmo é verdadeiro, no caso do inglês, a respeito das palavras para lei e justiça, assim como de termos como “capital”, “estoque”, “pecuniário” e “esterlino”. A palavra inglesa *coulter*, que é um cognato de cultura, significa “relha de arado”. Tendo origem na palavra latina *culter*, que, entre outras coisas, designa a relha de um arado. (EAGLETON, 2005, p. 9)

existem como sistemas de símbolos elaborados que impressionam e mantêm o sistema cultural de um povo [...]. (HOEBEL e FROST, 2006, p.19)

Considerando este universo teórico conceitual de cultura, estamos entendendo cultura conforme Laraia (2009), portanto, como um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. Definindo ainda, como sendo todo o comportamento apreendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética.

Concordo também com Geertz (1989), quando afirma que o homem só se completa pela cultura, ao mesmo tempo em que a produz, sua produção e a apropriação dessa cultura o torna homem.

[...] nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura[...] de classe alta ou baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de significado simbólico [...]. (GEERTZ, 1989, p. 36)

No que se refere à cultura, Cuche (2002) nos diz que há sempre um processo de hierarquia cultural,

Em um dado espaço social, existe sempre uma hierarquia cultural. Karl Marx como Max Weber não se enganaram ao afirmar que a cultura da classe dominante é sempre a cultura dominante. Ao dizer isto, eles não pretendem evidentemente afirmar que a cultura da classe dominante seria dotada de uma espécie de superioridade intrínseca ou mesmo de uma força de difusão que viria de sua própria “essência” e que permitiria que ela dominasse “naturalmente” as outras culturas. Para Marx assim como para Weber, a força relativa de diferentes culturas em competição depende diretamente da força social relativa dos grupos que as sustentam. Falar de cultura “dominante” ou de cultura “dominada” é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros. (CUCHE, 2002, p. 145)

Brandão realiza uma observação importante para que não se caia no risco de querer salvar a cultura, de resolver-se numa dimensão restrita de sua “própria existência para depois, em direção oposta, fazê-la perder o seu poder operativo: reduzindo-a a uma

mera questão de poder simbólico e de produto social e simbólico de relações de poder” [...] (BRANDÃO, 1996, p.57).

Segundo Durkheim, se quisermos compreender os significados partilhados que caracterizam os diferentes aspectos da vida social, temos que examinar como eles são classificados simbolicamente. Assim, o pão que é comido em casa é visto simplesmente como um elemento da vida cotidiana, mas, quando especialmente preparado e partido na mesa da comunhão, torna-se sagrado, podendo simbolizar o corpo de Cristo. A vida social em geral, argumentava Durkheim, é estruturada por essas tensões entre o sagrado e o profano e é por meio de rituais como, por exemplo, as reuniões coletivas dos movimentos religiosos ou as refeições em comum, que o sentido é produzido. “A religião é algo eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas: os ritos são uma maneira de agir que ocorre quando os grupos se reúnem, sendo destinados a estimular, manter ou recriar certos estados mentais nesses grupos”. (Durkheim, citado em Bocock Thompson, 1985, pág. 42 apud, SILVA, 2007, p.41). Assim sendo, as representações religiosas são, por conseguinte representações culturais. Uma dessas representações do “sagrado” é sempre visto em oposição ao profano como indica o autor.

O sagrado, aquilo que é colocado à parte, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Na verdade, o sagrado está em oposição ao profano, excluindo-o inteiramente. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, como vimos no exemplo da Bósnia, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação. (SILVA, 2007, p. 41)

Assim sendo cada cultura tem suas próprias e distintas formas de “classificar” o mundo. Segundo a visão do autor, é por meio dos modos classificatórios da cultura que podemos dar sentido ao mundo. E estes, por sua vez, fundam-se como sistemas partilhados de significações dessa cultura.

Bourdieu acrescenta a esta discussão a produção dos bens simbólicos frente às instituições.

Na produção de bens simbólicos, as instituições aparentemente encarregadas de sua circulação fazem parte integrante do aparelho de produção que deve produzir, não só o produto, mas também a crença no valor de seu próprio produto. A ninguém

ocorreria a ideia de estabelecer uma separação entre a produção das indulgências ou exorcismos e o aparelho de produção da demanda que ela supõe. Isto se dá em todas as formas de produção de bens simbólicos, como se vê claramente quando, no caso da poesia, por exemplo, este aparelho está em crise. O trabalho de fabricação propriamente dito não é nada sem o trabalho coletivo de produção do valor do produto e do interesse pelo produto, isto é, sem o conluio objetivo dos interesses que alguns dos agentes, em razão da posição que ocupam em um campo orientado para a produção e circulação deste produto, possam ter em fazer circular tal produto, celebrá-lo e, assim, apropriar-se dele simbolicamente [...]. (BOURDIEU, 2008, p. 163-164)

No caso citado, a respeito da forma de fabricação de bens simbólicos há uma espécie de conluio dos agentes guiados geralmente pelos mesmos objetivos em função da posição que ocupam em um campo. É o que faz com que os produtos simbólicos deste ou daquele grupo circulem ou não simbolicamente tendo aceitação ou não neste mesmo grupo. E há que se considerar o valor que se atribui a este ou àquele produto.

Não esquecendo-se que “cultura” é um termo que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.

Os costumes, embora possam transmitir um significado, estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as expressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto. Eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos.

1.2.2- Elementos referenciais para compreensão do universo da cultura popular

“Se todas as pessoas numa determinada sociedade partilhassem a mesma cultura, não haveria a mínima necessidade de se usar a expressão “cultura popular”. (BURKE, 2010, p. 50)

Consideramos a fala de Burke (2010) acerca da utilização do termo cultura popular, no sentido que, se todos comungassem da mesma cultura, logicamente não seria necessária esta delimitação ou nomenclatura, portanto, nada mais propício para

abrir esta discussão tão complexa. [...] “Bosi entende a cultura popular como cultura das classes dominadas, a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições que ele pode fazer” [...] (LOPES, 1999, p.77).

Os saberes produzidos pelas manifestações culturais são, muitas vezes, vistos de forma contraditória. Alguns os veem como coisas de velhos, saberes sem importância, saberes retrógrados, além de serem aliados a credices do povo, religiosidade popular e “tradições”. Como pode-se perceber, são variadas as conotações que podem tomar o que chamaremos aqui de manifestações da cultura popular. Busquei entender como ocorrem os processos de criação e manutenção de tais manifestações da cultura popular na localidade de Nova Veneza-GO. Esses saberes ocorrem em intensidade há tempos e já se constituem como partícipes do processo histórico do município. Tais saberes intimamente ligados a rezas, promessas e benzeções por meio de agentes sociais que, contrários à lógica capitalista, produzem uma cultura diferenciada do que aparentemente percebe-se na localidade que expressa simbolicamente outros valores outras culturas.

Ao buscar sustentação histórica para a compreensão do tema, ancorei-me em Burke (2010), no sentido de entender um pouco mais sobre a cultura popular hoje em nossa sociedade, pois, ele trata de elementos importantes que remontam como ela se instituiu na Europa. Isso porque, a partir das considerações do autor, pode-se visualizar boa parte do que ocorre hoje em termos de manifestações da cultura popular, principalmente, e no caso específico de nossa pesquisa.

De acordo com Burke (2010), cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes. O autor defende a definição de um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas como: apresentações, objetos artesanais em que são eles são expressos e encarnados. Tais definições já foram tratadas anteriormente.

Para definir a cultura popular, seria necessário caminhar para outro polo. “[...] Quanto à cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele. Quanto a cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas” como chamou-as Gramsci.” (Burke, 2010, p. 11). Esse seria um polo oposto ao da cultura oficial veiculada pela maioria das instituições, principalmente a escola.

De acordo com Burke (2010), foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer,

que o “povo” (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Nesse sentido ressalta que os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncia de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias e que de certa forma isto seria uma forma de preservá-las, constituindo, assim, um percurso pelo qual se tem uma visão de que o que é produzido pelas classes populares produz sentido.

Burke (2010) ainda completa que houve uma amplitude do movimento de valorização da cultura popular na Europa, e a utilização do termo “cultura popular” por Helder.

É por causa da amplitude do movimento que parece razoável falar na ocorrência da descoberta da cultura popular nessa época: Helder de fato usou a expressão “cultura popular” (*Kultur des Volkes*), em contraste com a “cultura erudita” (*Kultur der Gelehrten*). Antes disso, estudiosos de antiguidades já tinham descrito costumes populares ou coletado baladas impressas em *broadside*¹². O que há de novo em Helder, nos Grimm e, em segundo, sua crença de que os “usos, costumes, cerimônias, superstições, baladas, provérbios, etc.” faziam, cada um deles, parte de um todo, expressando o espírito de uma nação [...]. (BURKE, 2010, p. 32)

Outra característica foi que “[...] a descoberta da cultura popular ocorreu principalmente nas regiões que podem ser chamadas de periferia cultural¹³ do conjunto da Europa e dos diversos países que a compõem. Itália, França e Inglaterra há muito tempo tinham literaturas nacionais e línguas literárias.” (BURKE, 2010, p. 39). Por hora nos parece que nos dias atuais essa característica ainda ocorre em regiões periféricas e poderíamos aproveitar, nesse sentido, o termo do autor chamando estas regiões de periferias culturais.

Não parece estranho que a minoria culta seja portadora da grande tradição e uma maioria inculta portadora da pequena tradição? O não estranhamento vem justamente da compreensão que, desde a sua constituição, a cultura popular carrega esta característica:

¹² De acordo com Burke, *broadside*: folha impressa de um só lado, usualmente colocada numa parede. E aqui no Brasil pode-se lembrar dos folhetins distribuídos pelo Biontônico Fontoura, que não deixam de expressar um pouco do que o homem do campo vivenciou em determinado período da história. Apesar de haver críticas homéricas a respeito da caricatura do homem do campo, não deixava de retratar determinado período da história do homem simples do e de seus costumes.

¹³ [...] Quanto à Espanha, a descoberta do folclore nos anos 1820, não se iniciou no centro, em Castela, mas na periferia, na Andaluzia. Também na Alemanha, a iniciativa veio da periferia: Helder e Arnim tinham nascido a leste do Elba (BURKE, 2010, p. 37). Observa-se quanto a isto que as manifestações culturais descritas neste trabalho nascem em regiões que poderia se chamar também de periferias culturais apesar de ser um município de pequeno porte, de serem os rituais abertos a todos e apesar de alguns circularem por toda a comunidade, as manifestações não nascem na região central da localidade, mas, em zonas rurais e na zona urbana em áreas mais distantes do centro.

a de demonstrar as formas pelas quais esta suposta maioria vive, se organiza e se expressa.

Marilena Chaui, em *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*, aponta sua discussão acerca do tema cultura popular.

A expressão Cultura Popular, como já foi bastante observado, é de difícil definição. Seria a cultura do povo ou a cultura para o povo? A dificuldade, porém, é maior se nos lembrarmos de que os produtores dessa cultura - as chamadas classes "populares" - não a designam com o adjetivo "popular", designação empregada por membros de outras classes sociais para definir as manifestações culturais das classes ditas "subalternas". Assim, trata-se de saber quem, na sociedade, designa uma parte da população como "povo" e de que critérios lança mão para determinar o que é e o que não é "popular". (CHAUI, 1989, p. 09-10)

É comum notar entre os autores que o termo cultura popular é de difícil definição. Chaui (1989) também concorda neste ponto. Esta designação pressupõe que há o que é e o que não é popular. E isso envolve certa determinação que lhes é imposta.

O estudo da poesia, das baladas, dos provérbios conduz ao da língua originária, e o da religião, dos costumes, ritos e festivais, ao direito originário e, juntas, todas essas manifestações são vistas como constituindo uma totalidade orgânica - a Kultur des Volkes (Cultura do Povo) que Helder opunha à Kultur der Gelehrten (Cultura dos Instruídos) - tendo como origem o Volksegeist, o Espírito do Povo. (CHAUI, 1989, p. 18-19)

Este aspecto também enfatizado por Burke (2010) mostra que, desde sua origem, a cultura popular tem uma característica que não lhe pode ser negada, ou seja, que são manifestações vindas do espírito do povo. A autora aponta que,

Com o Romantismo, delineiam-se os traços principais do que se tornou a Cultura Popular: primitivismo (isto é, a idéia de que a cultura popular é retomada e preservação de tradições que, sem o povo, teriam sido perdidas), comunitarismo (isto é, a criação popular nunca é individual, mas coletiva e anônima, pois é a manifestação espontânea da Natureza e do Espírito do Povo) e purismo (isto é, o povo por excelência é o povo pré-capitalista, que não foi contaminado pelos hábitos da vida urbana [...]). (CHAUI, 1989, p. 19-20).

Contudo, seja na visão primitivista, no comunitarismo ou purismo, a ideia de produção ligada ao povo está sempre presente e carregando, desde o princípio, elementos que não podem ser desconsiderados. Primeiro, o sentido de preservação das tradições. Segundo, que a criação popular nunca é individual, mas coletiva, anônima e que expressa o espírito do povo. Terceiro, que o capitalismo não conseguiu contaminar totalmente os espaços onde ele se insere.

Pereira e Gomes (2002) destacam entre outras características da cultura popular, o conservadorismo.

Dentre os aspectos que caracterizam a cultura popular como um sistema dinâmico, afeito à manutenção e à transformação, destacamos: o conservadorismo (disposição para resguardar valores do passado como mecanismo de autodefesa diante das rápidas mudanças impostas pela modernidade); a hierarquização (compreensão da ordem social a partir de uma lógica que distingue antecessores e sucessores); a totalização (abordagem da experiência social e individual com base na interação com a natureza e o mundo sobrenatural); a contextualização da vida (interpretação dos eventos, mesmo dos mais distantes, tendo como referência o espaço geográfico e os valores locais); a religiosidade (aceitação da idéia de que o mundo é fruto da ação divina, o que justifica o relacionamento entre vivos e mortos, pessoas comuns e santos); a pessoalização (reconhecimento e valorização do indivíduo a partir de seus vínculos com a família e os antepassados). (PEREIRA e GOMES, 2002, p. 13)

Todavia, não só há como característica a disposição em resguardar os valores do passado (como mecanismo de autodefesa diante das rápidas mudanças impostas pela modernidade), mas há, também, um processo de hierarquização dos saberes da cultura popular. A interação com a natureza e o mundo sobrenatural, o espaço geográfico, a religiosidade, a valorização dos vínculos com a família e antepassados são, segundo os autores, aspectos característicos da cultura popular.

[...] Em outras palavras, o que os representantes da cultura popular são pode interferir na lógica de definição e redefinição de sua identidade ao experimentarem o contato da tradição com a modernidade. Sob esse aspecto, o temor manifestado por alguns defensores da pureza da cultura popular em relação às mudanças carece de fundamentos. Isso, porque a cultura popular possui uma organização que a dota de estratégias para preservar valores e procedimentos tradicionais e, também, para propor e assimilar transformações. (PEREIRA e GOMES, 2002, p. 14)

Nas relações inevitáveis da cultura popular com a modernidade há, então, o princípio de que “a única constância está na mudança”, pois a ideia das janelas em movimento pressupõe preservação e mudança. Assim,

Os eventos considerados como cultura popular se defrontam na modernidade com uma questão fundamental, isto é, com a mudança de canais de transmissão e das formas de saber. A tendência dos estudos culturais, a princípio, foi a de relacionar estágios de evolução para os modelos culturais, tomando como centro o modelo da chamada cultura erudita. Esse viés levou à afirmação da cultura erudita ocidental como paradigma paralelamente à redução de outros modelos à condição de cultura exóticas ou subculturas. (PEREIRA e GOMES, 2002, p. 45)

Outro elemento trazido pela modernidade, no tocante à cultura popular, é o fato de que se modificam os canais de transmissão e as formas de saber. E, ainda, como as

tendências dos estudos culturais caminhavam no sentido de tomar como centro dos modelos culturais a cultura erudita. Como consequência, tem-se outros modelos como a cultura popular, vista como exótica ou mesmo subcultura, havendo uma visão reducionista do que destoa da cultura erudita.

A cultura popular tem na comunicação entre gerações e na oralidade dois aspectos, entre outros possíveis, para a transmissão de sua lógica de pensamento e de suas práticas sociais. A compreensão desse fato é importante para que possamos considerar a cultura popular como um sistema comunicacional caracterizado por uma plasticidade, que lhe permite transitar através de diferentes suportes. [...]. (PEREIRA e GOMES, 2002, p. 46)

Dois aspectos importantes da cultura popular são abordados pelos autores. Trata-se da comunicação e da oralidade (dentre outros aspectos possíveis, neste caso encontramos livros antigos, material antigo escrito guardado a sete chaves pelos agentes), ou seja, a fórmula para a transmissão de sua lógica de pensamento podendo ser a cultura popular considerada um sistema comunicacional.

Se pensamos a cultura popular como sistema comunicacional, torna-se necessário considerá-la como um sistema de signos. A partir disso, é pertinente observar os meios de que se serve para disputar os espaços de visibilidade oferecidos pela ordem social. As condições dispostas pelos contextos sociais têm indicado uma tensão entre os meios tradicionais e os meios modernos que atuam como suportes para difusão da cultura popular. A tensão acentua-se mediante a opinião de que os meios modernos corrompem o conteúdo original do popular e de que a preservação dos meios tradicionais constitui a face de resistência do popular às inovações contemporâneas. (PEREIRA e GOMES, 2002, p. 46)

Ora, para que a cultura popular seja vista como um sistema comunicacional é indispensável entendê-la como um sistema de signos, que estão inseridos nas relações sociais. Sendo que é importante considerar a tensão entre os meios tradicionais e os meios modernos que atuam como sustentáculos no processo de difusão da cultura popular. O problema, então, se configura em compreender até que ponto os meios modernos de sustentação da cultura popular não corrompem o conteúdo original do popular? E não seria a cultura popular um processo de resistência justamente às inovações contemporâneas? Algumas ambiguidades, a nosso ver, envolvem o tema e se fundem a esse cenário.

Não há como negar que, na sociedade de hoje, ainda existam indivíduos que pensam e projetam sua experiência estabelecendo relações com seus antepassados e simbologias afins. “[...] Se um indivíduo tradicional pensa a experiência a partir da

correlação com os seres exemplares (antepassados, santos, almas) no tempo mítico, o indivíduo da modernidade pensa a experiência como determinação para superar seus limites evidenciados num tempo caracterizado por torturas”. (LATOURE, 1994, p.15, apud, PEREIRA e GOMES, 2002, p.230). Esses elementos utilizados para superar os limites num tempo de dificuldades acabam por se diferenciar do coletivo da sociedade em que eles próprios sobrevivem, porém, ainda, apoiando-se, como aponta o autor, em um “tempo mítico”, que para o próprio sujeito, nada há de mito. É inerente a sua própria forma de viver, sendo que o sentido para ele, “o agente”, está imerso em meio aos seus modos e condição de vida.

Um dado importante é que há diversos autores caracterizam certas manifestações da cultura popular como oriundas unicamente das zonas rurais. Porém, há que se considerar um processo de mudança. Quanto a isso, uma vez que mesmo alguns grupos como “parentes, amigos dentre outros” ainda permaneçam no campo, os agentes que migraram para a cidade, por motivo geralmente de trabalho, veem nos rituais da cultura popular um meio de não perderem seus vínculos, sejam eles efetivados no campo ou na cidade ou ainda como é o caso da folia que gira em ambos, apresentando, portanto, as manifestações da cultura popular características dos dois espaços: “rural e urbano”.

Pode-se visualizar no *site* do Iphan-Brasil, a seguinte definição quanto aos bens imateriais, e que foram enfatizadas por Loures (2011b):

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural."

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

As manifestações da cultura popular que, ora inserem-se nesta pesquisa, estão alinhavadas à definição de Patrimônio Cultural Imaterial e à forma de transmissão do Patrimônio Imaterial. Uma vez que se constituem como práticas e representações possuidoras de conhecimentos e técnicas juntos aos seus artefatos e lugares em que estão associados. E neste caso vêm sendo transmitidas de geração a geração (por vezes recriadas ou readaptadas) fortalecendo os laços identitários dos grupos.

[...] os saberes, a cultura imaterial estão presentes em plena atividade nos dias atuais “em festa” [...] Não nos mesmos moldes de um passado remoto, mas com a preservação da essência dos rituais. Um exemplo é o caso do forró ao final das rezas tocado à sanfona antigamente e que nos casos observados foi substituído por um computador conectado a aparelhos de som mais modernos. De onde veio ou de onde vieram? Cremos que de diversas regiões do país como pudemos até o momento perceber na fala e nos rituais dos agentes, incluindo traços da ‘colonização’ e do catolicismo popular que sempre consegue novas formas de expressão e permanência em meio a nossa gente. E esses saberes para onde irão, ou como permanecerão? Para onde os agentes sociais definirem e da forma que acharem por bem ou necessário. (LOURES, 2011b, p. 9)

Sem dúvida, ainda são mostras de como a sociedade guarda, em seu meio, um modo de constituição que expressa suas múltiplas faces e suas diferenças. E outro fator, que já afirmou-se anteriormente, é que essas múltiplas formas de expressão podem caminhar sem apoio financeiro ou mesmo sem incentivos de órgãos públicos.

Outra observação importante é que as manifestações culturais descritas nesta pesquisa entendidas como imateriais não contam com nenhum tipo de apoio no sentido de financiamento de órgãos sejam municipais, estaduais e ou federais. As manifestações culturais existem, perduram durante anos e anos de acordo com o que os agrupamentos humanos decidem conforme: um calendário festivo não escrito; instituição da fé ou respeito aos antepassados; participação nas atividades paroquiais normais instituídas; união e coesão do grupo participe; saberes “orais” que circulam livremente pela vida do grupo e a solidariedade e disponibilidade entre os agentes. (LOURES, 2011b, p. 2-3)

Uma das características da cultura popular, e nesse sentido caminha esta pesquisa, fato que é salientado por Loures (2011b), é que os rituais observados não contam com ajuda de custo ou financiamento de instituições municipais, estaduais e ou federais. Uma das características marcantes desses grupos é a sobrevivência por outros motivos que não os financeiros. Imputam a si e aos grupos um calendário festivo que deve ser seguido sob os moldes dos antepassados. Se não de forma idêntica, ao menos com os recursos que lhe são disponíveis.

Poderíamos enumerar outros elementos através dos quais pudéssemos ilustrar os diversos rituais em que os agentes produzem e fazem produzir a cultura popular. Dentre outros aspectos a unicidade do grupo e a garantia da permanência dos costumes são determinantes. [...]. (LOURES, 2011.b, p.3)

Desse modo, pode-se dizer que “[...] a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes. Esses pertencem ao povo” [...] (THOMPSON, 1998, p. 19). Se a cultura popular mostra o caráter de “rebelia”, questiono até certo ponto essa rebelia, pois, nem sempre esta característica se revela visivelmente, uma vez que, ela já o faz

por meio de manifestações criativas diversas, mas que, de um modo ou de outro, organiza modos eficazes de fazer permanecer os seus “costumes”.

Se na sociedade de classes todos partilhassem da mesma cultura, dos mesmos modos de expressão, não haveria a mínima necessidade do termo cultura popular como aponta Burke (2010). Entendemos então, que, por ser cultura e por ser popular, advêm das manifestações mais adversas do povo. E, assim, são estabelecidas as relações simbólicas contendo certas visões de mundo compartilhadas, características das classes subalternas.

1.3. MEMÓRIA, SABERES, TRADIÇÃO, RELIGIOSIDADE, SISTEMA DE CRENÇAS E TRANSMISSÃO CULTURAL

Somente pela observação dos rituais não poderíamos apreender muitos dos detalhes dos mesmos, pois, poderiam ter escapado de nossos olhos, não fosse o entendimento do enredo narrado em boa parte das entrevistas. Então, ao entrevistar alguns agentes, em sua maioria com mais idade e que de algum modo se destacavam em determinados rituais, pude descobrir que, por meio da memória, muitos deles justificavam suas atuações sempre coincidentes em dizer “aprendi com os antigos” ou, por vezes, “os antigos faziam assim”. Além de detalhes ricos em que acabaram por demonstrar melhor suas formas de vida no momento presente, recorrendo assim, à memória, ligando-as aos antepassados e a um passado remoto. Por este motivo, resolvi tentar entender alguns componentes que se fazem presentes nesse processo.

Ecléa Bosi (1994), em *Memória e Sociedade*, diz muito sobre elementos da memória social. A autora, ao tratar da memória, utiliza-se de uma bela forma composicional. Estabeleceu relações entre memória e trabalho retratando a existência sofrida dos agentes, seu trabalho e suas formas de sobrevivência.

A autora afirma que, “[...] o tempo de lembrar-se traduz-se, enfim, pelo tempo de trabalhar. Por isso, sem a memória do trabalho (da saúde) a narração perderia a sua qualidade épica. As memórias são tristes e, quase sempre, dolorosas” (BOSI, 1994, p.15), pois remontam um passado de luta e sofrimento.

Baseada nas afirmações de Bosi (1994), a sociedade capitalista destruiu os suportes da memória, bloqueando os caminhos da lembrança, apagando seus rastros. Isto porque o fator convivência aliado a estabilidade espacial concorria para que os

laços não se dissolvessem. “Entre as famílias mais pobres, a modalidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças” (BOSI, 1994, p. 20). A espoliação das lembranças impede a sedimentação do passado.

Para a autora, todo o processo de continuidade é dilacerado. A sociedade industrial confere à objetividade e à racionalidade o estatuto a ser seguido. Assim, não é o filho que continuará a obra do pai ou nem mesmo o neto lhe dará notícia justamente pelo fator da descontinuidade que é preeminente em nossa sociedade. Nesse sentido, diz a autora que,

Não dispomos de nenhum documento de conforto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. Recolhi aquela “evocação em disciplina” que chamei de memória-trabalho. (BOSI, 1994. p. 37)

Halbwachs (2006), em *A Memória Coletiva*, estuda os mecanismos pelos quais atuam a memória coletiva. Nesta perspectiva a

[...] memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. [...]. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Halbwachs (2006) afirma que as lembranças podem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Existiriam, assim, memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Dito de outro modo, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. Conforme participa de uma ou de outra, ele adotaria duas atitudes muito diferentes e até opostas. Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal.

Para o autor as mesmas lembranças que lhes são comuns com outras, só seriam vistas por ele, apenas no aspecto que lhe interessa enquanto se distingue dos outros. Por

outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo, que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. Por outro lado, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

Bosi (1994) afirma que, a maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Sob esta perspectiva a memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representação que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e por que nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.

Le Goff (1996) percebe a memória como uma conquista e, portanto, como um objeto de poder

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória coletiva escrita melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. [...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. [...] (LE GOFF, 1996, p. 477 apud, WANDERLEY, 2007, p. 17)

Para ele, o fato da memória coletiva estar escrita permite visualizar melhor esse processo de luta pela dominação da recordação e da tradição da “memória” que, neste sentido, permanecerá ou será uma memória salva.

Nesse sentido, nosso olhar se volta para os artefatos como elementos de memória e de identidade da cultura popular, carregados em si mesmos de informações fortes, capazes de uma decifração. Essa compreensão nos conduz ao pensamento de Pacheco (1995) e Souza (1997), quando propõem a compreensão de artefatos como qualquer objeto produzido e utilizado pelo homem ou grupos em suas manifestações populares, e cujo objeto possui sua materialidade definida. Esses objetos trazem em si a capacidade de caracterizar uma existência social, documentando esse fazer [...] (OLIVEIRA e NETTO, 2007, p. 30)

A memória torna-se um complexo cheio de “artefatos” que, por sua vez, carregam uma materialidade definida capaz de fazer com que seja possível visualizar uma existência.

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos—como canais de comunicação entre dimensões temporais -, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança [...] A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte da perspectiva de futuro, de utopias, de consciência do passado e de sofrimento. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal. (DIEHL, 2002, p. 116 apud OLIVEIRA e NETTO, 2007, p. 33)

Outro elemento intrínseco à memória é o contexto histórico em que se insere. Sendo possível ser atualizada por uma “representação” produzida por meio da experiência. Ela é composta por tradições, formas de comunicação, “tempo” e se faz em meio a elementos individuais e coletivos em que se veiculam um saber. Esse determinado corte temporal não estaria por sua vez aliado ao espaço em que ocorrem determinadas formas de saber, comunicação, memória?

Essa noção está transpassada por um universo simbólico dos mais significativos, já que se constitui, através de um processo de representação, onde são criados referentes para sua cristalização nas consciências, querem individuais, querem coletivas, aproximando-as, em muito, da noção de identidade. [...]. (OLIVEIRA e NETTO, 2007, p. 33).

Nesse sentido, creio que por meio desses elementos são constituídas as identidades individuais, coletivas que formam o grupo.

A discussão das identidades tem assumindo dois aspectos distintos: o primeiro, correlacionado ao problema das identidades nacionais frente à expansão dos mercados dos mercados globalizados, como já foi salientado, entre outros, por Santos (1995). Outro aspecto está voltado para a definição ou mesmo a recuperação das identidades regionais e étnicas, com vários estudos, principalmente, de cunho antropológico, mas que perpassam várias esferas distintas (estudos históricos, sociológicos, econômicos, etc) [...]. (OLIVEIRA e NETTO, 2007, p. 35)

Assim, recorro ao pensamento de Nóbrega (2007) para afirmar que relembrar a história de vida do cidadão é reviver, repensar e reavaliar questões relacionadas à: cidadania, política, justiça, verdade e mentira, entre outros aspectos que permeiam as leis e a sociedade, querem em tempos passados ou no presente.

Para melhor compreender a cultura é necessário recorrer ao conceito de *habitus* de Bourdieu (1980) que o define como,

[os *habitus*] são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenham em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los [...]. (BOURDIEU, 1980, p. 88)

A partir das observações realizadas, nesta investigação sobre as manifestações culturais, a família tem função preponderante na inculcação do *habitus*. As disposições adquiridas pelos agentes fazem parte de um processo minucioso, mesmo sendo ele inconsciente. Os modos de vida, de um determinado agrupamento familiar vão constituindo ao longo de todo um corpo de atitudes frente aos agentes. E quando este parte para a socialização secundária, as disposições adquiridas não desaparecem. São anexadas às pré-existentes.

Bourdieu afirma que o “*habitus* funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores” [1980a, nota 4, p. 91]. Ele permite ao grupo “perseverar em seu ser” [ibid]. O *habitus* é profundamente interiorizado e não implica consciência dos indivíduos para ser eficaz. Ele é “capaz de inventar meios novos de desempenhar as antigas funções diante de situações novas” [ibid]. Ele explica porque os membros de uma mesma classe agem frequentemente de maneira semelhante sem ter necessidade de entrar em acordo para isso. (CUCHE, 2002, p. 172)

Frente aos rituais selecionados para a observação é válido dizer, concordando com Bourdieu, que o *habitus* funciona como a materialização da “memória coletiva” do

grupo, à medida que prepara seus sucessores com o arcabouço de saberes daquele grupo, (precursores) a partir dos elementos guardados ao longo do tempo na memória. E como veremos adiante não somente, pois, a contrário do que hipotetizávamos no início deste trabalho, a aquisição do *habitus*, o processo de transmissão de saberes não ocorre somente por meio da tradição oral com recursos guardados na memória.

Guardar esta memória dos precursores para garanti-la aos seus sucessores foi feito em alguns momentos por meio da linguagem escrita. Isto foi observado no livro de folia do Sr. J.L.; na pasta catálogo de um folião embaixador “analfabeto”, mas isso não o impediu de manter uma organização exemplar com diversos escritos de folia, os quais decora com a ajuda da sobrinha, bem como em anotações antigas guardadas a respeito de outros rituais, como pode ser observado no inventário.

As disposições tratadas aqui são adquiridas por uma série de condicionamentos próprios a certos modos de vida particulares. O *habitus* é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais. As diferentes posições em um espaço social dado correspondem estilos de vida que são a expressão simbólica das diferenças inscritas objetivamente nas condições de existência. (CUCHE, 2002, p. 171-172)

O *habitus* permite aos agentes se orientarem no espaço por meio das práticas incorporadas de acordo com a sua afiliação social. Nesse sentido, estratégias que antecedem a experiência dos agentes vão guiando os esquemas inconscientes, a percepção, o pensamento e, por fim, a ação. Isto se faz em meio a experiências primitivas e posteriores enquanto o agente vai se desenvolvendo, adquirindo sua experiência e expressando-a no grupo ou nos grupos dos quais faz parte.

A nosso ver, estas disposições são tão eficazes que, mesmo numa sociedade em que se apregoam outros valores, inclusive perseguidos por indivíduos em que os valores são opostos, os seus membros também criam estratégias de atuação nos dois espaços.

Desse modo,

O *habitus* é também incorporação da memória coletiva, em seu sentido próprio. As disposições duráveis que caracterizam o *habitus* são também disposições corporais que constituem a “hexis corporal” (a palavra latina *habitus* é a tradução do grego *hexis*). Estas disposições formam uma relação com o corpo e dá a cada grupo um estilo particular. Mas Bourdieu observa que a hexis corporal é muito mais que um estilo próprio. Ela é uma concepção de mundo social “incorporada”, uma moral incorporada. Cada pessoa, por seus gestos e suas posturas, revela o *habitus* profundo que o habita, sem se dar conta e sem que os outros tenham necessariamente consciência disso. Pela hexis corporal, as características sociais são de certa forma “naturalizados”: o que parece e o que é vivido como “natural” depende, na realidade

de um habitus. Esta “naturalização” do social é um dos mecanismos que garantem mais eficazmente a perenidade do habitus. (CUCHE, 2002, p. 173)

Portanto, a memória coletiva é constituída assim, por meio do *habitus*, inclusive no que diz respeito à “hexis corporal”, pois, elas dão ao grupo um estilo particular. Mais do que um estilo próprio do grupo, a hexis corporal é uma concepção de mundo incorporada, “uma moral incorporada”. Assim, a exemplo os grupos de folia de reis que para uns são apenas um amontoado de pessoas atrás de uma bandeira, mas para os que participam do ritual como foliões ou como recebedores das visitas dos Reis Magos, sabem que há “uma moral incorporada” e isto os distingue enquanto grupo. O que produz uma forma de naturalização.

A homogeneidade dos habitus de grupo ou de classe, que garante a homogeneização dos gostos, é o que torna imediatamente inteligíveis e previsíveis as preferências e as práticas, “consideradas como evidentes” [1980a, p. 97]. Reconhecer a homogeneidade dos habitus de classe não implica negação da diversidade dos “estilos pessoais”. No entanto, estas variantes individuais devem ser compreendidas, segundo Bourdieu, como “variantes estruturais” pelas quais se revela “a singularidade da posição no interior da classe e da trajetória”. [ibid., p.101] (CUCHE, 2002, p.173-174)

Sabe-se, contudo, que, esta moral incorporada, este processo de naturalização não implica na negação da diversidade ou dos “estilos pessoais”. Há que se considerar que, neste processo encontram-se variantes individuais que são, segundo Bourdieu, “variantes estruturais” por meio das quais se mostra a singularidade da posição do agente no interior do grupo, havendo as trajetórias pessoais do mesmo.

A noção de “trajetória social” permite que Bourdieu escape de uma concepção fixista do habitus. Para ele, o habitus não é um sistema rígido de disposições que determinariam de maneira mecânica as representações e as ações dos indivíduos e que garantiria a reprodução social pura e simples. As condições sociais do momento não explicam totalmente o habitus, que é suscetível de modificações. A trajetória social do grupo ou do indivíduo, ou seja, a experiência de mobilidade social (ascensão ou queda de nível social, ou ainda a estagnação) acumulada por várias gerações e interiorizada, deve ser levada em conta para analisar as variações do habitus. (CUCHE, 2002, p.174)

“É através da socialização que o indivíduo pode desenvolver a sua personalidade e ser admitido na sociedade. A socialização é, portanto, um processo fundamental não apenas para a integração do indivíduo na sua sociedade, mas, também, para a continuidade dos sistemas sociais.” (VILA NOVA, 1985, p. 32). É por meio dela que os

agrupamentos sociais transmitem a princípio os saberes que consideram necessários a vida do grupo.

O autor distingue os dois tipos de socialização:

Usa-se distinguir a socialização em dois tipos básicos: a primária e a secundária. Socialização primária é a que dá aos indivíduos os padrões de comportamento básicos necessários a uma vida normal na sua sociedade. Já a socialização secundária é a que se refere à aprendizagem de padrões sociais. Se o indivíduo assume determinada profissão, é através da aprendizagem dos conhecimentos e das técnicas, bem como da assimilação que ele se submete à socialização secundária necessária à sua adaptação à nova posição e as situações sociais que daí decorrem. O casamento também demanda a submissão do indivíduo à socialização secundária apropriada às exigências sociais da nova condição. (VILA NOVA, 1985, p. 32)

A socialização primária garante aos agentes sociais condições básicas de comportamento. Está de certa forma compondo-a com as primeiras experiências contidas nas famílias ou nos grupos em que a criança se insere. Discordo do autor, uma vez que, ambas as socializações, primária e secundária se referem a aprendizagens de padrões sociais. No caso dos rituais, principalmente, o incentivo da família e do grupo afim serve de estímulo para os agentes infantis e juvenis tanto no que se refere a processos de aprendizagens sociais quanto no fato de ser um processo de escolha pessoal.

Símbolo, norma e socialização sintetizam, pois, o modo humano de convívio. Só o homem tem o seu comportamento e a satisfação de suas necessidades regulamentados por normas coletivamente partilhadas; só o homem tem o seu comportamento moldado pela aprendizagem (socialização) através da comunicação simbólica. (VILA NOVA, 1985, p. 41)

A transmissão do *habitus*, frente aos grupos familiares está em meio ao processo pelo qual a tradição se expressa. Os grupos, assim, optam por manter de algum modo o que anteriormente lhes foi estabelecido pelos mais antigos. Por esta opção que o grupo faz, tende a prevalecer a tradição dos mais antigos, e eles o fazem utilizando-se de mecanismos simbólicos para a perpetuação da cultura.

Por meio das categorias que perpassam o grupo familiar (sexual, reprodutiva, econômica e educacional), os indivíduos pertencentes aos grupos familiares apreendem suas formas de sobreviver em sociedade. Isto desde suas relações de afetividade até as propriamente de existência.

As funções básicas da família podem ser desempenhadas com diferentes graus de eficiência, de cultura a cultura, e os detalhes das maneiras como as famílias - dentro de diferentes sistemas culturais - desempenham estas funções, produzem as

personalidades individuais notavelmente diferentes de crianças e adultos, (...) Neste ponto, o fato mais relevante é que nenhum substituto evidentemente pode servir às funções do desenvolvimento da criança tão bem como um grupo de parentesco íntimo, a família ou outro [...]. (HOEBEL e FROST, 2006, p. 204)

Os modos pelos quais as famílias desempenham seu papel perante os indivíduos farão com que se produzam diferentes ou similares personalidades individuais. Desse modo, como diz os autores, não há substituto evidente que possa servir às funções do desenvolvimento da criança tão bem como o grupo de parentesco íntimo. Nesse sentido a linguagem é determinante.

Sem a linguagem a cultura humana seria totalmente impossível. Todos os animais que sentem se comunicam e alguns, como as abelhas e as doninhas, fazem-no muitíssimo bem. Mas somente os seres humano são capazes de generalizar, de dar explicações e, assim, constituir o corpo de tradições que pode ser identificado como cultura humana. O que não é claro a respeito dos animais que não são seres humanos é até que ponto seus padrões de comunicação são aprendidos. Os seres humanos aprendem uma cultura; não nascem com a linguagem. Assim, a linguagem é “um sistema distintamente humano de comportamento, baseado em símbolos orais”, que são “usados para descrever, classificar e catalogar experiências, conceitos e objetos.” Portanto, a linguagem é um sistema especial de comunicação, que é especificamente oral e simbólico. E é aprendido. (HOEBEL e FROST, 2006, p. 381)

Tomando por base as camadas populares, a família funciona por meio de elos fortes entre os agentes. E a identidade social pode ser vista pela sobrevivência dos elementos espirituais e materiais necessários ao grupo, que é visível por meio dos elementos simbólicos que explicam a ordem do mundo em que vivem, atuam e reelaboram, no entanto, sempre tomam como referência o grupo familiar.

A família funciona como um elemento que moralmente situa-se acima da ordem legal, havendo uma ordem moral que a garanta, por meio dos costumes e códigos de honra. Discordo da autora, apenas no quesito *critérios pessoais*, uma vez que tais códigos morais de conduta são construídos socialmente, recriados e aceitos ou não pelo grupo que o compõe. Dificilmente os membros de um grupo familiar, ou de amigos ou vizinhos agiriam perante o grupo por meio de critérios unicamente pessoais. E se existirem passarão por aprovação do grupo como nos lembra Burke (2010).

Este universo moral é constituído por uma cadeia de relações sociais, intermediadas pela ordem da natureza e do sobrenatural, fazendo com que a reciprocidade que o ordena, tal como a definiu Marcel Mauss (1974), como um sistema constituído por três obrigações fundamentais - dar, receber e retribuir, não seja imediata. O dar e o receber, no universo simbólico dos pobres, envolvem a vida dos indivíduos em sua totalidade, constituindo o que Mauss chamou de sistema de prestações totais [...]. (SARTI, 1986, p.111)

Bourdieu (1996) mostra que a família é ao mesmo tempo um princípio de construção dos indivíduos, mas ao mesmo tempo transcendente em relação a eles, veja-se:

A família, é um princípio de construção ao mesmo tempo imanente aos indivíduos (enquanto coletivo incorporado) e transcendente em relação a eles, já que o reencontram sob forma objetivada em todos os outros: é um transcendental no sentido de Kant, mas, sendo imanente a todos os *habitus*, impõem-se como transcendente. Tal é o fundamento da ontologia específica de grupos sociais (famílias, etnias ou nações): inscritos, ao mesmo tempo, na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais objetivamente orquestradas, eles se apresentam à experiência com a opacidade e a resistência das coisas, ainda que sejam o produto de atos de construção que como sugere certa crítica etnometodológica, aparentemente os remete à não existência das criaturas puras de pensamento. (BOURDIEU, 1996, p. 128)

A família é uma construção enquanto coletivo incorporado, mas não livre da objetividade das relações sociais, sendo, portanto, uma construção subjetiva, mas com elementos objetivos inerentes aos grupos sociais. Ela é ao mesmo tempo estruturante e estruturada.

PARTE II – INVENTÁRIO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: INDICADORES QUE SUSTENTAM A CONCEPÇÃO DE QUE SÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS.

Os homens fazem a sua história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. (Marx, 1971, p. 15)

2.1. A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO SOCIALIZADOR QUE SE DESENVOLVE NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.

Conceber a educação nos termos anunciados impõe-se como indispensável, aportar-se em conceitos teóricos que possam fundamentá-la. Dentre as possibilidades optei por privilegiar a noção e abrangência dos processos de transmissão de saberes bem como, bases de sustentação que garantem a legitimidade da educação ser construída em outros espaços de formação humana, privilegiadamente as manifestações culturais populares. Não se trata de continuar dicotomizando a educação nos termos formal x informal, escolar x não escolar. Assim estarei defendendo uma noção de educação para além do espaço formal.

2.1.1. A Transmissão de saberes.

A LDBEN nº 9394/96 em seu título I, traz um conceito mais amplo de educação:

Art. 1º. “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Frente ao exposto pela lei, pode-se discutir diversos elementos, porém vou ater-me ao que diz respeito à educação desenvolvida nas manifestações culturais e quase nunca é levado em consideração. Verifica-se que a LDBEN contempla a modalidade de educação abordada nesta pesquisa, uma vez que concebe a educação englobando os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, dentre outros elementos os movimentos sociais e, principalmente, os processos

educativos que envolvem as manifestações culturais e as formas pelas quais se perpetuam.

O termo “manifestações culturais”, na maioria das vezes, está aliado a culturas minoritárias, cultura de uma determinada localidade, ligado a tempo e espaço. Grupos vistos como mais restritos, de algum modo, parecem mostrar-se fora da regra geral (fora de uma cultura geral, que diz respeito aos saberes acumulados pela humanidade e que contam com todo respaldo das instituições educativas, sejam elas de ensino ou pesquisa), sendo vistos como marginais, pois, parecem posicionar-se à margem da sociedade e não menos importantes por isso.

Neste trabalho, utilizo o termo manifestações culturais, indicado pela lei e que expressa, a meu ver, o conteúdo da cultura popular, justamente para definir o foco da discussão desta pesquisa, estando ligados a educação não-formal. Nesse sentido, percebo claramente na LDBEN elementos da educação formal, informal e não-formal. Embora haja momentos em que se aliem, destaco alguns elementos que direcionam para a compreensão da educação para além dos processos escolares de aprendizagem. Darei início à discussão com o exposto por Sodré:

A transmissão da cultura se processa através de meios sistemáticos e de meios não sistemáticos; o meio sistemático mais usado e mais desenvolvido é a forma de educação denominada ensino; em todos os tempos e em todos os lugares, com desenvolvimento que acompanhou o desenvolvimento das sociedades, existiu sempre, maior ou menor, um aparelho de transmissão sistemática dos conhecimentos, uma estrutura do ensino; sociedades complexas, como as do capitalismo, demandam complexos aparelhos e estruturas são, no todo ou em parte, peças do aparelho de Estado; transmitem, assim, a cultura oficial, aquela que obedece à característica social de que a cultura dominante é a cultura das classes dominantes. (SODRÉ, 1986, p. 122-123)

Deste modo, é que se processa a transmissão da cultura em nossa sociedade. Mas de que modo se daria a transmissão, ou aprendizagens de saberes que escapam da esfera dominante? De que modo se daria aprender e ensinar elementos que se inscrevem no percurso de vida das pessoas desde a infância? Outras formas de educação que não as sistemáticas, como nos mostra Brandão, que aqui reflete sobre estas questões e inicia uma discussão acerca das relações entre criança e cultura:

[...] Quero falar, portanto, das relações entre a criança e a cultura. Quero falar de um misterioso silêncio que torna opaca a presença da criança, enquanto cativo, entre as teorias de explicação da vida social. Quero falar, finalmente, de um não menos misterioso desequilíbrio, nem sempre percebido, nem sempre consciente, nem

sempre denunciado, e que perpassa praticamente todos os fundamentos das teorias e métodos de trabalho do educador de crianças. (BRANDÃO, 1986, p.7)

Como o saber se reproduz socialmente? De que modo são socializados e incorporados os saberes e os segmentos populares? A teia de relações entre família, crenças, *habitus* e comunidade produz saberes socialmente e culturalmente dirigidos a um destino específico? Por que o processo de reprodução do saber nunca aparece desvelado? Seria porque é completamente natural e invisível? Ou seria por um fator que direciona ao ocultamento de tais discussões? A agência preferencial, neste sentido, tem sido a escola. Mas, sabe-se que os processos educativos estão longe de ocorrer somente dentro dela. Mesmo que sejam por meio de processos pouco ou nunca estudados por instituições de pesquisa.

Como o saber se reproduz socialmente? [...] Quando o quadro concreto de referência é a sociedade primitiva, a questão é quase sempre muito pouco discutida, justamente porque o processo de reprodução do saber nunca aparece desvelado como na sociedade complexa, distribuído entre as instituições sociais de transmissão do conhecimento. Quando o quadro de referência é a sociedade de classe e, sobretudo, quando seus segmentos populares, quase todas as pesquisas estão dirigidas a discutir como as classes dominantes e os aparelhos do estado criam e recriam instituições e especialistas ocupados na reprodução de um *saber* que garante, para os seus produtores, a reprodução de um *poder*. Não é por mero acaso que desde a Sociologia clássica a Educação institucional e sua agência preferencial, a *escola*, têm sido o lugar quase único de estudo sobre a transferência do saber. (BRANDÃO, 1986, p. 10)

Para Brandão (2007), educação é, como dentre outras formas, uma espécie de fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade, às vezes a ocultar, às vezes a inculcar, de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. Entendendo por “transferência de saber” as formas de transmissão de saberes de uma geração a outra.

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. (BRANDÃO, 2007, p. 13)

Percebi esses processos educativos nos rituais religiosos populares. Propagando-se das mais diversas formas, acontecendo naturalmente em meio às relações sociais

direcionadas por um calendário festivo religioso e impulsionadas pela fé dos agentes, ao menos na maioria deles. Concluo isto pelo olhar, pelos gestos, pela seriedade e pelo compromisso com que eles seguem seus ofícios. Essas são formas de educação, pois fazem parte de uma sequência histórica que a justifica e justificam a transmissão de seus saberes e, por sua vez, a sua continuidade, ao menos a tentativa desta garantia.

O homem que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação. Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano [...]. (BRANDÃO, 2007, p.14)

A continuidade e, por sua vez, a transmissão dos saberes se dão no interior da cultura por meio de trocas de símbolos de intenções, manifestações culturais, relações de poder que acontecem em situações de aprender-ensinar-aprender.

Assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela – idealiza, protege e procura realizar [...]. (BRANDÃO, 2007, p.22)

Onde há o que ensinar sempre se cria algum modo de ensinar e aprender. Os saberes, as crenças (rezas, promessas, benzeções, simpatias, cantigas, etc), os gestos (silêncio em momento de oração, ouvir um adulto falar ou rezar, imitar o adulto, saber se portar perante os rituais, etc), os símbolos (símbolos como altares, velas, vestimentas, enfeites, arcos, ramos, rosários, santos, fogueira, etc) alimentação, dentre incontáveis símbolos se idealizam e projetam o que os grupos querem realizar.

[...] Ao processo global que tudo envolve, é comum que se dê o nome de socialização. Através dela, ao longo da vida, cada um de nós passa por etapas sucessivas de inculcação de tipos de categorias gerais, parciais ou especializadas de saber-e-habilidade. Elas fazem, em conjunto, o contorno da identidade, da ideologia e do modo de vida de um grupo social. Elas fazem, também, do ponto de vista de cada um de nós, aquilo que aos poucos somos, sabemos, fazemos e amamos. A socialização realiza em sua esfera as necessidades e projetos da sociedade, e realiza, em cada um de seus membros, grande parte daquilo que eles precisam para serem reconhecidos como “seus” e para existirem dentro dela. (BRANDÃO, 2007, p.23)

A educação, nos processos sociais de aprendizagem, vai se configurando como uma espécie de inventário de amplas relações que se iniciam no âmbito familiar, se estendendo numa rede de trocas de saber, incluindo os aprendizes, os educadores sociais, que estão imersos nas teias de relações e que observa-se nitidamente nos rituais estudados como, por exemplo, nas relações sociais propiciadas pelas novenas, no momento de visita que o benzedor e benzedeira recebem seus “clientes”, impulsionando dois tipos de comportamento, o do benzedor e o do benzido. Todos esses aspectos são observados, também, nas folias, no momento público de se cumprir uma promessa. Ritos e rituais desencadeiam inúmeras teias de relações sociais (não somente a de parentes, mas amigos, visitantes e outros) e que guardam “segredos e mistérios”, segundo relatos de seus membros.

[...] Em todos os cantos do mundo, primeiro a educação existe como um inventário amplo de relações interpessoais diretas no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, sobrinho-irmão-da-mãe, irmão-mais-velho-irmão-caçula e assim por diante. Esta é a rede de trocas de saber mais universal e mais persistente na sociedade humana. Depois, a educação pode existir entre educadores-educandos não parentes – mas habitantes de uma mesma aldeia, de uma mesma cidade, gente de uma mesma linguagem – semi-especializados ou especialistas do saber de algum ofício mais amplo ou mais restrito: artesão-aprendiz, sacerdote-iniciado, cavaleiro-escudeiro, e tantos outros. (BRANDÃO, 2007, p.31-32)

Brandão (2007) salienta que, todo este trabalho tradicional de classe que sustenta um modo próprio de sua vida subalterna é sustentado por formas próprias e muitas vezes popularmente muito complexas de saber.

Os agentes sociais que aprenderam a ter práticas e costumes em função de suas crenças também referenciam a autoridade conferida aqueles que os lideram. Nesse sentido, o ato de aprender também impulsiona uma vivência coletiva. Segundo Brandão (1980),

[...] cada um a seu modo e atuando em espaços paralelos – as vezes cruzados – de um mesmo campo religioso, em um mesmo domínio popular, são sujeitos que sabem dar os nomes e prescrever as regras de nomeação e as normas de trocas entre sujeitos humanos e sobrenaturais nominados. (BRANDÃO 1980, p. 152)

A dinâmica interna dos diferentes rituais observados permitiu-me identificar o desenvolvimento de processos tipificados de transmissão cultural que permeiam e

perpassam as relações culturalizadas pelos protagonistas; portanto claramente possíveis de comprovação, o sentido que Durkheim atribui à educação.

Durkheim (1858-1917), ao definir sua concepção de educação como processo socializador, retoma as concepções Stuart, Kant, James Mill e Spencer:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM, apud, PEREIRA; FORACCHI, 1977, p. 42)

A busca de compreensão da educação como processo socializador ocorrer em diferentes espaços sociais, superando as clausuras dos espaços escolares, Mascarenhas (2004) ressalta que:

Não é muito comum, nos cursos de formação de professores e nas pós-graduações em educação, discutirmos os processos educacionais que se dão em outros espaços sociais. Na realidade há dificuldades para enxergá-la e analisá-la além das fronteiras da escola. O nosso olhar míope e nossa percepção de educação ressentem-se de uma certa clausura. Mas se observarmos um pouco mais atentamente ao redor, vamos ver que as fronteiras são tênues e há nisso uma grande riqueza e a possibilidade de trocas e interações. A educação é um processo rico e complexo, sendo elemento vital para a constituição da vida em sociedade e, também, instrumento por excelência da socialização dos indivíduos. Sabemos que sem socialização não há continuidade da vida social, pois ela é o processo pelo qual uma pessoa aprende a ser membro de uma sociedade e a educação é o meio através do qual a socialização se realiza. (MASCARENHAS, 2004, p. 15)

Mascarenhas (2004) nesta visão ampliada de educação, para além de sua dimensão estritamente socializadora defendida por Durkheim, busca apreender novas relações entre educação, cultura e vida social. Afirma portanto que,

A educação é aprendizado, vivência, criação e recriação, movimento e interação. Sob esta perspectiva, a organização de grupos sociais que se consolidem por meio de uma ação conjunta, criando suas representações e se inserindo ativamente na realidade social, representa um processo educacional rico e diversificado. Por isso, podemos perceber a constituição dos movimentos sociais imbuída de um processo educacional muito significativo. (MASCARENHAS, 2004, p. 18)

Por mais tímidos e pouco visíveis que pareçam ser os grupos e agentes pesquisados, eles de uma forma discreta, até muito educada acabam por se configurar com um certo caráter de resistência diante de seu desreconhecimento da sociedade contemporânea aportada numa razão instrumental e de mercado que move sua lógica. Desta feita, no campo contra-hegemonico as manifestações populares são portadoras de

identidades à medida que diferenciam-se de outras práticas culturais e são culturalizadas por serem dotadas de saberes reconhecidos por grande parte da população.

2.1.2. Rompendo a dicotomia entre o formal e o informal: a legitimidade dos diferentes espaços de formação humana

Alguns questionamentos são necessários a esta compreensão, porém as discussões, *a priori*, caminham no sentido da compreensão dos processos educativos que se inscrevem para além dos espaços escolares de aprendizagem:

Em meio às modalidades educativas encontra-se a escola, a família, a comunidade e novamente a questão: cada modalidade estaria na sociedade agindo isoladamente? Ou haveria possibilidades desse saber formalmente organizado ao longo dos anos ser questionado, reavaliado e ainda observar a realidade e a cultura local? Isso quer dizer que esses saberes que por questões relacionadas a poder, não entrariam normalmente no currículo escolar [...]. (LOURES, 2011, p. 3).

Moura e Zucchetti (2001) destacam na sequência que a denominação de educação não escolar tem o propósito de distinguir esta prática educativa daquela que acontece nos intramuros da escola, uma vez que a educação não formal vem sendo utilizada para nomear práticas fora do âmbito da escola. As autoras ressaltam quanto a isso que esta nomeação pode constituir um limitador para a análise de inúmeras experiências fora da escola e sua relação complexa atual.

Assim sendo, em meio a esta classificação das modalidades educativas, a problemática da cultura se instaura de forma não muito tranquila em meio às relações educação e cultura.

Podemos perceber que a relação entre educação e cultura não é tão tranquila assim quanto parece, pois ao mesmo tempo em que a escola deve observar os contextos culturais para contribuir na aprendizagem, a cultura torna-se um campo complexo principalmente na contemporaneidade¹⁴. (LOURES, 2011, p.11)

Em Loures (2011) encontram-se duas concepções de escola: uma que veicula os estudos culturais ou seja, a escola que ensina por meio de práticas multiculturais, conhecimentos locais, experiências dos alunos e suas famílias, vida cotidiana das

¹⁴ Discussões contemporâneas como, por exemplo, as de currículo que encontraremos em Tomaz Tadeu da Silva (2009).

classes populares¹⁵. Essa concepção é inspirada nos Estudos Culturais¹⁶, acontece nos contextos culturais mais imediatos, no caso, uma cultura mais localizada. E outra que defende a formação humana, cultural e científica, refletindo sobre o patrimônio cultural da humanidade no desenvolvimento cognitivo dos alunos, a sua forma de inclusão social é promovendo e ampliando o desenvolvimento mental, formando a personalidade do aluno através do domínio de saberes e instrumentos culturais¹⁷. Aqui há a preeminência da cultura acumulada pela humanidade e dos saberes sistematizados.

Dando sequência a esta reflexão, lanço mão das reflexões de Gohn (2010) visto que ela amplia a discussão. Assim diz a autora:

Em princípio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube etc.). A informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/etnia, religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimentos nativas dos indivíduos. Contrariamente, a educação não formal não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. (GOHN, 2010, p. 16)

A questão da intencionalidade tem sido objeto de estudo de diversos estudiosos e, nesse sentido, alguns afirmam que a educação informal estaria desprovida desta intencionalidade. Discordo desse fato por defender que há intencionalidade em toda ação educativa.

Na educação formal sabemos que os educadores são fundamentalmente os professores, embora as ações de todos (as) os (as) profissionais que atuam na escola têm caráter educativo por seu sentido e significado. Na educação não formal, há a

¹⁵Esta concepção de escola está ligada a questão das diferenças, das culturas, identidades, tais como indicam os estudos ligados a Redes Culturais, Sgarbi (2002) e Culturas e Identidades em Tomáz Tadeu da Silva (2009) que estão aliados ao pensamento pós-moderno e teoria curricular crítica.

¹⁶ “Uma vantagem de uma concepção de currículo inspirada nos Estudos Culturais é que as diversas formas de conhecimento são de certa forma, equiparadas. Assim, como não há uma separação rígida entre o conhecimento tradicionalmente considerado como escolar e o conhecimento cotidiano das pessoas envolvidas no currículo”. (SILVA, 2009, p. 136)

¹⁷ Esta concepção está aliada a tradição da teoria histórico-cultural criada por Vygotsky e visa o desenvolvimento de conceitos objetivando o desenvolvimento mental dos alunos.

figura do educador social, mas o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc. (GOHN, 2010, p. 16-17)

Na educação formal, tem-se a figura central do professor; na educação não formal, a do “outro” com quem interage-se como diz a autora, e na educação informal os agentes como pais, amigos, família.

Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu etc. Há aspectos de uma certa naturalização desses espaços porque muitos deles não são escolhas dos indivíduos – são dados pelos seus pertencimentos culturais. (GOHN, 2010, p. 17)

Quanto aos espaços, na educação formal, as escolas; na educação não formal, as trajetórias de vidas fora da escola em locais informais. Na educação informal, as referências são nacionalidade, localidade, religião, dentre outros pertencimentos culturais. Novamente insisto que as fronteiras entre o não formal e o informal são por demais estreitas, chegando até mesmo a utilização do termo informal para se referir aos locais da educação não formal.

A educação formal pressupõe ambientes normatizados, com regras, legislações e padrões comportamentos definidos previamente. Perfil do corpo docente e metodologias de trabalho são previamente normatizados. A não formal ocorre em ambientes e situações interativas construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiência e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato da escolha em dados processos ou ações coletivas. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados. Os saberes adquiridos são absorvidos nos processos de vivência e socialização pelos laços culturais e de origem dos indivíduos. (GOHN, 2010, p. 17-18)

Se há, como diz a autora, intencionalidade na ação, ato de aprender e de transmitir ou trocar saberes defendo contrariamente que, na educação informal, há também esta intencionalidade, pois à medida que os processos de aprendizagem

parecem ser cada vez mais espontâneos, em sua essência não o são. Há intencionalidade do grupo em fazer um ritual permanecer. Em dois casos descritos neste trabalho, quando não houve o elemento “promessa” para um grupo circular (no caso duas folhas uma de Reis e a outra de São Sebastião) num determinado ano, o fizeram sem a mesma existir. Persistiram no ritual mesmo sem ter o que inicialmente o impulsionava. Não houve então outras intenções para que estes persistissem? Há intenção em qualquer ação em que há agentes sociais, principalmente em maior número de pessoas participando, criando e recriando suas formas de expressão perante a comunidade em que vivem.

[...] A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. (GOHN, 2010, p. 18-19)

Ao que parece, esses processos da educação informal estão ligados à socialização primária e aliados a um processo de naturalização do indivíduo. Percebo estes elementos nos rituais observados para esta pesquisa, mas não somente.

[...] A educação não formal tem seu próprio espaço, forma cidadãos, em qualquer idade, classe socioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc., para o mundo da vida! Ela tem condições de unir cultura e política (aqui entendidas como *modus vivendis*, conjunto de valores e formas de representações), dando elementos para uma nova cultura política. (GOHN, 2010, p. 92-93)

Quanto ao conceito de educação não formal destaco também elementos presentes na pesquisa, mesmo que de modo inconsciente ou consciente e não dito, as manifestações da cultura popular ao meu entender expressam um *modus vivendi*, e porque não dizer uma postura política também em suas formas de representação dos valores incluindo religião, etnia dentre outros.

Eis o conceito defendido pela autora:

Conceituamos a educação não formal como um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, ela trabalha com coletivos e se preocupa com os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos. Portanto, não isolamos a educação não formal à formação de indivíduos isolados, as aprendizagens e produção de saberes ocorrem em coletivos. Inserimos a educação não formal no universo dos direitos, na perspectiva da emancipação e autonomia dos sujeitos. (GOHN, 2010, p. 93)

Sempre quando se discute sobre qualquer modalidade educativa, seja formal, não formal ou informal é quase automática a comparação entre elas até mesmo para melhor compreender cada uma. Enfim,

Quando tratamos da educação não formal, a comparação com a educação formal é quase automática. O termo não formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal. Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio, podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, igreja etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Não contrapomos um tipo da educação ao outro; o ideal é que eles sejam articulados. (GOHN, 2010, p. 93)

Assim, são importantes tais delimitações mesmo porque foram inscritas historicamente ao longo do processo educacional e pelas formas em que os agentes se portam ao tratar deste ou daquele assunto, desta ou daquela forma de ensinar e aprender. Talvez por esse e outros motivos é que alguns investigadores não fazem distinção como aponta Gohn do não formal com o informal.

Gohn (2010, p. 55), diz que “ o Educador Social numa comunidade atua nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes e da reconstrução e ressignificação [...] em confronto com o novo que se incorpora”. Portanto, a figura do educador social é decisiva à manutenção de saberes específicos locais numa determinada comunidade. Por este motivo define-se aqui, os agentes sociais portadores de saberes e transmissores dos mesmos como a figura do “Educador Social”.

A autora aborda em seu trabalho a educação como promotora de mecanismos de inclusão social:

[...] Entende-se por inclusão, as formas que promovem o acesso aos direitos de cidadania, que resgatam alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como o de civilidade, tolerância e respeito ao outro; contestam-se concepções relativas às formas que buscam, simplesmente, integrar indivíduos atomizados e desterritorializados, em programas sociais compensatórios e conservadores. (GOHN, 2010, p. 94)

Estes elementos, os quais os promotores da cultura popular fazem existir frente aos agentes de seus grupos, com os recursos que lhes são disponíveis, talvez seja uma

das formas de responderem a forma de organização do sistema em que vivem. Embora ainda lhes faltem ter acesso a muitos bens simbólicos da sociedade capitalista visto que ela os nega.

2.2. A DIVERSIDADE DE PRÁTICAS E SABERES POPULARES, O EDUCADOR SOCIAL E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EXPRESSAS NOS RITOS DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS¹⁸

[...]Me contou outro poeta
Que mora na região
Que a cultura do povo
Sofreu uma transformação
Ninguém mais reza pras almas
Sexta-feira da paixão
Não tem mais folia de reis
Nem fogueira de São João
Não canta mais derrubada
Quando se faz mutirão.
(COELHO, 2000, p. 92)

As manifestações culturais populares analisadas nesta dissertação ainda mantêm relações com a tradição que lhe assegurou autenticidade.

Burke (2010) afirma que, alguns rituais populares se modelaram segundo a literatura cristã. Assim, os símbolos religiosos, as festas, as rezas, demonstram ter um sentido agregador do grupo disperso pelo capitalismo. Ao retomar o estudo de Aguiar (1991) acerca do povo da Barra e o olhar de Dona M. acerca dos processos formais de ensino nos impulsionaram a descobrir nos rituais observados como esse “ensino ocorria”. Pude notar que, de algum modo, há momentos bem visíveis em que a ação educativa dos adultos se fez presente de maneira informal relacionando-se com os sentidos que os rituais apresentavam para aquele grupo. Já em outros casos, as aprendizagens são tão implícitas que se tornam quase invisíveis. E como salienta Aguiar (1991), as crianças uma vez tratadas como protagonistas e diante de sua evidente importância viabiliza a transmissão de conhecimentos e, de certa forma, assegura a sobrevivência de uma cultura, principalmente em se tratando de “povos” que utilizam apenas recurso oral para a transmissão de saberes.

O inventário cultural é apresentado sob a forma descritiva/analítica de cada grupo de manifestações culturais, a saber: Benzeções; Rezas e Novenas, e Falias e

¹⁸ As fotos e os depoimentos gravados nas entrevistas foram autorizados pelos seus protagonistas para serem inseridos no texto da presente dissertação.

Congada. Um quadro analítico sintetizará cada grupo de manifestação identificado por sete indicadores de sustentação de que educação se realiza nestes espaços sociais:

- Tempo de Realização do Ritual;
- Existência de Saberes Reconhecidos pelo grupo;
- Sistema de Crenças e Demandas;
- Existência de um Processo Educativo de Constituição dos Educadores Sociais, portadores de Saberes a serem Transmitidos/Partilhados;
- Recursos Simbólicos Mediatizadores das Práticas Culturais;
- Culturalização Coletiva como Ritual para Transmissão e ou Vivência de Saberes;
- Organização Coletiva onde as Relações Internas são hierarquizadas dentro do Sistema de Crenças com nítida hegemonia do Educador Social.

Na sequência será apresentado um quadro analítico constando os entrecruzamentos: o que é recorrente e determinante no conjunto das manifestações culturais analisadas.

2.2.1 O Universo educativo das Benzeções.

[...] “tornar-se capaz de benzer e curar alguma enfermidade, depende de encontrar dentro de si a capacidade de sentir a dor que sente um enfermo, de se colocar no seu lugar, para poder ter a dádiva de curar” [...]. (AGUIAR, 1991, p. 97)

O universo educativo da prática da benzeção caracteriza-se pela realização do ritual partindo de um agente que se dispõe a exercer uma função sagrada (benzer e curar) “um dom”, sendo que os ensinamentos são direcionados a agentes escolhidos sendo principalmente do grupo familiar e ou amigos muito próximos já que se espera uma atitude de doação e solidariedade para atender a comunidade e a quem precisa. São rituais abertos, mas com a participação do benzedor/a e o benzido/a, e ou o aprendiz.

Benzeção I

D^a F. 95 anos, do lar. Nascida em Angico-Bahia, mãe de nove filhos. Relata que veio da Bahia, mas não se recorda o ano, afirma que seus filhos eram pequenos. Diz que não “pois sentido” há quanto tempo benze. Aprendeu a benzer por volta dos quinze anos. Ela afirma que seu marido foi o primeiro a vir para trabalhar no garimpo em Cristalina. Segundo ela, as coisas estavam difíceis na Bahia e seu esposo veio para procurar trabalho. Trabalhou em minas, em lavoura e, mais tarde, vieram para Nova Veneza onde se encontra até hoje. Sempre sorridente, bem humorada e pronta a atender as pessoas que aparecem. Ela inicia dizendo sempre pedindo bênçãos a Deus e rezando o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Após benzer, ela cita bênçãos recebidas por pessoas que a procuram e para as quais ela pede intercessão junto a Jesus, Maria, Anjos e Santos. Ao se referir ao seu altar, ela sempre diz: “meu Santo da Bahia”, o Sagrado Coração de Jesus. D^a F. sempre nos recebeu, assim como a todos que buscam suas orações. Lembra as seguintes bênçãos: a venda de uma terra (não diz o nome de quem conseguiu a graça); a benção de sua saúde (dela própria).



FOTO 5- Patrícia Loures- D^a F. Em seu pequeno Santuário. Local onde benze os que a procuram.

Ela faz um relato sobre a compra de um carro e a concessão de uma carteira de motorista (não indica o nome, somente a graça após as rezas):

A pessoa tem o coração de Deus, iguali quando o vendeu a terra do[...]Tem que tá com o coração pra Deus. Iguali tava ieu uma véia tudo preta né (relembra que Deus a abençoou-a quando estava doente). Ai ela chego

_ D^a. F. me ajuda, eu estô querendo comprá um carro tô quereno não, vou comprá, mas eu quero tirá a carterá premero qui¹⁹ é mais custoso.

Eu digo:

_ Uai então vamo eu vô fazê um pedido pra tu qui nossa senhora da guia vai te aguiá teus passo qui logo logo Sr tá na frente cê vai tirá tua carteira é logo e depois você me panha aqui na porta e dá uma volta comigo no carro...passo pocos dia ela chego é Dona Francisca foi em cima da pinta tirei a carterá já comprei o carro eu não vi a cor do carro até hoje[...]

Explica que sempre recebe visitas, crianças, jovens, adultos, velhos, e que as pessoas nunca se esquecem dela. Afirma que as orações fazem bem às pessoas e a ela própria. Mostra seu altar, os santos diversos e diz que é tudo presente das pessoas que procuram suas benzeções.



FOTO 6- Benzeção contra mal olhado. Patrícia Loures

Sobre o seu aprendizado:

Aprendi essas reza com meu povo na Bahia. Todo ano rezava. Dentro da Bahia que eu era rezadeira. Minha sogra era companhera minha. Minha mãe. Também cuidava ajudava a cuidá da igreja. Tinha aprendido um pôco na escola quando ajudava a fazê a merenda. Aprendi um pôco a lê, meu tio era professor. Aprendi umas reza nos caticismo da igreja. Mas nunca ninguém me ensinou, fui aprendendo de vê os outro rezá.

Acredito que está presente na situação de benzeção o *habitus* incorporado pelos agentes individualmente e, no grupo, enquanto partícipes das mesmas crenças, hábitos e

¹⁹ Neste momento, ela sinaliza para o gravador como se perguntasse se estava ligado ou não e eu digo a ela que pode falar que sua fala está sendo gravada.

atitudes frente à resolução de questões difíceis. Para tanto, há aprendizados, ou técnicas individuais dos benzedores com seus rituais específicos e também há aprendizados que garantem a existência dos agentes que não seriam fregueses, pois “não se pode cobrar sob pena de não valer o pedido ao sagrado”. Isto foi observado em todos os rituais, “ninguém cobra financeiramente por seus préstimos seja ele qual for” (desde a benção, tirar terços, tirar folia e tantos outros).

Ela diz:

[...] ô sô eu não sei o que é que é e custava vim, mandô um abraço pa vó Francisca, ela vei me deu um abraço aqui, eu agradei ela foi embora, é desse jeito, eles não esquece de eu, ua santaiada²⁰tudo eles qui manda pra mim é ua beleza, sô²¹ polícia, criança “ essas não pode nem falar”[...]

D^a. F. prossegue afirmando que há uma boa relação entre ela e a igreja local, ou seja, recebe visitas semanais de uma pessoa de igreja que vai lhe levar a benção de Deus, fazer orações para, em seguida, ministrar-lhe a eucaristia. Contou também que, por vezes, recebe a visita do padre da paróquia. Afirma que é visitada tanto pelo padre da igreja local quanto por um seminarista oriundo de Nova Veneza, o qual, segundo seu relato, lhe demonstra um grande carinho.

[...]ô Nossa Pai hoje chegou ua visita na minha casa, a casa que vós mora comigo, sagrado coração meu protetore da Bahia, veio uma visita sagrada aqui na minha casa trazê ua bença pra mim pra minha saude e levá tamém minha bença da cura e da bença de Deus pra casa deles tamém. Grandissisemo Jesus, fonte inesgotável de amor pai da misericórdia de Deus, de toda consolação, que apesar de nossas inveja de nossas indignidade, vos dignastes descobrir nos a riqueza inefável de vosso coração amabilisemo, nesse mistério da vossa imensa caridade para [...] divino apostolado para que[...]necessário nosanto tabernáculo e pela glória do vosso pai e pelo triunfo da vossa igreja pelo adiantamento do justo e conversão dos infieis hereje e pecador[...]inteiramenteque eu suplico vos pois meu grandissíssimo Jesus por vossa infinita bondade que vos seja agradáve recebê esse holocasto e como istirá o desejo de vos oferecê para cumpriri amém. Essa consagração do Sagrado Coração de Jesus, ói bonito, o padre achô bonito[...]
Eu vô pô aqui um ramo do Ofício de Nossa Senhora e era acompanhado (perguntei com quem ela aprendeu e ela só me respondeu, “ prendi tamém”)

De acordo com sua explicação, seu aprendizado se deu através da observação dos mais velhos. Diz uma oração:

²⁰Fala mostrando todos os santos que ganha de presente das pessoas que frequentam sua casa buscando suas orações

²¹Antes da gravação, ela havia me falado que benzia crianças e pessoas de todas as idades inclusive dois padres, um seminarista e outros dois. Porém, no momento da gravação, não foi possível seguir essa sequência, pois percebi queo relatodeveria seguir seu próprio ritmo a fim de garantir a espontaneidade de sua fala.

Deus vos salve o trono do grão de Salomão arca de conseio de gideão [...]e a qual ele escolheu qui é pra sê mãe sua, que de vós nasceu o filho de Deusu assim vós me tras das curpa, das doença, das tentação e das inveja originali de nenhum pecado está em vosso male, vós que habitais lá nessas artura desce pai do céu, desce mãe do céu, vem curá e abençoa o corpo dessas criatura que tá aqui qui é cum raios craro, o solo da justiça é quando és a virge de onde o sol cubriu,soi liro fermoso qui cherô espirro, por entre as espinha da serpente a ira que vós aquebrantai com vossos puder e os servo de anjos[...]fizesse nascer de solo tão fecundo é como[...] cobrisses o mundo e a virge que nos criô cum Deus e no Espírito Santo cum todas as obra que [...] que por vós mãe de graça merecemo a vê e a Deus nas altura cum todos prazere que pois suas esperança nos povos errantes assegura o povo para os navegante estrela do mare cá saude e a felicidade pra tu prepeta vai sê cërta porta qui ela istá para os céus aberta, casa de Deus, Deus te fez Deus te criô e Deus te ingerô, tirai esse mau qui nessa casa entrô,[...] se fô ua inveja mandada, um maloiado mandado, um mal desejo eu tiro eu tiro, com a força das cinco chaga de Nosso Senhor Jesus Cristo, o milagre de Nossa Senhora Aparecida, nossa protetora de Nova Veneza, é quem vai te ajudá, Deus te fez, e Deus te ajudô, Deus te criô, Deus te ajudô, tirai esse em seus corpo e em seus trabalho entrô, se fô inveja, um mal sóio, um mal desejo, qualrqué pobrema dua traição ruim contra vocês e contra seus trabaio com os puder do divinho pade etern, vai sê curada, com dois mau de oiô, com três eu vô tirá com dois mau de oiô, com três eu vô tirá com a lição dos treis mais véio, qué é o Pai, é o Filho e o Espírito Santo. Com as arlma di meu sinhor Jesus Cristo, abarrufada com o leite da Virgem Maria andarei estradas e caminhos, toparemos bons e maus, os maus qui tirverem sóio nunca ti inxergará e boas passadas seis dará, canta o galo, cenda mais luz sinhor Jesus Cristo, arca santa bem fechada salrvará nossas arlma assim como salrvô a do senhor São Francisco, que grande é o nome de Jesus, Jesus Maria e José.

D^a F. lembra dos santos da Bahia, mas não esquece de atribuir seus pedidos à padroeira do lugar.

A protetora aqui de Nova Veneza, que vai tomá conta dessa bença que a prepéta veio fazê aqui na minha casa, ela vai levá essa bença no coração dela e do fio dela po mandado de nosso Senhor Jesus Cristo qui posô aqui na minha casa im dezembro e dexô essa prenda pra mim, um presente qui eu pidi ele (mostra a imagem que ganhou de presente de uma pessoa que frequenta sua casa pedindo orações) e ele dexô pra mim, o último, a última bença, vai saí do coração dela e do fio dela qui saiu daqui os derradero intão (refere-se a nós como uma espécie de ganhadores de benções já que chegamos por derredeiro naquele dia e portanto recebedores das benções segundo ela) os dono da bença é ese vai se muito filizi vai se muito grandioso (reza o Pai Nosso e Ave Maria)

Nesse momento, D^a F. fala baixo pensando que o gravador está ligado. Pergunta se ainda pode continuar, ela está bem disposta. Informa que gostaria de relatar outra reza que é fácil: “é seis palavrinhas cada um”. É a respeito de espinhela caída. Afirma ainda que não há médico que cure esse mal, pois, segundo ela, a cura é obtida somente através da benzeção. Antes de iniciar a gravação, ela diz que “o povo de hoje não sabe o que é bão só fica invordido com televisão”. Ela própria segura o gravador.

[...]ao meno a espinhela²² caída qui doutô num trata. Não sei si sê sabe dua. Ela vei pra mim, fia dua mué lá em Goiana, benzê de espinhela...explica é benzido treis veiz repitido assim. Fica assuntano. Quando Deus andô no mundo foi fazeno treis cura, curano arca, vento, espinhela caída precura seu lugá, quando Deus andô no mundo foi fazeno treis cura, curano arca, vento, espinhela caída precura seu lugá, (treis veize) quando Deus andô no mundo foi fazeno treis cura, curano arca, vento, espinhela caída precura seu lugá. Agora é oiano pra ela, Deus viveu e Deus morreu ispinhela caída Deus ergeu, Deus viveu e Deus morreu ispinhela caída Deus ergeu, qui a Ave Maria e as cinco chaga di Nosso Sinhô Jesus Cristo, as dor di Nossa Mãe Maria Santíssima qui vai ti curá. Aí agora reza a Ave Maria.

Ao perguntar se ela utiliza o pano para benzer, ela diz que sim e mostra como faz. Repete a oração e vai mostrando como se faz. Vai apertando o pano na cintura, colocando a espinhela ou arca no lugar certo. Explica que tem que medir antes para ver se está mesmo caída.

Ao ser arguida a respeito da benzeção de cobreiro, ela diz:

De cobreiro, benzo, e esse é prciso ói, o minino tá cum cobreiro na viria e ele é ruim de tratá, na viria debaxo do braço, pruque os lugá é quente, tá dano o que fazê. Todo dia cê tem qui benzê. O cobreiro tamém é três veiz qui fala: São Pedro procuro, como corta cobreiro brabo. Com a água da fonte o caminho do mato e as três pessoa da Santíssima Trindade, São Pedro falô...repete três vezes. Santa Iria, tava sentada em três pedra fria, curano cobreiro de sapo, de aranha, largatixa. Cum os pudere de Deus, da virgi Maria, esse cobreiro sereis cortado. Qui a Ave Maria, Nossa Senhora Aparicida, Nossa Senhora do Desterro, pa desaparicê, disterrá esses cobreiro. Jogá esses cobreiro pas montanha, pas mata virge, pelas águas correnti, pa eles nunca mais voltá. Ave Maria...Não tem cobreiro que não é curado.

Contra zipele²³, explica com que palavras cura este mal.

Você pega ua foia verde ô um ramim, e vai na perna o no braço, onde tive. Ela fica vremeio in vorta tudo. Aí a zipele vai assim. Deus te fez, Deus te crio de Deus te ingegerô. Tirai essa Sipele qui in tua perna entro. Se fô inzipa braba, inzipinha e inzipelão. Vá-te, sipele pelas montanhas pa nunca mais vortá .Cum os pudes de Deus da Virge Maria sereis cortada. (repete três vezes). Si ela fô de sol, puera, ropa, sabão. Ave Maria...

Ela nos explica informalmente como se faz para benzer de carne quebrada. Pega uma agulha e vai “custurano”, em um paninho ou em um papel (nesse momento, ela demonstrou como costura, próximo do local machucado).

²² Vulgarmente, o apêndice cartilaginosa do esterno (Minidicionário Aurélio, 1993)

²³Erisipela: infecção cutânea que afeta a derme e o tecido celular subcutâneo, produzida por uma bactéria denominada estreptococo e que se manifesta por febre, aumento da temperatura local, dor e espessamento da pele afetada In: <http://www.dicionariomédico.com/erisipela.html>

Eu te benzo de carne quebrada, nervo rendido, osso ritrucido, cum os pudere de Deus da Virge Maria tu vai sê curada.(três vezes). Deus não mente, eu tamém não minto. Com o milagre de São Vicente esse jeito vai sê curado. (Repete três vezes). Se fô jeito, ô carne quebrada, o nervo rindido, osso ritrucido com o milagre de São Vicente esse jeito vai sê curado. Uma Ave Maria, Santa Cecília qui mi deu a águia. São.[...]qui mi deu a linha. São Cirineu que me deu a oração. Que com o milagre de São Vicente esse jeito vai sê curado.

Logo em seguida, D^a F. diz outra forma de benzer, inclui alguns incômodos similares, pois caso seja um deles já se cura de uma vez.

Eu te benzo de vento e resfriado cum us pudere de Santa Luzia seus óio vai sê curado. Eu vô te benzê de are , counstipação, vento e risfriado. Com o milagre de Santa Luzia, seus óio vai sê curado.Vem Santa Luzia,Deus, com a ponta do manto de vós esse are vai se curado. Si Fo are cunstiação, um vento, um risfriado, cum os milagre de Santa Luzia tu vai sê curado. Uma Ave Maria oferecida a Senhora Santa Luzia, que é dona dos nossos oilos, ela já foi cega, ela sarvô. Intão seus óio vai sê curado cum essa oração sagrada qui ela dexo pra nós. Ave Maria.

Quando reza para as almas, ela diz:

“alimentação das almas: Aqui no Goiás eu também rezei muito pra’s alma no tempo da Coresma. Era a alimentação das alma. Na Semana Santa reza”. Ai eu perguntei mas na Igreja não reza pras almas? E ela respondeu. “ Todo tanto que a gente querê rezá pras alma pode rezá pras alma do purgatóro, na rua, na igreja, qualqué lugá.

Cântico

Bendito louvado seja

E a paixão do redentor

Irmão das armas

Do Redentor das armas (a voz tá ruim)

Que desceu do céu e da terra

Padiceu por seu amor

Irmão das armas

Por nosso amor

Irmãos das armas

E vai cantano é cumprida

Depois no fim reza baixo. Pai Nosso. Ave Maria.

Sobre onde aprendeu as rezas, D^a F. relata que foi na Bahia:

Aprendi essas reza com meu povo na Bahia. Todo ano rezava. Dentro da Bahia que eu era rezadeira. Minha sogra era companhera minha. Minha mãe. Também cuidava ajudava a cuidá da igreja. Tinha aprendido um pôco na escola quando ajudava a fazê a merenda. Aprendi um pôco a lê, meu tio era professor. Aprendi umas reza nos caticismo da igreja. Mas nunca ninguém me ensinou, fui aprendendo de vê os os outro rezá.

Sempre sorridente, parecem estar em sua casa aguardando a próxima visita que vai procurá-la para a benzeção.

Benzeção II

D^a. P. 67 anos, viúva, benzedeira. D^a.P. nos diz, em seu depoimento, muito de sua vida trazendo elementos singelos e nos mostrando o contexto de escolhas, aprendizagens e *habitus* dos agentes sociais que pertencem ao seu círculo de convivência, e ainda sobre sua forma de atuação perante eles. Ela conta como aprendeu:

Estudei até a primeira série. Nós é tudo nascido e criado aqui em Nova Veneza. Meu pai e minha mãe é nascido aqui na região Souza²⁴. Minha família sempre foi católica. Tem uns vinte ano que mudei pra cá²⁵. Vim morá com minha mãe e fiquei aqui. Tive quatorze filhos, oito são vivos. Quase todos foi parteira que fez. Só duas nasceu no hospital. Em Nerópolis e no Nossa Senhora de Lourdes em Goiânia. Aprendi a benzê com minha mãe. Ela ensinou eu e meu irmão. Eu pedi pra ela me ensiná. Quando eu era pequena minha mãe me mandava buscá folha pra ela benzê os outro. Ela sabia otras reza ai pedi a ela pra me ensiná de mal olhado e vento virado. Aprendi assim. Ela foi falano e eu fui aprendeno. Não tinha nada escrito não. Ela foi falano e eu gravano na cabeça. Com poucas vez eu aprendi. É facim. É eu que pedi. Ainda não ensinei ninguém da minha família. Minha neta sempre busca os raminho pra mim. Ela já sabe qual que eu preciso quando chega alguém pra benzê. Benzo qualquer dia e qualquer hora. Mas as pessoa vem mais na segunda, quarta e sexta-feira. Por dia vem dois, três, quatro pessoa, mais é criança. Adulto quase não vem não. Até crente vem, mas o pastor não fica sabendo porque não gosta, diz que não pode. Eles costuma trazê criança pra benzê eu não sei negá, eu benzo. Mas pra mim é importante fazer cura pros coitado que precisa. Sinto bem quando sou procurada pra benzer. Nessa vida já trabalhei muito, em horta, na lavora, em serviço de casa. Mas nunca deixei de benzê ninguém que me procurava. As vez tava na roça e a pessoa mandava pedi, e eu benzia de longe e valia. O que vale é a fê. Benzê pode sê de perto, de longe é uma conta só. Em casa posso tá fazendo até comê, dô uma paradinha, deixo a panela ferveno e venho atendê. Paro quarquê serviço e venho benzê. De vez enquando ensino algum remédio. Pra vento virado ensino marcela. Quebranto mentrasto. Que menino quando tá assim dá vomitação, dá dor de barriga, a gente ensina os remédio pra eles. O é que eles mais procura é benzeção de quebranto²⁶ e maloidado²⁷.

Como o Sr. Z., e outros benzedores D^a. P., atende em domicílio e explica como e porque: “Se a pessoa quer que eu vô na casa eu vô. Benzo a casa, as criação no pasto, no terreiro. As vez é um mau olho, aí eu benzo.”

Ela explica o que sente logo após benzer:

“Se tem alguma coisa fico sentino ruim, me dá dor de cabeça, abrição de boca. Só sinto na hora que benzo, depois passa.”

²⁴ Região rural onde hoje está passando uma parte da ferrovia norte-sul

²⁵ Nova Veneza

²⁶ Segundo o Minidicionário Aurélio (1993) é uma suposta desgraça causada por certas pessoas a outras para quem olham

²⁷ Mau olho, segundo os benzedores são pessoas que olham com inveja, desejo de ter o que a pessoa possui, atrapalhando a vida da pessoa afetada.

Ela segue explicando sua participação na igreja local:

“Sou membro do Apostolado da Igreja e Vicentinos, e vou sempre na Renovação Carismática.

E fala sobre ensinar as rezas:

“Até agora ninguém quis aprender. Um menino “neto” quis aprender, depois virô crente e deixou.”

Na sequência, ela explica que faz a mesma oração para quebranto, mau-olhado e vento virado e não vê problemas em dizer a oração. Enfatizamos este fato porque como foi relatado por outra benzedeira, D^a. D.: “se contar a oração perde o efeito”. Assim ela explica: “Uma oração vale para os três, reza com a folha: Eu te benzo quebranto, maloiado, inveja e todo mal que tiver com você. O Sagrado Coração de Jesus é muito milagroso” e prossegue com a oração:

Jesus da luz
Jesus da caridade
Eu te benzo de quebranto e maloiado
Com os poderes de Deus e da Virgem Maria
Com as Cinco Chagas de Jesus Cristo
Com o poder de Deus e da Virgem Maria
Pai Nosso e três Aves Marias
Ofereço para as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

D^a.P., mantém algumas plantas medicinais em seu quintal e nos diz a função de algumas delas:

Artimígio serve para cólica de mulher. É só tomar o chá se tiver com dor. Hortelã serve contra vermes, pressão, gripe. Alevante é bom pra gripe, dor de barriga. Poeijo pra chipe e é chá de criança. Balsamo é pra dor de ouvido é só esquentá a folha e pinga 2 ou 3 gota. Poejinho é pra gripe. Boldo serve pra dor de estomago. Erva de santa Maria é pra vermes e infecção. Transagem é pra infecção. Cana de maçado é pra cólica de rins. Alcanforim é pra machucado e dor no peito. Alecrim é pra falta de ar e coração. Vick é pra dor e gripe. Guiné uso pra benzer e é contra mal olhado. Arruda serve para cólica, pode usar pra benzer também. Poeijinho roxo corta febre. E essas folha serve pra benzer. Qualquer folha verde serve.

Ela nos indica uma simpatia:

Simpatia pra cortá medo a gente faz assim. Pego o menino e vou com a vassoura varrendo atrás. E pergunto: O que que eu varro? A pessoa que segura a criança responde: Medo. Faz isso três sexta-feira seguida. Aprendi essa simpatia com gente da minha família

Sobre o procedimento de benzer diz:

“No sol entrando não benzo. E se a criança tiver dormindo também não.”

Na casa de D^a.P. há diversas imagens de santos, dentre eles: Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade; Divino Pai eterno; Nossa Senhora Aparecida; Santa Luzia, dentre outros. A maioria fica em seu quarto.

D^a.P., também nos relata que já fez promessa para Santa Luzia por motivo de saúde para ela própria e para duas filhas e, segundo ela, foi atendida. D^a.P., relata também a promessa feita a Santos Reis. Em ambos os casos faz uma reza e convida parentes e vizinhos para rezar o terço em forma de agradecimento. Como percebi, é nesse momento de reza ou cumprimento de promessa que os agentes se aglutinam, trocando experiências e fortificando suas relações sociais, mantendo-se enquanto grupo com uma identidade distinta, pois praticam algo, no caso a reza, que é um elemento que confere uma identidade perante a comunidade. Há quem benze e quem é benzido.

Sobre a disposição para benzer e a forma como os beneficiados a percebem, ela conclui sobre seu ofício: “Muitos agradece, outros não.”

Logo que chega alguém pedindo suas rezas, D^a.P. pega seus raminhos e começa rezando a oração. A criança a ser benzida senta-se na cadeira costumeira, em frente a ela. Cada qual com suas posições costumeiras e aprendidas com os mais velhos de suas famílias. Nesses casos de benzeção, o que verifica-se é que o benzedor sempre se lembra da pessoa que lhe ensinou e vem de uma geração anterior. Antes. Sempre atribuem aos mais velhos ou os “antigos”



FOTO 7. Benzeção contra Quebranto. Patrícia Loures

Benzeção III

D^a. Tr., 64 anos, viúva. Quatro filhos. Trabalhadora rural.

Segue o relato de D^a. Tr. A respeito de sua vinda para Goiás: “Vim de Minas Gerais, região de São Francisco de Paula, lá da Cachoeira do bom Sucesso²⁸. Vim pra Nova Veneza tem 39 anos. Vim quando casei”.

Sobre sua aprendizagem da benzeção, ela diz como aprendeu o ofício e que “benze de espinhela caída”, mas com as mesmas palavras benze de outros males quando necessário:

Minha mãe foi atravessá uma invernada e assutou e ficou doente. Isso lá em Minas. Minha vó Antonia benzia de espinhela caída. Ela ensinô e nós aprendeu com a mãe. Nós três aprendeu²⁹. Minha irmã sabe mais do que eu. Ela sabe de zipele, de cobreiro e eu só sei essa de espinhela caída. Minha mãe pediu pra nós aprende porque uma hora podia precisá e benze outras pessoa. Minha mãe benzia muita gente. Nós foi olhando como ela fazia e foi aprendeno. Eu já sabia quando morava em Minas, mas peguei a Benzê quando vim pra cá. E como a mãe levantô com essas palavras a gente sabe que foi valido. Minha filha L. de 28 anos aprendeu mas ela ainda não benze.

Ela fala um pouco a respeito de seu dia a dia:

Aqui se chega gente, tem que atender na hora. Desligo a panela e venho. Ou então falo: espera um pouquinho que to com minha panela no fogo. Tem muita gente que chega aqui que tá no ruim. A gente benze e melhora. Uma vez uma menina na hora de benzê desmaio. Saiu daqui bem melhor. Era uma mulher nova, mas era casada e tem dois filhos. Outra vez uma menina mocinha veio eu benzi e eu vi que ela ficô com medo. Nunca mais volto.

Quanto ao relato de D^a. Tr., pude entender que a questão do *habitus* influencia. Observando o relato sobre a moça que desmaiou, mas não ficou com medo, uma vez que, provavelmente, estava habituada com o ritual, as rezas, as palavras o modo de fazer, por isso a familiaridade. A outra mocinha, pelo contrário, ao ficar com medo e não voltar mais, deixa entrever que as formas de aprendizagem influenciam a postura dos agentes. O conhecer e o não conhecer o ritual produzem formas de aceitação e/ou negação de tais práticas. Com isso, concluo que a prática da benzeção faz com que seus adeptos tenham um *habitus* incorporado anteriormente o que possibilita,

²⁸ Zona rural

²⁹ Se refere a ela e a mais duas irmãs que também são benzedadeiras.

inconscientemente, a circulação de agentes no ritual. O possuidor do dom ou ofício e os seus “clientes”. “Eu benzo todos que me procurá. Benzo a qualqué hora. As palavras de Deus é pra qualqué hora.”. Diz a benzedeira.

Durante uma dessas visitas e observações um fato chamou-me a atenção. Uma jovem mãe de 22 anos, com duas crianças chega à casa de D^a. Tr. Seu pedido era para benzer a criança mais nova, de um ano e seis meses, porque, segundo a mãe, ela não estava dormindo bem. Ao sair perguntou: “D^a. Tr., a senhora tem remédio pra infecção de mulher?”. D^a. Tr. responde: “Só tô tendo folha de algodão”.

Dois reflexões se seguem a esse relato. Primeiro, o fato social de uma jovem mãe estar possivelmente com infecção e o sistema público de saúde possivelmente não fornecer atendimento a esta clientela da forma adequada. Segundo, o fato comprovado da confiança que o público que procura a benzedeira tem na figura da mesma. Confiam não somente nas rezas, mas nos ramos que as mesmas possam indicar. Até aquele momento, não havia sido observado que esta benzedeira tivesse indicado alguma erva curativa, mas as pessoas procuram os remédios para o corpo e para a alma.

Prossegue D^a. Tr.:

Com a reza de espinhela eu rezo pra tudo reunido. Uma benzedeira antiga, ela já morreu. Quando cheguei aqui e falei pra ela a minha, ela disse que ela era boa e que com ela podia benzê qualquer coisa. Aí de lá pra cá rezo a mesma oração pra tudo quanto é mal, e tem valido. Benzo aqui em casa e benzo de longe se precisá. Eu também participo dos Vicentino na Igreja. Vou a missa todos os domingo. E do grupo de Vicentino vou toda quarta-feira.

Ao visitar o quintal e suas plantas, D^a. Tr., mostra-me um pilão que utiliza para fazer simpatias, quando necessário.

Ela conta sobre uma simpatia com este pilão: “Um menino quando tá demorando andar, a gente pega ele soca no pilão como se fosse a mão do pilão para poder ele andá. Tem que ser três dias. Sempre vale. sempre vem gente aqui pra socar menino no pilão.”

Isto nos supõe um aprendizado. Por meio do *habitus*, esses elementos simbólicos são impregnados nas vidas das pessoas. Torna-se hábito do grupo que se expressa em formas de atitudes. Se a criança demora a andar, há a necessidade de se fazer uma simpatia. Isto está presente tanto nesta simpatia do pilão quanto na simpatia da vassoura de D^a. P., e conforme os relatos das benzedeiros, tais simpatias não são poucas.

Assim como na residência de outras benzedeiros e benzedores, os quadros de santos estão presentes na residência de D^a. Tr. Há quadros de santos como Santos Reis;

Divino Pai Eterno. São Vicente de Paulo; Nossa Senhora Mãe Rainha Três Vezes Admirável; Sagrado Coração de Jesus. E ao perguntar dos santos ela diz: “sempre a gente reza pra eles”.



FOTO 8. Benzeção de Espinhela Caída. Patrícia Loures

Sobre promessas diz; “Já fiz algumas. Uma delas foi quando fui em Trindade e entrei na sala dos milagres de joelho.”

Benzeção
Credo creio Deus Pai [...]
Espinhela Irda
Seu rosto levanta
Em louvor das 3 pessoa da Santíssima Trindade
Em nome do Pai do Filho do Espírito Santo. Amém.
Tira inveja, mal olho, cólica intestinal, coluna, verme
Pai Nosso e oferece a Santo Sepurto e Nossa a Senhora do Desterro.
Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ela conta: “Já benzi pessoas crente também e eles fala que sente miora. E eu sinto quando a pessoa tá carregada, mas logo passa. ”

Benzeção IV

D^a. D³⁰, 75 anos, do lar, atende pessoas de todas as idades, benze de cobreiro, inveja, mau-olhado, quebranto, benze de cobra, vento virado. Segundo ela, fica muito feliz de poder atender às pessoas que a ela recorrem. Quando alguém chega pedindo sua reza, ela logo se posiciona. Geralmente fica atrás das pessoas. Com seus ramos ou às vezes com o rosário, proferindo suas orações, as quais da forma com que aprendeu não podem ser ditas a ninguém sob pena de perderem o efeito. As orações podem ser repassadas somente à pessoa escolhida que deverá ser preparada como ela foi a fim de cumprir sua missão e seu ofício. A missão compreende saber que durante toda sua vida terá que atender às pessoas que precisarem, sem distinção de forma alguma. Aprender ofício também significa aprender as regras, guardar as formas e guardar também o segredo, a sete chaves, até a hora esperada de repassá-lo a alguém

D^a. D., recebe todos muito alegremente. Ao iniciar a conversa, expliquei sobre a pesquisa e a importância das informações prestadas por ela. Iniciadas as perguntas, ela prontamente foi respondendo. Segundo seu depoimento veio para Nova Veneza por volta de 1960. Veio de Candeias Minas Gerais, vieram umas vinte pessoas para esta região, porque, segundo seu relato, a vida em Minas Gerais não estava fácil. Vieram tentar uma vida melhor para a família. Tanto em Minas Gerais quanto em Goiás, ela viveu a maior parte de sua vida na zona rural. Hoje reside na zona urbana. D^a. D., relata que aprendeu a benzer com sua avó. Sua avó, antes de morrer, chamou-a e lhe pediu que aprendesse todas as rezas para poder ajudar os outros. Segundo ela, “benze de tudo que precisar: pessoas, casas, fazendas, contra cobra”, dentre outros.

O aprendizado

Sua avó era parteira e benzedeira. D^a.D. aprendeu com ela todas as rezas, benzeções, plantas medicinais e seus usos. A avó lhe pediu que aprendesse a ser parteira, mas este “dom”, segundo ela, não quis aprender. Sua avó, como ela mesma afirma, ensinou que ela nunca deveria ensinar as orações para outras pessoas sob pena de nunca mais poder benzer. De acordo com os ensinamentos de sua avó, caso ela divulgasse esses saberes para outra pessoa, eles perderiam o efeito para aquele que os passou. Então deveria ensinar somente para alguém da família que considerasse que ia prosseguir e, principalmente, quando ela não se sentisse mais capaz de benzer. Então, somente na velhice deveria escolher alguém para ensinar e transmitir tudo aquilo que

³⁰ Esta descrição está apresentada sob uma forma diferente porque a protagonista da benzeção IV D^a. D. não autorizou a gravação não podendo dizer as orações seguindo os preceitos de sua avó. O relato foi feito a partir de observação e registros no caderno de campo.

sabia. Em seguida, D^a. D. nos conduziu ao seu quintal e mostrou suas plantas medicinais, explicando a serventia de cada uma delas: arruda, confrei, algodão, hortelã gordo, erva- cidreira e bálsamo.



FOTO 9. D^a D. Suas plantas medicinais. Patricia Loures.

Ela aprendeu sobre todas as plantas e suas utilidades com sua avó. Segundo afirma, quando sua avó decidiu ensiná-la, ela já a observava. Assim, sua avó ia falando e D^a. D., repetindo em seguida. Assim como sua avó, D^a.D. guarda tudo na memória e nunca escreveu nenhuma reza, uma vez que afirma não ter frequentado escola, mas valoriza o estudo e incentiva seus familiares a estudar. Segundo ela, não pode dizer as palavras, pois se dissé-las, perderão o efeito. A transmissão desses saberes precisa ser feita quando ela não estiver mais atuando. Aí sim, escolherá uma pessoa como fez sua avó, para repassar o conhecimento sobre as orações. Em sua relação com a comunidade afirma ser muito procurada e respeitada. Vai sempre à Igreja. E pelo que observamos é procurada por pessoas de todas as idades, crianças, jovens pessoas adultas, sendo procurada também por donos de propriedades que solicitam sua presença no lugar onde querem que a benzeção se realize.

Ao ser indagada sobre sua escolaridade, ela disse:

I minha fia, fui trabaia e esquici de istudá. As professora do Mobral veio aqui em casa, pelejô comigo e eu não fui. Eu arrependo de não tê ido. A noite dava tempo. Mas tava tamém muito cansada, mas dava eu podia tê isforçado. Assiná eu não assino. Depois ocê trás aquela espuminha pra eu podê assiná procê. E esse estudo seu minha fia se Deus quisé vai dá tudo certo. Esses dia veio um povo de Brasília aqui me fazê umas pergunta igual essas suas, mas nem sei quem é, depois eles não voltô mais. Ocês deve de estudá. Eu pejei com os meu pra podê estudá, estudaro um pôco mais não siguiu não.

Benzeção V

D^a. J., 71 anos, casada, mãe de nove filhos. Nascida em Trindade-Goiás. Seu pai era mineiro e a mãe nascida em Trindade, sendo uma família de tradição católica. Reside em Nova Veneza há 36 anos e benze há 52 anos. Do lar. Estudou até o quarto ano primário. Foi catequista da Igreja Católica e professora na zona rural na região onde morava entre Brazabranes e Nova Veneza. Mudou-se para Nova Veneza por motivo de trabalho e para facilitar o estudo dos filhos. Quando morava em Brazabranes trabalhavam com lavoura. Ao mudar-se para Nova Veneza, seu esposo foi trabalhar na prefeitura e lá se aposentou. Sobre aposentadoria disse: “ainda não consegui me aposentar. Tem dois anos que tá aprovado e não libera o benefício. Não é fácil só com a aposentadoria do marido. Tomo alguns remédios, ele também e não fica barato.”

Sobre a prática e a aprendizagem de benzer:

Aprendeu a benzer, segundo ela, porque ao se mudar para a fazenda foi preciso aprender o ofício. Antes da mudança, ela levava seus filhos a uma senhora na cidade de Brazabranes, como ela explica em seu depoimento:

Fiz até o quarto ano primário. Mas o quarto ano valia pro colégio de hoje. Fui catequista na cidade de Brazabranes. Lecionei quatro anos na zona roça, na fazenda Invernada na Escola São João Batista. Eu benzia muita gente, até os alunos eu benzia direto. Aprendi a benzer com a Dona Gerônima na cidade de Brazabranes. Ela era muito boa para benzer. Ela benzia meus filhos e quando mudei pra roça foi preciso aprender porque era longe e precisava benzer meus filhos. Aí pedi a ela que me ensinasse. Escrevi as orações num caderno, ela foi falando e fui escrevendo, fui aprendendo com ela. Levava os meninos pra ela benzer e fui olhando como ela fazia. Ela já tava bem velhinha, era muito procurada. Ela benzia com rosário eu resolvi benzer só com o sinal da cruz. A Dona Gerônima benzia de muita coisa, benzia de quebrante, dor de dente, mal olhado, espinhela caída, dor de cabeça, ofendido de cobra. Depois eu perdi o caderno, mas com o caderno eu cheguei a benzer de dor de cabeça. Fazia a oração e valia. Hoje benzo de quebrante e espinhela caída, e olha lá a espinhela caída que eu benzo que não melhora viu. Aprendi eu tinha 20 anos hoje tenho 71.

Sobre a possibilidade de ensinar a alguém da família ou conhecido:

Ninguém da minha família quis aprender. Uma vizinha quis aprendê, me pediu e eu ensinei as orações, mas ela não deu conta de aprender. Talvez ela não tinha o dom. É igual a oração de jeito, eu não dei conta de aprendê. Tinha que rezá costurando. A Dona A.³¹ sabe. Tem que ter o dom e a pessoa tem que interessar porque se não não

³¹ Visitamos a Senhora A., porém, ela se encontra doente, com dificuldades para caminhar, mas, segundo relato próprio, ela ainda benze.

pode ensinar. Qualquer um pode aprender, mas tem que ser uma pessoa boa, não pode cobrar. E tem que dedicar pros outros.

Sobre o nascimento dos filhos:

Ao se recordar sobre o nascimento dos filhos, D^a. J., relata: “Meus filhos, tive todos de parto normal. A parteira era a comadre Basília e a minha mãe. Era na zona rural. De primeiro era muito difícil dar conta de levar em médico. A medicina também era muito atrasada. Todos ganhavam neném era de parteira”.

Sobre a crença em santos e na benzeção, ela afirma:

A pessoa tinha aquela devoção com aquele santo e era bom, valia. Não sei se a fê que era demais. Hoje em dia tá mudando o povo tá perdendo a crença mais ainda tem muitos que procura. Neste ano já benzi bastante gente. De primeiro benzia muito, mas depois que fiquei doente vem uns dois a três por mês. Tem hora que dá pra notá que pessoa tá precisando de benzê aí eu falo “vem cá deixa eu te benzê que você tá precisando”.

Sobre conciliar o trabalho de casa com a benzeção. “Não era fácil. Mas quando a gente aprende tem que benzer. As vezes tava trabalhando e chegava gente, tinha que parar o que tava fazendo para benzer, mas sempre benzia.”

As vezes quando alguém pedia ensinava algum remédio caseiro. “Ensinava algum remédio quando alguém pedia. Pra dor de cabeça era sete dor, amassava a folha sem ferver e colocava na água fria. Pra cólica era o chá de poejo. Pra bronquite era o chá de assa-peixe branco junto com alfavacão e mel”.

Sobre sua relação com a comunidade:

D^a. J. afirma que sempre se relacionou bem com todos, mas faz um desabafo. “Quando eu tava sadia chegava carro cheio pra eu bezê, depois que fiquei doente poucos vieram me visitar. Nunca cobre nada, pra benzer não pode cobrar se não vale”.

Observa-se que D^a. J., estabelecia e estabelece uma relação de confiança perante a comunidade, visto que as pessoas que a procuram confiam em sua atuação, assim como nos outros casos observados.

Sobre a clientela que atendia e os dias que se dedicava mais ao ofício: “Mais era adulto. Porque espinhela caída sempre dá em gente que trabalha no pesado, pega peso e ela sai do lugar. A oração de Deus é feita qualquer hora e a qualquer dia e qualquer hora que a gente lembrar dele.”

Quanto à benzeção mais procurada, ela explica e mostra com gestos onde dói quando o problema é de “espinhela caída”, e exemplifica com um caso do qual se recorda:

A mais procurada era de quebrante e espinhela, mais de espinhela. O problema de espinhela é porque a pessoa pega peso. É assim dói na boca do estômago, pode dar diarreia, vômito quem tá com a espinhela caída. O filho do W. teve alta do hospital mais o menino ficou do mesmo jeito. Eu fui benzê. Ele tinha uns 10 anos. A espinhela dele tava fora do lugar tava horrível. Benzi ele duas vezes, a noite e no outro dia. Ele sarou e nem terminou os remédios. Já fui na casa da pessoa. Semana passada veio um senhor aqui pra benzer e afilha dele é enfermeira formada. Dero alta pra ele no hospital e ele nada de melhorá. Aí benzi ele só uma vez depois ele foi melhorando.

Ela explica que há diferença entre arca e espinhela, logo em seguida nos diz a oração e os procedimentos a serem realizados na benzeção:

Tem diferença entre espinhela e arca caída. Eu já benzo logo das duas. Quer ver a oração? É assim:

“Veste reveste

Jesus Cristo no Altar

Sunga esta arca e essa espinhela

Que ela chega em seu lugar

Fala essa estrofinha três vezes fazendo o sinal da cruz no estômago

Rezando uma Salve Rainha e três Aves Marias e oferece a Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, as Cinco Chagas do Nosso Senhor Jesus Cristo com as gotas de leite de Nossa Senhora Mãe de Jesus.

Seja essa arca e essa espinhela que chegará em seu lugar. Pronto

E a gente mede com o pano de prato de um lado e do outro. Antes dá diferença quando tá fora do lugar. Costuma dá até quatro dedo de distância. Depois da reza ela volta pro seu lugar. A gente passa o pano forçando ela pra voltá pro lugá.

Tem gente que benze só de uma, eu já benzo logo é das duas.

Numa das visitas, foi observada a benzeção contra quebrante. Ela pediu que a pessoa se sentasse em uma cadeira, pegou o rosário e começou suas orações. No momento, não nos foi possível fazer anotações, pois não queríamos perturbar o momento e também não era possível compreender as palavras ditas. Logo após o ritual, ela se prontificou a dizer a oração que proferiu durante a benzeção contra quebrante:

Deus te fez (nome da pessoa) com os três eu tiro

Com os poder de Deus do Divino Espírito Santo e da Virgem Maria,

Santa Iria tinha três filhas

Perguntou o quebrante com que curaria

Um Pai Nosso e Três Aves Marias

Agora oferece em intenção de Santa Iria que alivia a pessoa que tá necessitada.

Explicou que, às vezes, percebe que a pessoa não está com quebrante, e que ela está é “desnorreada”. Então, ela aconselha sobre algum problema que a pessoa esteja enfrentando. “Aconselho muitas pessoas que vem pra eu benzer. Eu benzo mais muitas vez a pessoa tá desnorreada, sem segmento eu aconselho e peço pra pessoa rezar muito em casa ou na igreja”.

Neste momento, perguntamos se ela se recordava de alguém que havia aconselhado. Ela se lembrou de duas pessoas que tinham problemas relacionados ao casamento. Cada problema diferente e um relacionado a emprego, sendo que para uma delas fez uma promessa que será explicada logo adiante.

Surgem as Promessas:

Ao entrar no assunto promessa, D^a. J., se lembrou de três promessas que já fez:

Uma promessa eu fiz para meu marido. Logo que casei. Quando ele foi operá de érnea e apendicite . Ficou praticamente inválido. Não dava conta de tomá banho sozinho. Aí eu tava passando roupa e tava muito difícil a situação. Aí fiz uma promessa pra ele sará. Pra ele podê voltá a andá. Apeguei com os Três Reis Santos. Que quando ele tivesse andando, trabalhando, nós ia tirá a folia em seis dias. Desses seis dias três era para os pobres em Trindade que eu ia levá. E os outros três dias para ajudar no custeio da festa. Ai veio o primeiro ano da promessa ele pegou a andar sozinho. No outro ano eu grávida. Depois no outro ano outro filho. Era um por ano. Três anos depois. Comprei uma novilha coloquei no pasto pra engordar. Comprei um porco pra engordar. Coloquei muita galinha chocar prá no tempo da folia ter frango. E a promessa tinha que a folia sair meia noite do dia vinte e quatro para o dia vinte e cinco de dezembro. Aí meu filho adoeceu. Ele tinha sete meses. Saí com ele pro Hospital São Judas Tadeu em Goiânia. Perto da Vila Nova. Isso era em 1963.[...]O meu menino faleceu as cinco horas no hospital. Entrou vivo e saiu morto. E voltei de ônibus no entroncamento eu apiei. Com o neném falecido nos braços. Até chegá na fazenda. Foro atrás dos folião, pássaro a noite. No outro dia levô pra enterrá. Cantaro folia pra ele. O povo passô a noite. Eu fiquei firme. Muita gente queria que a folia parasse e voltasse a tirá no outro ano. Eu não deixei. Eu tinha e tenho muita fé em Deus. Pra mim foi uma flor que Deus buscou pra ele. Era um anjo. Hoje eu tenho pra mim que foi meningite. Naquele tempo a gente não sabia. Mas falei que era pra continuá com a folia. Eu tinha muita fé em Deus. E sem ele nós não é ninguém. E cumpri a promessa.

Ela se lembrou que, recentemente, ao participar de uma missa na cidade vizinha de Brazabrantes, o padre a homenageou por ser dia do catequista, por ela ter sido catequista naquela cidade e, também, a respeito de sua convivência com os padres.

Fui catequista na cidade do Brazabrantes. O prefeito do Braza³² foi meu aluno. No dia do catequista assisti a missa lá e o padre falou em meu nome no meio da missa. Me agradeceu e tudo. Preparei muitos alunos para fazer primeira comunhão. Sempre fui amiga dos padres. Vou a igreja e eles vem na minha casa. Lá no Braza quando morava na roça todo ano fazia a novena de São Sebastião. Todo ano o padre de lá ia.

Ainda sobre a relação com os padres, ela se recorda do seguinte fato:

Uma vez curei um padre com dor de barriga. Fiz um suco de carambola pra ele e ele melhorou. No outro dia ele voltou de novo fiz o suco ele tomou e levou umas frutas pra fazer o suco na casa dele no .outro dia. Quando mudei pra esta casa nova o padre Miguel veio benzer e abençoar a casa.

³² Codinome utilizado por muitos para se referir à cidade de Brazabrantes.

Ao fazermos uma visita de rotina na residência de D^a J., nos deparamos com ela fazendo duas coroas de flores. Ela nos explicou sobre sua finalidade, em meio aos papéis decorativos, cola, alicate, arames muito finos já encapados com crepom e atrelados a pequeninas flores bem singelas: “Ê minha filha faço as coroas pra folia de Coroa há mais de 50 anos. Todo ano faço coroas novas. A do homem é maior e mais cheia de detalhes. A da mulher pode ser mais singela.”

Mais uma vez observamos que na cultura popular não há um padrão rígido a ser seguido. Os agentes se organizam conforme um calendário festivo religioso anual, momento em que se mobilizam, se ajudam e parecem estar mais felizes, pois é momento de encontro, não só no dia do ritual, mas em vários dias e até meses antes quando os agentes se comunicam e se organizam, ensinam e aprendem. Enquanto o calendário segue, as benzedoiras e benzedores se doam o ano todo, sempre atendendo quem dela ou dele precisar.

Benzeção VI



FOTO 10. Sr. Z. Em seu pequeno santuário. Local de restabelecer suas forças para benzer quem precisa.

Patrícia Loures

Sr. Z., 82 anos, residente na zona urbana, porém viveu boa parte de sua vida na zona rural. Católico e devoto de Nossa Senhora Visitadora e do Sagrado Coração de Maria. Em diversas visitas, observamos sua rotina. Foi observado que ele benze pessoas de todas as idades. Em um dos dias quando fomos visitá-lo, ele, a esposa e a cunhada assistiam a um terço transmitido pela Rede Vida de televisão. Precisamos aguardar o término da transmissão, mas, antes, fomos convidados por eles para assistir ao terço também. Partilhamos desse momento ao qual eles assistiam com muita devoção, inclusive colocando um copo d'água em frente à televisão para que ela fosse abençoada.

Ao iniciarmos nossa conversa, o Sr. Z., relatou que visita as pessoas em seus domicílios quando necessário, tanto no município onde reside quanto em outros municípios vizinhos. No período da pesquisa, ele havia atendido pessoas em Inhumas e Goiânia. Ao ser arguido a esse respeito, ele nos disse que segue os ensinamentos de Jesus, pois Jesus visitava as pessoas e as curava, e ele tenta seguir ao menos um pouco do que Jesus ensinou.

Sr. Z., morava em Minas Gerais e veio para a região da Guariroba, município de Nova Veneza em 1963. Para cá vieram ele, sua família, amigos das regiões de Candeias e de Redenção, sendo que lá residiam na zona rural. Em seu relato, ele afirma que vieram para Goiás em busca de melhores dias, uma vez que, como afirma sua esposa:

As coisa lá em Minas tava muito difícil, plantava os mantimento e não dava nada. Não dava arroz, não dava feijão, nada e nós teve notícia que em Goiás as terra era boa então nós veio, veio tudo de caminhão. Nós veio morá na região da Gueiroba aqui perto. De lá nós veio direto pra cá. Tem muitos ano. Hoje lá em Minas não tá rui não. A terra eles hoje põe adubo. Hoje já dá de tudo, tem uns lá melhor do que os que tá aqui. (D^a. M^a.)

Aprendeu a benzeção com sua avó paterna. Segundo ele morava perto, vivia muito próximo a sua avó Filosina e foi com ela que aprendeu a benzer. Contava, então, com quinze ou dezesseis anos. Uma tia também lhe ensinou.

Eu aprendi com minha vó Filosina, eu tinha uns quinze a dezesseis ano. Eu via minha vó benzê. Ela morava perto. E eu fui aprendendo com ela. Lá onde nós morava todo minha vó benzia todo mundo. Mais tarde aprendi com uma tia também algumas reza.(Sr.J.)

Sr. Z., afirma que não são todas as rezas que podem ser contadas às pessoas. Segundo ele, há orações particulares que cada um pode e deve fazer como o Pai Nosso,

por exemplo, e a Ave Maria. Outras são orações para benzer e as pessoas “comuns” podem saber que nada será alterado. Porém, conforme suas palavras: “contra bicho mau, não pode se contada em espécie alguma”, pois quem benze perderia a força de benzer.

Ao ser interrogado acerca de que seria esse “bicho mau”, ele logo informa que é cobra. Então, a benzeção contra cobra só pode ser falada ou ensinada a quem for aprender para servir e, futuramente, ser um benzedor ou benzedeira. Disse ainda que esta oração, por ser muito forte, pode ser rezada à noite e a qualquer momento em que a pessoa for picada por cobra, já que é um caso de urgência e pode ocorrer a qualquer momento. Todavia, há outras rezas que não podem ser feitas a qualquer momento. Segundo o benzedor, só podem ser feitas enquanto o sol está no céu, ou antes, do sol se por, como por exemplo, reza contra mau-olhado, quebranto, cobreiro e outros males. O Sr. J. informou que o dom não é para qualquer um. Dentre os seus dez filhos, ele afirma que apenas uma poderá aprender tudo o que ele sabe. De acordo com seu relato, sua tia e sua avó lhe ensinaram tudo oralmente, e ele repetia muitas vezes até saber falar todas as palavras e a forma, quando e como benzer. Então, segundo ele, apenas uma da família tem essa força para benzer.

Sr. Z., prossegue dizendo a respeito de seus fundamentos de vida, os quais tem seus adeptos, ou seja, vemos que as pessoas que procuram por suas benzeções creem porque produziram um *habitus* que foi incorporado nas relações sociais. Crer numa oração com ramos e água não é aleatório e nem acontece da noite para o dia. Assim, analisando a fala do Sr. Z., ao propor-me uma pergunta que eu não soube responder: Filha, “Ocê sabe qual a farmácia de Jesus? É um galho de ramo e um copo de água benta”. E prossegue dizendo como foi sua segunda-feira:

Dia de segunda-feira e sexta-feira eu benzo mais. Aparece mais gente. Tem dia de benzê até quinze pessoa. Hoje mesmo benzi um cachorro. Se precisá benzo todas criação. Animal também também panha olho ruim, azar. Por isso eu falo pra senhara. Com a palavra de Deus nós faz tudo. Pro cachorro receitei um atitoxico pro intestino porque vi que ele tava sentino um poco mas benzi. Hoje ainda tenho que ir na roça e tenho que ir benzê um home de zipele que mora lá perto do Zé Celeste. Vô lá na casa dele. A zipele dele tá meio avançada e ele não pode vir aqui.

De acordo com seu depoimento, quando é preciso ele benze em domicílio na cidade de Nova Veneza. Em cidades vizinhas, os interessados vêm e o buscam. Recentemente estive em Inhumas e Goiânia benzendo residências.

Prossegue com seus depoimentos:

Outro dia benzi outro cachorro. O dono contô que tinha banhado ele com remédio de carrapato e ele ficou ruim. Benzi mais mandei procurá o Rubens da casa agropecuária. Depois fiquei sabeno que ele miorô. Outro caso foi um cachorro que foi atropelado, benzi e benzi a dona porque ela tava disisperada e eu pedi a dona ,tenha fé em Deus e São Romão dona, tenha calma que ele vai miorá. Benzi ele contra tétano porque ele foi atropelado e receitei fumo com álcool pra banhá. E mandei passá paminex, isso cola até osso, já coleí osso de vaca com ela.

Sr. Z., em sua fala, contribui com elementos ricos do catolicismo popular, como aponta Brandão. A partir de sua fala, conseguimos visualizar como as crenças e histórias circulam no imaginário popular e vão sendo transmitidas entre os agentes. Em sua maioria pela oralidade, e que expressa ainda a sua piedade e o seu sofrimento ao relembrar a história de Jesus.

Agora tem uma coisa que eu vô falá com a senhora. Pruquê, a Sra. R. tava com esse pobrema mês passado. As vez, as pessoa não sabe que tem esse pobrema. Antão, a senhora resano a oração a senhora ta feliz. Pruque se o ôtro fizé ele reza incruzado nas costa da pessoa. Aí a senhora tem que rezá sete vezes, sete sexta-feira, pra podê a senhora dismanchá aquela que ele incruzô na senhora. Pra diente. Ele faz a traiçoeira dele pra fazê o male. E senhora reza ela pro bem, porque a senhora defende. Ela defende a gente rezano a oração da Salve Rainha. Não precisa tê medo não. Não pricisa nem de advogado, num vê que fala “advogada nossa.

Em dezembro de 2011, tempo de folia, o Sr. Z., dá algumas explicações envolvendo o nascimento de Jesus, durante uma de nossas visitas para observação.

Ele foi nascê pra lá de Belém lá na gruta né, aí eles caçano os menino pra vê se matava ele no meio dos menino. Os Herodes, eles queria distruí Ele com São José e Nossa Senhora. Aí com três né. Aí São José falou; ô Maria, nós precisa saí, nós já ta vencido. Em toda repartição da cidade a polícia é igual a polícia, os Herodes a polícia né. Eles ta caçano, eles pega nós, ta matano os meninos inocentes a pobre mãe. Dona Patrícia, ele pegava o filhinho no braço assim e passa a lança no pescocinho, ah meu Deus! Os que tava nessa idade eles mato tudo. São José falô; ô Maria, nós precisa saí. Eles caçô hospedage na cidade não achô. Foi lá na gruta, debaixo do barranco. Ela falô; José como é que nós faz prá nós saí. Aí os grandes tava tudo nas barreira, né. Eles mata nosso menino, nós tem que saí. José, nós passa com a verdade e arrumou uma mochilinha, Maria né. Eu tenho uma dó quando vejo São José com a bengala na cacunda. Cê não vê? E ela foi, arrumo o menino Jesus numa cesta, sabe. Que nem uma quitanda, né.tampô com um panim. Fez uma trochinha. Conde saiu na barrera...eles valentão ne, quando entro na área deles o capitão né priguntô: dona! O que vai nesta cesta. Nossa senhora falou: o Sr. falou prigunta bem. É o menino Jesus. Ele falou não, a senhora pode passá, porque se fosse “Ele” a senhora não falava. Eu pros irmão, gente não fala mentira, a mentira é amaldiçoada. Nossa Senhora na última hora, na às vez sabia que matava o filhinho dela, pois ela não mentiu. [...] aí foi eles passo, eles frochô, não podia andá, não agüentava. Aí compro uma jumintinha pra podê descansá né. (risos) Aí São José e Nossa Senhora em cima. Aí eles ferrô a jumintinha com o roncão da ferradura pra diante. Se lá ia prá Nerópolis lá ia prá Inhumas. Aí eles passo na beira duma roça e o povo plantano um arroz. Eles já sabia né. Eles não enganava não, pois era Jesus né. Tinha nada que enganava não. E aí cumprimentô eles. Aí falô: e aí senhores, ocês trabaia aqui na lavora na beira da roça. Se passá aqui um povo perguntano por um

viandande ocês pode falá que quando ocês tava plantano o arroz eles passô. Quando foi com três dias eles passô e os donos dos arroz tava lá trabaiano e pergunto: Ocês trabaia aqui? Tale, tale. Aí se perguntasse era pra falá que no dia que eles planto o arroz é que eles passô. Eles tava colhendo o arroz. Aí eles falô. O amigo o dia que nós tava plantano o arroz eles passo. Ai eles falô agora pronto, é que nós não vamo conseguir achá esse povo [...] Agora D.^a Patrícia, a história de Jesus é muito grande. Não dá tempo de falá tudo com a Sr^a agora, ôtro dia eu conto mais pra sinhora.

Percebendo nosso interesse pela pesquisa, rapidamente, ele ensina algo que considera indispensável (diz a oração). O benzedor tem na oração dos doze apóstolos a confiança e a segurança de que iniciará um dia protegido e produtivo com a graça de Deus. Quem tiver interesse em aprender, o benzedor está apto a ensinar. Se encontrar alguém que “ponha sentido”, ele, certamente, ensinará.

Frente aos elementos observados nos “saberes” do Sr. Z., concluo que, expressam um *habitus* incorporado tanto no que diz respeito ao possuidor de saberes quanto a clientela que o procura.

Benzeção VII

O Sr. M., 82 anos, atuou como benzedor na região da Santa Bárbara por mais de 30 anos. Casado pai de onze filhos. Vindo de tradição católica, viveu boa parte de sua vida nesta região que fica localizada entre os municípios de Nova Veneza, Nerópolis e Ouro Verde. Seu pai veio da região de Catalão e sua mãe de Nerópolis. Ao ser perguntado sobre sua escolaridade, lembrou-se de sua pouca experiência com o ensino. Não se lembra o nome do professor particular com quem começou a estudar. Vejamos seu relato a esse respeito:

num aprendi nada, nem assiná o nome, mas lembro da parmatória. E tamém tinha uma régua cumprida lavrada assim que ele dava nas nas perna da gente. A gente apanhava do professore e chegava im casa o pai ficava sabeno e nós apanhava de novo. Num tinha esse negócio de tê prazo pa istudá não. Nóis chegava do istudo tinha uma inxada amolada isperano nós. Num fui mais.

Conta sobre o trabalho diário na roça:

Trabaiava na roça. Tocava lavora nas terrinha do pai. Tocava café, arroiz, cana, feijão, mio, mandioca, mangarito, carazim. Pra nós prantá nós oiava sempre a lua.

Na nova era arroiz que prantava. No quarto crescente era rama de mandioca. Na minguante nós cortava madeira. Na nova nós rachava as lasca. Na cheia num podia prantá.

Ao lembrar da região como era na época falou também como a D.D.S do armazém do Isaac. Que ficava na região onde morava. Fala: “O movimento da Nova Veneza era lá. No tempo da Colonha dos Italiano. Era grande o armazém. Ficava perto da casa onde hoje é do Chiquito. Vindia de tudo pano, rapadura, pinga, sal, ferramenta. Na colonha num tinha nenhum armazém que era surtido igual o do Isaac.”

Sr. M. relata que a região era muito movimentada. Havia novenas, festas e folia.

Relata que vinha padre de Anápolis para celebrar missa e casamentos:

Na região era movimentado. Quando tinha missa ô casamento tinha que buscá o padre em Anápe. Tinha de i dois cavalo. Um ia cum arriata boa po padre vim muntado. O que ia muntado tinha que i puxano o cavalo pa trazê o padre e depois tinha que i traveis buscá o cavalo de vorta. O cavalo do padre tinha que sê caprichado. Era o padre Luiz. Sempre tamém tinha novena de São João cum leilão. O que arrecadava minha vó repartia com quem pricisava. Fulia quando num tirava lá passava otras de otra região. Quando era coresma rezava pras arma. Nós rispndia de dento de casa as oração qui eles pidia. Meu pai punha mesa lá de fora quando eles em vinha pra mode não abri a porta. Dava pinga, rapadura, queijo, requeijão pra eles cumê lá de fora. De longe nós escutava a matraca. Quando ia imhora eles batia a matraca de novo. Vô falá pra sinhora, de primero o povo era catórco viu. Hoje ainda é mais muitos ingnora.

Sobre a rotina da benzeção conta:

Aprindi a benzê cum dizoito ano, de vê os benzedô benzê. Fui oiano e fui aprendeno. Eles me binzia e eu punha sintido nu que eles falava. Quando me dava dor de cabeça eu ia benzê, ô dor no corpo. De iscutá aprindi. Um dia minha irmã tava cum dor de dente e eu falei que ia benzê. Ela falô que eu só sabia cumê feijão. Binzi caladim e o dente dela miorô. De lá pra cá peguei a benzê. Binzia de quebrante, maloiado, dor de dente, dor de cabeça e bicho mau³³. Otras binzição forte nunca fiz não, isso não³⁴. Quando binzia de bicho mau pegava o livrim³⁵ de São Bento e levava pa roça e binzia. Nunca topei uma cobra.

Hoje, segundo ele, não atende mais. Houve um problema de indisposição com uma pessoa que queria que ele benzesse ao entardecer e, ao explicar sobre o impedimento do horário, foi ofendido pela pessoa que buscava a oração. Desde esse dia ele abandonou o ofício de benzedor. Mas relatou um pouco da trajetória de sua vida. Segundo ele as orações não podiam ser ensinadas, mas relata que ao final da cada oração sempre terminava com o Pai Nosso e a Ave Maria. Assim benzia pessoas de

³³ Cobra

³⁴ Ao ser perguntado sobre o que significavam essas benzeções fortes, ele explicou que era feitiçaria, trabalho de macumba. “Tinha quem fazia mau pos otros eu nunca fiz”.

³⁵ Sinaliza com os gestos que fazia com o livro apesar de não saber ler. Ao perguntar do livro diz que não mais o possui.

todas as idades, crianças, adultos, idosos. Quanto à religião: “Nasci catórcico e se Deus quizé quero morrê catórcico”. Mas ao ser perguntado sobre sua frequência à Igreja, ele nos disse que vai pouco e tem sua devoção em casa mesmo.

Mostrou-nos seus santos de devoção expostos nas paredes da sala e do quarto e suas plantas medicinais que mantém no fundo do quintal. No que se refere aos santos, ele nos explicou a especialidade de cada um:

São Jorge: protetor das guerras e fome; Nossa Senhora da Abadia: protege contra ventania; Santa Bárbara: protege contra relâmpagos e faíscas; São Benedito: protege contra tudo; São Bento: protege contra cobra e veneno; São Gerônimo: protege contra chuva e morte; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: protege contra tudo; Nossa Senhora do Desterro: para desterrar coisa ruim; São Lázaro: doenças na pele; Santos Reis: protege em tudo.

Sobre as plantas:

Segundo o Sr. M., ele nunca receitou remédios e só utiliza o que informo-me a respeito das plantas com pessoas da própria família, na maioria das vezes os remédios são oferecidos em forma de chá:

Erva cidreira: tosse e febre; Gervão : tosse e machucado(amassa a folha e coloca no machucado); Bálsamo: problema de fígado; Babosa: problema de fígado e hemorroida; Folha santa: dor de cabeça (esquentar a folha, passar sebo ou manteiga e amarrar na testa); Arruda: dor de estômago (mastigar a folha); Alecrim: pra quem sofre de problema de fôlego; Algodão: pra mulher beber quando ganha neném; Guiné: tosse, gripe, bicho mau (só de ter ela bicho mau não chega perto); Vick: gripe; Alcanfor: machucado (cozinha e passa); Funcho: chá para criança; Trançagem: infecção; Comigo ninguém pode: protege contra olho gordo. Essa todo mundo tinha que tê em casa.

Assim vive o Sr. M., cercado da proteção de seus santos e seus remédios caseiros. E, como disse ao final da entrevista pedindo para que eu voltasse outro dia com suas palavras: “a senhora volta outra hora e trás o tinteiro pra eu podê assiná pra senhora”. E finaliza: “eu ainda tenho vontade de apredê ao meno assiná”. Após um ocorrido que prefere não contar, até a presente data não estava benzendo.

Benzeção VIII

Sr. E., 79 anos, lavrador. Nascido em Damolândia. Casado, pai de quatro filhos. Teve apenas três meses de escolaridade na zona rural. De acordo com o que ele conta:

Meus pais vieram para Goiás a procura de terra melhor para trabalhar em 1922. Primeiro moraram em Nova Veneza, dois anos. Ajudaram a roçar boa parte dessas matas aqui para trabalhar. Ficaram num rancho perto do onde é a entrada de Nova Veneza vindo de Goiânia. Mais tarde compraram terra em Damolândia e foram pra lá.

Conta um pouco do que aprendeu com a mãe:

A benção aprendi um pouco com minha mãe. Era ela muito religiosa. Quando ela já estava bem velhinha já tinha missa na televisão e um padre ensinava pra ela comungar em casa ela sempre comia uma bolachinha na hora da comunhão porque ela morava na roça e era difícil pra ir. Aprendi com minha mãe a benção de quebrante, mal olhado, inveja. A de cobreiro ela sabia e eu não aprendi. Ela benzia com talinho de mamona, ia picando, dando uns taiozinhos nele, ela gostava de jogar dentro d'água mas essa eu não aprendi. Não pus sentido na reza. Não tinha esse cobreiro que ela não curava.

Apesar de afirmar que não aprendeu a benção, lembrou boa parte do que a mãe fazia. Os ramos, os talhos, o jogar na água. Só não se recorda das palavras ditas na reza porque não “pois sentido”, ou seja, não prestou atenção o suficiente para aprender. Nos conta, então, como fazia para “botar sentido e aprender”:

Minha mãe me chamou pra me ensinar. Eu tinha uns 18 anos. Dos irmãos ela só ensinava pra mim. Ela foi falando as palavras e eu fui guardando na cabeça. Ela repetiu umas vezes. Foi umas 3 a 4 vezes eu aprendi. Reza ela, é uma oração pequeninha junto com o Pai Nosso e Três Ave Maria no final.

“Colocou sentido”. Ficou atento às palavras que a mãe dizia. É interessante notar que as palavras da religiosidade popular se fundem às palavras do catolicismo institucionalizado, pois mesmo sendo populares, tanto o Pai Nosso quanto a Ave Maria aparecem para fechar qualquer benção. Isto é recorrente durante as práticas de diversos benzedores observados. Ele, então, nos diz algumas orações que aprendeu com a mãe:

A oração contra quebrante e maloiado
Nossa Senhora estava sentada numa pedra fria
Curando quebrante, inveja e maloiado
Rezando uma Ave Maria
E pede pra tirar tudo que teve atacado naquela pessoa
Reza três vezes com o Pai Nosso e as Três Aves Maria

É bem nítida a mistura das duas composições da religião popular: “cão azangado por azangá” e ao final render graças ao Pai Filho e Espírito Santo, à Santíssima Trindade e à Mãe de Jesus. Por esse motivo, por diversas vezes, ficamos em dúvida se há uma relação de oposição ou se é de complementaridade entre as formas populares e as fórmulas institucionalizadas de expressão.

O mesmo acontece com a oração contra veneno de cobra. Palavras que rimam. São Clemente não mente, e nem esse veneno há de ir adiante. Mas os santos são do catolicismo oficial e o final da oração endereçado a ele. As formas ou mesmo fórmulas é que são popularmente criadas e utilizadas no dia a dia dos agentes. Contra cobra, o Sr. E. afirma que apenas uma pessoa não escapou, pois a cascavel tinha atingido de cheio uma veia grossa da perna, morrendo a vítima muito rápido. E, conforme ele nos conta: “se fosse ofendido de cobra tinha que comê muita coisa margosa e quem a gente sabia que tinha olho ruim não podia vê, costumava também cozinhá um ovo bastante mesmo e colocá e gema em cima pra puxá o veneno”.

Ele se recorda de uma pequenina oração contra dor de dente que sua mãe lhe ensinou quando ainda devia ter uns dez anos.

Deus salve lua nova
Com toda sua crescente
Deus me livre de três coisa
Dor de dente
Água corrente e língua de má gente.

Outra oração muito curiosa que aprendeu e que pudemos presenciar o ritual de benção é contra maleita, a qual o benzedor fez uma adaptação atribuindo à “dengue”, pois, segundo ele, os sintomas são muito parecidos, tendo, então, feito a mesma oração e ao final acrescentou também esse mau. O ritual consiste em fazer as orações e à medida que o benzedor vai rezando, vai amarrando a pessoa com um cipó muito comprido, que seja longo o suficiente para três voltas, enquanto repete as palavras. Após benzer a pessoa doente, ele vai até uma árvore e repete o ritual novamente, mas, desta vez, com a árvore.

Assim, a maleita e, no caso observado, a “dengue” é estirpada. Esta benção foi aprendida com o Sr. Janjão, um senhor que, segundo ele, era baiano e tinha por volta de 80 anos. O Sr. E. aprendeu a benzer por volta dos 18 anos ao ser convidado pelo Sr. Janjão que já estava velho.

Segundo o Sr. E. “dengue é um verminho, as vez Deus ajuda que ele morre. Tem gente que fala que não vale. Mas vale sim, essa oração é forte, tremeu o mundo todinho e Jesus não tremeu”.

A oração é muito sugestiva:

(o nome da pessoa doente) Quinta- feira santa Pilatos prendeu Jesus³⁶
Tremeu a Terra, tremeu a cruz e não tremeu Jesus
Assim como tremeu a Terra, tremeu a cruz e não tremeu Jesus
(o nome da pessoa) não treme
Nem de febre de maleita
Nem de cezão
Nem de bafo de rio
“E nem de dengue³⁷”
Um Pai Nosso e 3 Aves Marias

A oração é repetida por três vezes e, depois, desenrola-se o cipó e faz-se da mesma forma com uma árvore. Segundo o Sr. E. há casos em que a árvore que é utilizada no ritual morre. A árvore utilizada nesse ritual até o momento encontra-se viva.

Benzeção contra Maleita³⁸:

1ª parte: Benze-se o doente, amarrando os cipós enquanto se reza.



FOTO 11. Benzeção contra Maleita adaptada para uma doença atual “dengue”. Patrícia Loures

³⁶ Retoma trechos da Bíblia com complementos populares ligados a problemas diários enfrentados.

³⁷ Nova doença acrescentada às palavras da oração.

³⁸ De acordo com o dicionário médico, maleita é o mesmo que malária. E, neste caso, o benzedor adaptou para dengue.

2ª parte: Faz-se o mesmo procedimento numa árvore sadia. Desamarra-se o doente e se amarra, simbolicamente, a doença na árvore.



FOTO 12. Finalização da benzeção contra Maleita. Patrícia Loures

Uma característica recorrente observada nas práticas religiosas populares é a utilização de números ímpares: três, nove. Nas contas das rezas, de acordo com o Sr. E., o número não pode ser par porque, segundo ele, “tem que ficar uma ponta pra podê continuá, não pode fechá”. Outra observação é realizada quanto às palavras da oração no que se refere à defesa do corpo, ou contra cachorro doido (disse a oração). Isto expressa uma época de dificuldades. Tempo de contendias e ter o corpo a salvo pelo sagrado era uma saída. Desse modo, também se livrava de cachorro doido que parece ser um episódio recorrente. O período passou, mas a oração ficou e é usada até hoje em caso de necessidade.

Benzeção IX

Sr. J. , 63 anos, casado, dois filhos. Nascido no município de Pedra do Indaiá-Minas Gerais. Seus pais eram mineiros e descendentes de alemães, todos de tradição católica. Reside em Nova Veneza há 18 anos e benze há 30 anos. Foi lavrador, depois operador de máquina; hoje é aposentado. Estudou até o terceiro ano primário: “assim faiano demais viu por conta da lavoura, a lavoura não deixava a gente continuá, era muito aperto de serviço, o mais foi escola rural.

Eu cheguei aqui já foi em 1978. Vim com meu pai e meus irmãos, meu pai era viúvo, minha mãe faleceu eu tinha 12 anos. Meu pai resolveu voltá pra finalizar os dias dele lá em Minas, não pelo gosto nosso. Depois que ele morreu eu voltei em 1982 e to até hoje. Aqui é melhor que lá nós já tinha acostumado aqui.

Sobre a prática e a aprendizagem de benzer:

Aprendi a benzer com meu pai, isso foi tradição que aprendi com ele. Isso veio dos avós dele. A vó Brasileira era famosa benzedeira. Benzia de tudo. E eu aprendi da mesma forma. Meu pai foi falando e eu escrevi num papel e fui aprendendo. Não sendo coisa que precisa da ciência medicina que essa não tem como. Tem coisas também que a medicina não e o benzedor vê e já tem coisa que o benzedor já sabe que não é pra ele e tem que te mandar pra lá. Fui obrigado aprende antes de tudo de ofensa de cobra que é coisa de muita emergência. Antes eu não queria porque eu era jovem e eu ficava com vergonha. Ai surgiu na hora lá na roça a cobra pegou um companheiro e eu fui obrigado a benzer. O meu pai já tinha me ensinado duas orações eu já sabia mas não tinha sido preciso usar. E hoje é outras coisas que a gente foi chegando no lugar. Benzo contra contusão na junta. Espinhela caída que o estomago, a alça do estomago que muda de lugar e causa dor e inflama e a ciência não acha isso não. (Explica com gestos onde fica a cartilagem que inflama). Ai a gente mede no cordão pra ver como ela está. E tem uma coisa importante também que é o que mais me acontece. Aonde andou um inseto na roupa da pessoa e deixa um micróbio que chama cobreiro. Então é só as palavras que resolve. Já chegou gente lá em casa com cobreiro entrando dentro da boca se não benzer não sara. Outra coisa também quando na fazenda tem uma invernada ai os donos da fazenda me pedem para benzer pra poder soltar o gado. Ai eu benzo pra amansar as cobras pra não ofender o ser humano e nem os animais doméstico que faz parte do trabalho do homem. Os mais novos não quiseram aprender só meus irmãos. Isso depende muito, tem que ter um termo de vida muito diferente dos outros. Tem que ter muita humildade. Se uma pessoa me fez mal e um dia pedir pra benzer eu tenho que benzer como se nada tivesse acontecido. Isso se chama perdão positivo. Fecho o olho, enquanto eu não vejo uma imagem positiva não adianta rezar. Tem que ter muita força.

Sobre sua relação com a comunidade:

Minha relação com a comunidade é boa demais, sou muito procurado. Tem gente que me cumprimenta que eu nem sei quem é. Ajudo muito nas escolas fazendo apresentação, de folia infantil, catira infantil. Ensinando danças folclóricas. Depoimentos de histórias de vida saiu até num jornal no Diário da Manhã. Toco viola, acordeom em todo lugar que pedir. A comunidade me considera muito acho que nem mereço tanto” Sou compositor também. Tenho um cd gravado com música minha e também fiz o Hino de Nova Veneza.” To pelejando agora pra montar um grupo de catira de jovens. Quando lembro de um verso acordo de madrugada e escrevo pra não esquece. Ô Patrícia cada um tem um dom pra compor. Eu é sobre a natureza, as coisas de Deus, a fé e coisas de fazer rir. Tenho uma nova Carreiro do Pai Eterno e outras. Fiz uma música de Nossa Senhora e ganhei três concurso de festival com ela é muito bonita. Eu faço um personagem importante no natal o Papai Noel. Já tem três anos de público na praça.

A respeito de chás e remédios caseiros:

“Conheço boa parte das raízes que existe no Brasil porque tenho um livro que chama Flora Medicalis. Comprei esse livro que era de uma herança, ai eu comprei. Paguei na época o dinheiro era cruzeiro paguei 300 cruzeiro lá em Minas Gerais. A autora dele já morreu.

O quadro I registra os principais marcadores culturais de acordo com a natureza das benzeções.

QUADRO I- DEMONSTRATIVOS DAS BENZEÇÕES, SEGUNDO OS MARCADORES CULTURAIS (Indicadores)

INDICADORES	BENZEÇÃO I	BENZEÇÃO II	BENZEÇÃO III	BENZEÇÃO IV	BENZEÇÃO V	BENZEÇÃO VI	BENZEÇÃO VII	BENZEÇÃO VIII	BENZEÇÃO IX
1-Tempo de realização do ritual ³⁹	80 anos	Em média 35 anos	Em média 30 anos	60 anos	52 anos	67 anos	Em média 30 anos	Em média 60 anos	30 anos
2- Existência de saberes reconhecidos pelo grupo	Benzeções contra zipele, carne quebrada, inveja, mau-olhado, vento e resfriado, cobreiro, espinhela caída, baseados no catolicismo popular.	Benzeções contra quebranto, Mau-olhado e vento virado. saberes sobre o uso de ervas medicinais. Simpatia para cortar medo da criança	Benzeção de espinhela caída e com a mesma oração benze outros males. (adaptação aconselhada por uma antiga benzedeira ao ouvir a oração)Simpatia para crianças andarem. Ervas medicinais	Benzeção contra cobreiro, inveja, mau -olhado, mordida de cobra, vento virado.(não autorizadas a serem divulgadas nem mesmo à pesquisadora). Saberes sobre ervas medicinais.	Benzeção contra espinhela caída, arca caída (que segundo a benzedeira há diferença e os sintomas) e quebranto. Aconselhamento quando necessário.	Benzeção contra bicho mau (cobra) mau -olhado, quebranto, cobreiro e outros males. Saberes sobre plantas medicinais e remédios veterinários	Benzeções de quebranto, mau -olhado, dor de dente, dor de cabeça e bicho mau, saberes ligados a plantas medicinais, saberes ligados a cada função de cada santo.	Benzeções de quebranto, mau -olhado, inveja, picada de cobra (em casos de animais e pessoas), esgotamento de sangue, todo mal, maleita e dengue	Benzeções de espinhela caída, contusão, cobreiro, amansar cobras, (benze tanto pessoas como animais) conhecimentos sobre plantas medicinais e raízes.
3- Sistema de crenças e demandas	Crenças ligadas ao catolicismo popular. Atende público em geral. Carisma e legitimidade	Crenças e orações ligadas ao catolicismo popular (público em geral, em sua	Oração baseada no catolicismo popular. Já realizou promessas	Orações segundo a benzedeira baseadas no catolicismo e grupo de	Orações baseadas no catolicismo popular. Possui legitimidade perante a	Orações baseadas no catolicismo popular. Legitimidade perante a	Orações baseadas no catolicismo popular e legitimidade perante a	Orações baseadas no catolicismo popular. Possui legitimidade perante a	Orações ligadas ao catolicismo popular. Legitimidade e

³⁹ Alguns benzedores não se lembram da data exata em que iniciaram o ritual por isso há dados aproximados.

	perante ao grupo de adeptos.	maioria crianças). Já realizou promessas para santos de devoção.	para santos de devoção. Legitimidade perante o público atendido.	adeptos que comungam das crenças e ritos.	comunidade para benzer e curar de espinhela caída. O público é em sua maioria de adultos. Já realizou promessas a santos de devoção	comunidade para “benzer e curar males”. Membro atuante em atividades religiosas da igreja local. O público atendido é de crianças, jovens, adultos, animais e propriedades.	comunidade para atuar como benzedor. Atendia o público em geral	comunidade para atuar como benzedor. Atende público em geral.	confiabilidade e perante o público atendido. Atende público em geral.
4-Existência de um processo educativo de constituição dos educadores sociais	Aprendizado com grupos familiares e amigos. Há um pouco de leitura em catecismos da igreja. Ninguém da família se prontificou a aprender. Utilização da observação e memorização para aprendizagem.	Aprende com a mãe e começou a ensinar a um neto que mudou o protestantismo e desistiu. Utilização da observação e memorização para aprendizagem. Ainda não ensinou a ninguém mas a neta de 7 anos é que sempre busca os ramos para iniciar o	Aprende com a avó, juntamente com três irmãs. Utilização da observação e memorização para aprendizagem.	Aprende com a avó sendo escolhida por ela para passar o ofício. Fato que terá que ser repetido quando não sentir mais forças para benzer. Só então passará os saberes para alguém. Utilização da observação e memorização para	Aprende com uma senhora benzedora e também baseia-se nos preceitos que aprendeu no tempo em que foi catequista. Ninguém da família quis aprender, apenas uma vizinha. Utilização da observação, escrita e memorização para aprendizagem.	Aprende com avó e também uma tia. Escolheu uma filha que considera de mais força para ensinar as benzeções. Utilização da observação e memorização para aprendizagem.	Aprende com os mais velhos benzedores a partir da observação do ritual. Não repassou o saber a ninguém pois parou de benzer. Utilização da observação e memorização para aprendizagem.	Aprende com a mãe, o pai, e amigos. Sempre ensina as orações a quem se interessa. Utilização da observação e memorização para aprendizagem.	Aprende com o pai a partir da observação, memorização e escrita das orações. Ainda não repassou a ninguém seu saber.

		ritual da mesma forma que a mesma fazia na infância.		aprendizagem.					
5- Recursos simbólicos mediatizadores das práticas culturais	Rosários, orações, gestos, aprendidas e ou adaptadas da igreja católica santos, altar, ramos, linha, agulha, vela e água benta	Ramos, rosários, orações, santos, gestos, vassoura (para simpatia)	Gestos (da benzeadeira e do benzido) e oração baseada no catolicismo popular. Santos rosários. Pilão (para a simpatia)	Ramos. Rosário (ultimamente usa mais o rosário) orações secretas, gestos e santos de devoção.	Panos de prato (para forçar as costelas enquanto se reza) rosários e orações	Ramos, gestos, orações, santos, água, benta e gestos	Ramos, orações rosários, gestos e pedidos a santos de devoção.	Orações, pedidos aos santos, cipó, gestos.	Orações, cordão, rosário.
6- Culturalização coletiva como ritual para a transmissão e/ou vivência de saberes	Na sala da própria residência, em frente ao altar ocorre o momento do atendimento aos que procuram as benzeções ou mesmo a residência ou propriedade dos adeptos ocorrendo até mesmo benzeções à distância	A área de entrada em sua residência, recebe os adeptos em suas residências e vai às propriedades quando é solicitada e benze à distância quando necessário.	Próxima a porta da sala. O benzido de costas para a porta e a benzeadeira em frente fazendo a oração.	Atende em sua sala de visitas o público que a procura geralmente adultos e residências quando é solicitada.	Atende na sala de sua residência. Rezando e fazendo os gestos necessários para a benzeção.	Atende a maior parte do público em sua residência. Atende em domicílio e até mesmo à distância quando necessário.	Atendia em sua residência. Segundo relata fazia suas orações em silêncio. Quando benzia de bicho mau usava um livrinho mesmo sendo analfabeto.	Atende em sua residência, em localidades onde for solicitado e ainda a distância.	Atende em sua residência ou em localidades solicitadas.
7- Organização coletiva onde as relações	Trabalho voluntário/ solidário. Membro que	Trabalho voluntário/ solidário. Membro da	Trabalho voluntário/ solidário. Membro	Trabalho voluntário/ solidário. Membro	Trabalho voluntário/ solidário. Membro	Trabalho voluntário/ solidário. membro	Trabalho voluntário/ solidário. Recebia o	Trabalho voluntário/ solidário. Membro respeitado na	Trabalho voluntário/ solidário. Membro

internas são hierarquizadas dentro do sistema de crenças com nítida hegemonia do educador social	apresenta carisma, legitimidade moral, saberes específicos (orações e ritos) para atuar como benzedor/a perante o público atendido. Habitus incorporado do benzedor e do benzido	Renovação Carismática, membro do Apostolado da Oração e dos Vicentinos da igreja católica local, portanto, membro legítimo para atuar como benzedora perante o público atendido. Habitus incorporado do benzedor e do benzido	respeitado na comunidade. Legitimidade conquistada perante o público atendido. Habitus incorporado do benzedor e do benzido.	respeitado na comunidade, apresenta legitimidade perante a mesma. Habitus incorporado do benzedor e do benzido	respeitado na comunidade, apresenta legitimidade perante o público a ser atendido. Habitus incorporado do benzedor e do benzido	respeitado na comunidade perante o público a ser atendido mediante os saberes específicos visualizados e aceitos pelo público a ser atendido. Habitus incorporado do benzedor e do benzido	público em sua residência. Habitus incorporado do benzedor e do benzido	comunidade por ser portador de um saber e da crença de sua eficácia. <i>Habitus</i> incorporado do benzedor e do benzido.	respeitado na comunidade por ser portador de um saber e da crença de sua eficácia. <i>Habitus</i> incorporado do benzedor e do benzido.
--	--	---	--	--	---	--	---	---	---

2.2.2. O Universo educativo das Rezas e Novenas.

[...] A novena é nove dia, todo dia tem leilão e na intera dos dez dia é a festa. No último dia aquela procissão que tem é a do encontro dos festero. A festera sai da casa dela e o festero da casa dele e vai pra casa da festa. E assim forma duas procissão na estrada e que vai com as image e as vela acesa e encontra na frente da casa da festa. Eu tava carregando a coroa e o festero a dele que nós era os dono dela esse ano e os parente e os amigo tudo com as vela acesa rezano e cantano os cantico do encontro. Essa é a tradição de antigamente. Pra fazê a festa tira a sorte. A sorte é assim. Pega os nome dos que vai ajuda no ano que vem ai sorteia no fim da festa e os papel escrito com os nome fica com os festero do ano que vem pra podê organiza a festa[...] (D^a. M., 75 anos; Novena de São João Batista)

O universo educativo das rezas e novenas contempla um conjunto de ações para que o ritual seja realizado anualmente. O próprio ritual torna-se lócus de aprendizagens. A cada ano dando sequencia a um calendário festivo religioso os agentes sociais se organizam para cumprir o ritual e seus ritos. Há uma infinidade de detalhes para execução do mesmo como podemos notar das descrições.

Reza para as almas⁴⁰

Cântico para as almas⁴¹, denominação dada por Araújo (1964) ao observar este ritual em São Paulo. No caso da pesquisa, os agentes sociais denominam “Reza pras almas”.

Em Redenção da Serra (E. S. Paulo) há um costume tradicional realizado por ocasião da quaresma. Todas as sextas-feiras, um bando de homens, à meia-noite, aproxima-se das casas na roça, e canta sem acompanhamento de instrumentos a seguinte reza: - “Rezo um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, pras alma do cemitério”. (ARAÚJO, 1964, p. 410)

O autor prossegue com a explicação do ritual muito similar ao observado nesta pesquisa:

Ao aproximar-se da casa, um dos membros do grupo, que é o tocador de matraca, agita-se a fim de com o ruído acordar as pessoas que porventura estejam dormindo. A matraca é uma tábua com empunhadura, tendo no centro um pedaço de ferro, à

⁴⁰Descrevi de forma respeitosa quanto as crenças, preceitos e saberes religiosos bem como foi feito em todos os rituais. Nesse sentido utilizamos o termo Sr. e D^a (senhor e dona) Por ser dessa forma que o grupo diz em suas formas de tratamento às pessoas.

⁴¹ D^a. F. 95 anos, denomina “alimentação das almas”.

guisa de alça, que com o movimento brusco, bate produzindo ruído. (ARAÚJO, 1964, p. 410)

Do mesmo modo em que observamos na maioria:

Se na casa porventura seus moradores estão com as luzes acesas, apagam-nas, e todos da família, dirigidos pelo seu chefe, rezam um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, fazendo-o em oferecimento às almas do cemitério. Cá fora, os componentes mantêm-se em silêncio. Durante uma noite esse bando de rezadores percorre um bom número de casas, cujos ocupantes não abrem as portas, quando chega o rancho de rezadores, porque senão “enxergarão as almas dos mortos, e receiam vê-las”. Com os cantigos para as almas realizam a “recomenda” ou “encomenda”. (ARAÚJO, 1964, p. 410-411)

Houve casos em que, durante o ritual observado, foram abertas as portas, acesas as luzes e oferecido café, sendo que os rezadores aceitaram sem reservas.

Apresentação do ritual

Este grupo atua desde 1957. Muitas pessoas não são as mesmas durante todos os anos, porque, de acordo com as explicações do Sr A., “uns morrem, outros não participam naquele ano e assim vai. Os alertado que eu aprendi com eles já morreu tudo.”

Percebe-se que, logo que os agentes chegam a um lugar, não é de imediato que eles começam a praticar o ritual, há uma espécie de conhecimento com o povo do lugar, é necessário ter aceitabilidade do grupo que já está na localidade. Isto foi observado tanto na benzeção como no ritual de reza para as almas e, de acordo com a fala de Sr. A., nota-se que os agentes se referem à mudança de um estado para outro buscando melhoria relacionada aos modos de vida e, naquele tempo, conforme seu relato, vieram pra Goiás para trabalhar em lavouras.

Os entrevistados não relatam somente o ritual em si. E parece também que ao cumprirem o ritual hoje, é uma forma de continuarem ligados ao passado. A fala do Sr Américo coincide com praticamente todas as falas dos entrevistados em outros rituais, o sentimento de grupo, de labuta diária está sempre presente quando dizem “ nós veio pra cá em...” dizendo das mudanças para Goiás. “Aprendi com...” quando dizem do aprendizado com os mais velhos. “Comecei com” quando se referem à idade com a qual começaram no ritual e, frequentemente, vem a lembrança das viagens, do trabalho durante o dia e algumas rezas durante a noite, como a reza para as almas e novenas.

Ao meio da conversa, ele destaca a forma que vieram de Minas Gerais para Goiás.

Nós veio pra Goiás em 1953. Nós veio de trem de ferro. Saiu de Formiga e desceu em Anápolis. Tinha estação que nós parava mais eu não lembro. Só sei que nós gastava cinco dia. Nós veio de ônibus o povo falava jardineira. Nós era seis pessoa. Meu irmão já tinha vindo aqui pra Nova Veneza e acho aqui bão e foi lá buscá nós. Meu irmão quando nós veio pra cá já tinha formado um café ali no Jerivá⁴². Naquele tempo o povo pegava a lavora pra formá ela. Outros plantava lavora branca, que arroz, milho, feijão.

Sobre a mudança da zona rural para a cidade: “Eu mudei pra cá foi em 1976, foi ficando difícil de ficá na roça. Morá de agregado não dano mais. Passô um ano eu entrei na prefeitura e já aposentei graças a Deus”.

“Todo ano a reza pra’s almas é sagrado no tempo da Coresma. Na reza pra’s almas eu so o alertadô. Comecei respondeno e fui aprendeno. Participo também de folia de Reis e de São Sebastião, eu faço a resposta e as quato voz, rezo o terço também. Participo também do apostolo da oração na Igreja”

Sobre a função da reza,

Quando nós reza pras almas é em intenção dos que já faleceu. As almas que precisam de oração. Porque os antigo fala que elas fica no purgatório e muitas. De certo que lá tem uma audiência que nem aqui. Ai nós reza aqui pra ir conseguindo um bão lugá lá. Na missa o padre fala o nome da pessoa quando celebra missa. Quando nós reza nós fala pra todas pra alma dos afogado, pras do que morreu de repente, pros assassinados, pras almas, os que morreu de acidente, os que morreu queimado né. Essa reza não tem em livro.

Na quinta- feira Santa, o grupo foi para a zona rural, reunindo os dois grupos numa residência. Antes do terço, pedimos licença para realizar as perguntas sobre o funcionamento do ritual e, em conjunto, foram respondendo espontaneamente.

Pedimos ao Sr. A. que nos explicasse o ritual. Ao ser indagado sobre o porquê do ritual terminar antes da meia noite, ele responde: “porque o certo é assim”. Então, transcrevemos apenas sua fala para que possamos entender sua explicação do ritual:

Nós começa na quarta – feira de cinza e vai até na sexta-feira da paixão. Primeiro nós reza o terço numa casa e depois sai. Ai o horário lá na rua nós começa as dez horas e reza cinco casa sete casa otra hora depende o prazo reza nove, até umas a meia noite. Porque não pode passá da meia noite ,o certo é até a meia noite porque se não já no outro dia. Na cidade nós entrega no cemitério. Em Nova Veneza não tem jeito de começa muito cedo. Nós reza o terço onde nós a reúne e no fim reza o terço também no cemitério.(Sr. A)

⁴² Região rural da localidade.

Ao perguntar ao grupo porque são cinco ou sete casas, eles respondem que seguem os antigos. É explicado pela dona da casa que na zona rural também acontece da mesma forma que na cidade.

O relato segue muito próximo ao do Sr. A:

Nós reza sempre cinco casa, outra vez é sete. Ai nos terminana sexta feira da paixão até meia noite. O galo canta nós termina. Aí nós segue os antigo⁴³. E não pode pulá a casa, se for reza aqui não pode pula aquela casa. Pra saí bate a matraca e começa a reza. No dia da entrega reza assim até mais vai até a meia noite. Nos outros não reza até meia noite né. A gente reza mais pouco. Aí entrega numa casa ou na igreja⁴⁴ ou na cruz.

Quanto ao entendimento da data especial ser na quaresma para rezar para as almas, alguns dizem que não o entendem e seguem os antigos:

Só acontece na quaresma. “Nós segue os antigo né a gente num sabe”. D.[...]

Ao ser solicitada uma explicação sobre a lua e outras comemorações, o Sr. A. reforça:

Esta data acontece pelo padecimento de Jesus Cristo. Então são os 45 cinco dia que ele padeceu e sairo perseguindo ele. Então a sexta-feira santa. Todos tem a comemoração. O natal tem a comemoração a festa junina, são Pedro são João. Tudo tem o dia exato. Na sexta-feira santa não tem o dia exato. Porque a sexta-santa depende do girar da terra da ocasião da lua. Porque a semana santa só dá ocasião da lua cheia. Então por causa de que tem vez que a semana dá mais adiantada outra vez mais atrasada. Por causa do girado do tempo da terra. O girar da lua que marca a sexta-feira santa. Sempre é a terceira lua cheia.[...]

Sobre a tradição antiga de jogar o milho e apagar as luzes quando chega a hora da reza, o Senhor... que é membro ativo na igreja da cidade e rezador de terços por toda a região em eventos religiosos nos explica:

A questão aí do milho, sempre jogava o milho no telhado pra alertá as pessoas, dar uma sinal, as vez tinha um rádio ligado, uma televisão ligada aí a pessoa desligava tudo, porque pra receber a oração não pode ter luz ligada. Isso é comonós tamo falando num sabe porque. Sobre a luz desligada é um significado que as vez nós que é mais novo num sabe explicá, os antigo é que sabia.[...]

Outra pessoa, a Sra. N. lembra que quando era criança as crianças ficavam curiosas e olhavam pela janela, e isso não podia acontecer. Em seu relato, ela nos conta:

⁴³Pergunto o porquê do cinco e do sete e o Sr. A. responde que não pode ser par. “Tem que sempre sobrar uma ponta pra reza não acabar”.

⁴⁴ Nesta região rural há uma igreja.

“Os mais velhos falava que não podia olhar porque se não via as pessoas só via os panos brancos então por isso não podia olhar”. E ainda: “As orações também é feito na estrada, os cânticos são feitos na estrada. Porque as pessoas lá da frente vão ouvindo e esperando.”

Quanto à composição do grupo, o Sr. A. nos conta que:

“O grupo é composto as vez de seis ou sete né. Ai no caso o tirador pode ser de dupla, dois ou um só. O nosso grupo aqui são feitos os três de resposta e mais dois, duas voz atrás, que é quarta voz e quinta voz. É mais ou menos baseado mais ou menos numa folia de Reis. É mais ou menos assim. Na reza das almas é o “alertador”. Os outros são a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta voz. Que pode ser um ou dois. “Nós aqui sempre usa dois. Pode ser um casal ou dois homens ou duas mulheres”. (Sr. A.)

Quando chega a reza na casa...

As pessoas que estão dentro de casa ficam do jeito que estiver. Porque nas orações fala. “do jeito que vós tá alembrai de Jesus Cristo, somos pecador mortais” então do jeito que ele tive lá ele tem que permanecer. (Sr. A)

E respondendo às orações que são pedidas para as almas. Então, quem está do lado de fora da casa reza e quem está dentro da casa responde. Isso acontece sem abrir a porta e a janela como manda a tradição. Então, visitam-se as casas à noite e reza-se do lado de fora. Os que estão dentro de casa não podem sair e ficam respondendo às orações em intenção das almas da maneira como estão (sentados ou deitados). Em duas residências, as pessoas abriram as portas e cumprimentaram os rezadores (Sr. A. diz que não é bom). Porém, a maioria permanece de portas fechadas. Não foi possível observar como estavam as pessoas dentro das casas, pois seria indiscrição do pesquisador, como explica o Sr. A.: “não tem jeito da senhora entrar nas casa porque tem gente que pode tá deitado”.

Desse modo, os que são visitados respondem aos cânticos e orações nas posições que estiverem, em pé ou mesmo deitados rezam para as almas tanto os que estão dentro quanto os de fora da casa. Por isso dizem: “alerta, alerta pecador, neste sono que vós tá...”. Sendo assim como explica o Sr. A. “a pessoa despertano pode rezá até deitado”.

A finalidade da reza...

Todo ano, tem aquela devoção de rezar para as almas. De acordo com o Sr. A.:

“nós reza pras alma que precisa saí do purgatório. Os antigo fala que elas fica esperano oração pra podê descansá. Os que morreu quemado, assassinado, derrepente, as alma

esquecida, as alma dos afogado. Nós temque rezá toda coesma, que é um tempo de mais devoção”



FOTO 13. Reza para as almas em uma residência na zona urbana. Patrícia Loures

Sobre o aprendizado:

“A gente vai acompanhando os antigo. Eles ia rezá e nós foi aprendeno. É uma reza pra quem já morreu e tem uma época certa pra quem já morreu.

O Sr Américo se lembra quando começou a rezar.“ Comecei aqui a rezá pras almas aqui foi depois de uns quatro ano que nós tinha vindo de Minas. Nós ainda morava na raça, lá no Souza. E rezava todo ano”. (Sr. A.)

Outra senhora, também rezadeira, nos diz:

Eu aprendi com a família do meu velho...meu sogro, minha sogra [...] com o pai do Fiico. Eu o ajudavatirá e fui aprendendo. Depois ele foi ficando doente. E eu não sabia rezar o ofício e tinha medo de rezar e não saber o ofício. Porque acontece de quem tá dentro da casa pedi pro rezador rezar o ofício e eu tinha medo de não saber. Mas ele me pediu pra continuá no lugar dele. (D. B.)



FOTO 14. O grupo visita a zona rural (ritual noturno). Patrícia Loures

Neste ritual presenciamos apenas uma garotinha de 9 anos, que circulou durante os dois anos de observação do ritual, junto à mãe e à avó. Ela sabe alguns cânticos, permanecendo no cemitério no dia da entrega até a 1 hora da manhã, o que significa que participou do ritual de forma completa. Conforme se nota, na foto da noite da entrega, os agentes (incluindo uma criança em volta do cruzeiro) rendem seu culto aos mortos. Conforme explica o Sr. A.: “a entrega da reza pras alma tem que sê feita, se fô na roça é num cruzeiro e se fô na cidade tem que sê no cimitério”.

E desta forma foi feito até o momento da observação desta pesquisa.

Não foram observados adolescentes participando deste ritual, que é noturno. O grupo é composto, em sua maioria, por pessoas com mais idade. O aprendizado, como vemos nos depoimentos, ocorre quando alguém se interessa pelos saberes específicos do ritual. No caso de D.B., que ajudava no ritual como rezadeira, o responsável já velho e cansado a chama para lhe passar a responsabilidade por conduzir o grupo a partir de um dado momento (momento em que já se sente velho, cansado e sem forças), o que acontece todo ano na época da quaresma.



FOTO 15. Reza para as almas aos pés do cruzeiro no cemitério. Patrícia Loures.



FOTO 16. Entrega da reza para as almas no Cemitério Municipal de Nova Veneza. Patrícia Loures

Todos os participantes são católicos, Alguns inclusive participam efetivamente de grupos instituídos na igreja local, a exemplo do Apostolado da Oração, sendo membros assíduos da igreja católica e complementam seus atos de fé através da continuidade nos momentos do ritual escolhido. Foram observados ainda membros da Folia de Coroa e de São Sebastião neste ritual, no caso, o Sanfoneiro e outro agente da requinta (posição da resposta na folia), circulando no ritual de reza para as almas. Não se esquecendo o fato de que este ritual foi observado informalmente no ano de 2009, e formalmente nos anos de 2010 e 2011. Lembrando ainda o fato de que apareceram duas promessas a serem cumpridas neste ritual. Uma delas era de uma professora da rede estadual que prometeu circular durante três dias na reza. Todavia, em virtude de sua dificuldade de saúde, deixou para cumpri-la no próximo ano. Segundo ela, a graça foi por motivo de saúde e foi atendido o pedido feito às santas almas.

Reza de Santa Cruz

Para Araújo (1964), as festas da Santa-Cruz são realizadas em todo o Brasil, mas, para ele, nesta data já se encontravam em franca decadência. No entanto, encontramos rezas aos pés do Cruzeiro em duas regiões rurais da localidade pesquisada

no dia de Santa Cruz. Uma delas apenas por devoção e a outra, que descrevemos, fruto de uma promessa bem antiga.

Neste caso, “observamos o ritual da reza feito no dia de Santa Cruz, relatando como ocorreu”. Entrevistei a Sr^a. D. que ajudou o esposo a iniciar a reza, a qual perdura por aproximadamente 45 anos. Infelizmente, ela não se lembra a data exata quando se deu seu início. E mesmo porque, pelo que temos observado dos rituais pesquisados, eles são componentes de parte da vida dos grupos partícipes, então ao relembrá-los, os agentes sociais retomam parte de suas vidas sobre “o tempo que já passou e comparamo com o presente”. A Sr^a D. pediu que a esperasse que ela assistisse ao terço de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro transmitido pela Rede Vida. Sua solicitação foi prontamente atendida. D.A. assistiu ao terço colocando dois copos de água para benzer em frente a T.V.: um para ela e outro nos foi oferecido, após o café. Logo em seguida, iniciamos as perguntas de rotina para, mais à frente, ela descreveu como iniciou e como era o ritual, o qual ela não pode acompanhar neste ano por causa da idade avançada e pelo fato da reza ser realizada em uma “serra”, local de difícil acesso.

Após visitar e descrever o ritual da Reza de Santa Cruz, visitei Sr^a D., 76 anos, nascida em Nova Veneza-Goiás. Seus pais vieram de Patos de Minas Gerais. Seu esposo, nascido também em Nova Veneza, mas seus pais vieram de Itapeçerica e Patrocino. Ela comenta: “o meu sogro era filho de escrava”. Sr^a D. mora na zona urbana, mas, mantém a propriedade rural, local onde acontece a reza anualmente.

Ela começou seu relato assim:

Há quantos ano tem a reza não guardei na cabeça, mais tem uns 45 ano o mais. Meu marido fez uma promessa com a intenção de reza todo ano por causa de uma situação difícil. A intenção era de reza todo ao no dia três de maio pra pode abençoá a família. Então nós saia em procissão, subia a serra rezando e cantano. Sortava foguete. Vinha parente, vizinho era muita gente. E todo mundo guardava o dia santo. Hoje ninguém mais guarda dia santo. Levava lanche de cavalo. O lanche era leite, chá, pão, bolo e biscoito que a gente fazia. Nesse tempo quanto a chuva demorava nós rezada na cruz. nós fazia procissão e molhava o cruzeiro. Aprendi com minha mãe.

Ela afirma:

“E minha fia fora dos de dia santo, festa e reza os dia era de muito trabalho. Ali onde nós morava tinha gente demais. Era doze família que morava com nós. Tinha família que tinha oito seis, filho. Era gente demais. Tocava roça de arroz, feijão, milho, café tudo. Lá era bão demais pra dá mantimento. As festa era de São João, São Pedro, Santo Antônio e São Sebastião. Sempre era novena. Tinha leilão e o que arrecadava fazia a festa. Tinha dança. Tinha tocadô de sanfona. Custumava também tãos mutirão, as

traição pra ajudá a roçá pasto e colhê alguma lavoura. Sempre no fim rezava um terço e tinha dança.”

Ainda sobre as rezas, ela se lembra que:

Nós tirou duas folia de Santos Reis e sempre dava poso. Até hoje todo ano nós dá poso. Eles pede nós dá. A primeira folia nós tirou porque eu tinha recaído do resguardo. Levei um susto e racai. Era luz de lamparina. Era noite. O cachorro empurro a porta do quarto e eu num vi que era cachorro. Assustei demais. No otro dia levantei e cozinhei pra oito peão. Lá pra certa hora me deu morragia, quando foi de tarde dispejô de vez. Viero atrás do Pedro Peixoto (Sê lembra dele?) . Mas pricisô levá pra Inhumas. Me troxero numa cama até o ChiquimTiófilo de caminhão. Me levaro pra Inhumas. Quase morri. Santos Reis me valeu. Na segunda promessa meu filho deu paralisia infantil prometi de nós ir a pé no Divino Pai Eterno e também de tirá a folia de Santos Reis. Graças a Deus com meu filho não ficou nenhum problema. Todo ano também nós dá um bezerro pra Igreja pra Nossa Senhora do Carmo. Falo pros meus neto. Seu avô dava e todo ano é procês dá.

Fala também de alguns recortes do passado que são importantes para recompor parte da história das pessoas que viveram naquela época.

Nesse tempo passava muito mascate. Muitos posava lá em casa. Tenho muita coisa ainda que comprei deles. Colcha, coberta. Tenho também coberta que eu mesma tici. Lembro também mas quando não lembro. Tinha o armazém na região da Santa Bárbara o armazém do turco. Ele chamava Isac. Nós comprava pano. Tinha seda bonita. Minha irmã fazia costurava o vestido e logo depois eu aprendi de vê ela costura. Depois eu mesmo costurava.

A respeito de sua rotina, no trabalho no campo, ela recorda: “Eu ticia, fiava, ajudava na roça, em tudo. Em casa e na roça. Panhava, banava café, feijão. Fazia muito porvilho e muita farinha.”

Sobre a devoção ao Divino Pai Eterno, relata que: “Havia a tradição de ir de carros pra Trindade. Ia mais ou menos uns dez carros de boi. Ia nós os cunhado, os vizinhos. Nós num ficava os nove dia, fazia as barraca e ficava uns cinco dia porque todos mexia com plantação e tinha as criação pra cuidá.”

Ainda quanto à reza, ela relata: “Ah, eu era rezadera pras alma. Toda quaresma nós rezava nas casa. Minha mãe também rezava. Lá na roça tem o cemitério até hoje. Mas hoje não enterra mais lá.”

Sr^a D. relata que durante muitos anos houve uma novena em louvor a São Sebastião na casa de uma vizinha da região. A promessa desta vizinha era em função de parentes e conhecidos que foram convocados para a guerra, então, por isso, fizeram a

promessa para que eles não fossem mortos. Segundo ela: “A promessa foi valida porque num foi prciso ir na guerra⁴⁵.”

O ritual

No dia três de maio de dois mil e onze às 7:30 h, encaminhamo-nos para a região Souza. Estava acompanhada de Domingas Soares da Costa, moradora⁴⁶ do local, membro do Encontro de Casais organizado pela Igreja local. Chegamos à fazenda do Sr E.S que nos deu boas vindas e nos apresentamos. Expliquei a ele sobre os objetivos de nossa estada no local e sobre a pesquisa. Neste momento, ele lembrou “que as tradições antigas estão ficando esquecidas”. Falou a respeito da reza e das rezas que havia na localidade no tempo de seus pais, “juntava muita gente”. Lembrou a Domingas que cada região tinha seu terno: “Reza pras almas”. Disse ainda sobre a quantidades de pessoas que freqüentavam a reza de Santa Cruz. Após a reza se entregava o lanche composto por leite, pão, rosca e biscoitos. Rezava-se o terço. Nesse momento, ele relatou: “Antigamente juntava muita gente, mas hoje cada um tem sua ocupação, é estudo, é faculdade, é trabalho”.

Foi naquele momento de seu relato que a família chegou para rezar. Soltaram foguetes para avisar os vizinhos. A esposa do Sr. E.S, Sra. D. explicou que naquele ano foi necessário modificar o horário para que não se deixasse de cumprir a promessa no dia de Santa Cruz. Ela reforçou que a reza sempre aconteceu neste dia e tinha receio de modificar a data.

Após os foguetes começamos a caminhada subindo a serra por aproximadamente cinquenta minutos. Chegamos aos pés do cruzeiro, esculpido a machado, localizado no alto do morro. Do alto avista-se a cidade de Nova Veneza e boa parte da região. Mais fogos. Acendem as velas aos pés do cruzeiro. Todos em sinal de respeito e devoção fazem suas preces em silêncio. Buscam flores nas proximidades para enfeitar os pés do cruzeiro. A esposa do Sr. E.S. agradece a Deus as bênçãos recebidas por toda a família, e pede a Nosso Senhor Jesus Cristo que possam estar no próximo ano cumprindo a tradição, reafirmando o compromisso de rezar todos os anos. Inicia-se o terço. Reza-se o terço, seguido pelos cânticos de Santa Cruz, Bendito louvado Seja e Louvemos a Santa Cruz. Logo após, mais fogos e o lanche.

⁴⁵ Neste caso ela não soube dizer de que guerra se tratava.

⁴⁶ Durante o percurso da pesquisa mudou-se para a zona urbana devido a desapropriação de seu terreno por parte da Ferrovia Norte Sul.

Neste ritual, chama a atenção o fato da participação de jovens universitários que pararam suas atividades na faculdade para poderem participar da reza, cumprindo um ritual iniciado pelo seu avô. A aprendizagem neste ritual não se constituiu como a reza em si, pois o terço é sempre “tirado”⁴⁷ por uma rezadeira da localidade, mas o que se percebe é a aprendizagem de um comportamento, ou melhor, de uma atitude frente a modernidade com todas as suas exigências atuais e que é responsável por fazer prevalecer “um costume dos antigos”. Neste caso, os adolescentes, dois do sexo masculino, cuidaram dos fogos e uma do sexo feminino ajudou na organização do lanche e todos participaram da reza. Esta forma de conciliação entre modernidade e passado perdurará até quando?

Reza de Bom Jesus da Lapa

De acordo com D^a P., a reza de Bom Jesus da Lapa acontece há aproximadamente 65 anos. A família não se lembra da data exata. Todavia, afirmam que foi uma cunhada de seu pai, em um momento de grande dificuldade, que fez a promessa à Bom Jesus da Lapa, garantindo que se esta dificuldade fosse superada todo ano rezariam um terço e ofereceriam um lanche aos convidados. Desde esta época é feita esta novena. D^a P., a filha mais velha do casal “já falecido”, tem 70 anos. Ela se recorda que era bem pequena e a reza já acontecia. A data de Bom Jesus da Lapa, segundo ela, é dia 07 de agosto e a reza é sempre organizada de modo que os familiares que trabalham em Goiânia ou mesmo em Nova Veneza possam se unir para participar. De acordo com D^a P. nem sempre existe a possibilidade de ela acontecer no dia certo. Então, se organizam para que tudo aconteça no sábado mais próximo. Nessa data, contam com a presença de parentes, amigos e compadres de Damolândia que vêm em carro de bois (neste ano havia dez carros de bois), geralmente chegam na 6^a feira e ficam acampados até o domingo. No ano de 2011 houve até um acampamento de jovens do sexo masculino (as namoradas dos rapazes que acamparam não dormiram no acampamento, somente os rapazes).

⁴⁷ Tirar o terço significa rezar o terço. Saber tirar o terço significa saber rezá-lo bem com todos os mistérios e cânticos entre os mesmos.



FOTO 17. Acampamento de jovens na reza de Bom Jesus da Lapa. Patrícia Loures.

Todo o ano é feita uma fogueira bem alta. A fogueira do ano de 2010 tinha 20 metros, segundo relato do Sr. I., irmão de D^a. P. A fogueira de 2011 tinha 18 metros. Por volta das 20:00, as pessoas começam a se aglomerar para a reza do terço. É organizado um bonito altar cujo local é fixo na casa (situado na casa antiga dos pais, onde mora a filha mais nova), pois, nesta casa, é costume oferecer almoço e jantar em época de folia. Tive a oportunidade de presenciar um almoço da Folia de Coroa, momento em que a família estava novamente toda reunida e organizou-se um bonito arco de pés de milho, saldado pelo embaixador Sr. G.(o dono da pasta catálogo descrita na folia de coroa) de forma magistral. Mas, voltemos ao terço de Bom Jesus da Lapa.

O terço se inicia por volta das 21:00. Há a participação de boa parte dos presentes. A sala da casa fica cheia, as áreas e a parte da frente também. Alguns lá fora batem papo, mas, a maioria participa do terço. Quem tira o terço é a mesma pessoa que ajudou na novena de São João Batista no mês de junho — O Sr. J. B. Algumas crianças observam a reza, ficando, por vezes, inquietas, por isso saem e voltam. Ao final do terço, boa parte dos presentes acende as velas e saem para levantar o mastro que é erguido ao som de foguetes.

Ao mesmo tempo, ergue-se o mastro e acende-se também a fogueira. Há um barzinho montado onde são vendidas bebidas e bombons. Após erguerem o mastro, velas são colocadas aos seus pés para acabar de queimar.



FOTO 18. Levantamento do mastro de Bom Jesus da Lapa. Patrícia Loures

Em se tratando dos rituais realizados por D^a. H. (São Sebastião) e ao compará-los com os de São João Batista, no que se refere aos terços, à procissão do mastro, ao ato de erguer o mastro ao som de fogos, eles se tornam momentos bem parecidos. Durante todos esses rituais, a reza torna-se o ponto de encontro de amigos, compadres, comadres e parentes.



FOTO 19. Reza como ponto de encontro entre amigos. Patrícia Loures

Ao final, é oferecido pão com carne (antigamente era pão com leite, café e chá) e é servido o jantar aos carreiros. Após esta parte, os presentes participam de um forró. No encerramento, todos observam juntos a fogueira a queimar.



FOTO 20. Fogueira de 18 metros- final de festejo. Patrícia Loures.

Novena de São Sebastião I

D^a. F.⁴⁸ tem 66 anos, nascida em Minas Gerais em Paraguaçu, região perto de Belo Horizonte. Ela afirma que seus pais vieram para Goiás quando ela tinha dois anos em busca de trabalho. Segundo seus relatos, vieram naquele tempo oito famílias em busca de trabalho em lavouras em um caminhão, descrito por ela como: “era um pau de arara”. F. não se lembra de todos, mas cita alguns nomes, como: Zé Doca, Pedro Augusto, Zé Batista. Sua família encontrou trabalho na fazenda do Zé Leite, em um município vizinho de Brazabrantes, na lavoura de café e se mudou para Nova Veneza em 1954. D^a.F é cozinheira aposentada, trabalhou como funcionária pública na prefeitura municipal.

⁴⁸ Cozinheira aposentada, dona da promessa que originou o ritual.



FOTO 21. Altar da novena de São Sebastião. Patrícia Loures.

Este é um ritual urbano⁴⁹ que acontece na referida residência há 36 anos, conforme relata a própria D^a. F.:

“Essa novena foi um voto que eu fiz, meu filho tava com vinte e cinco dia de nascido e deu problema no pulmão, bronquite, tava tampando o pulmão dele. Nós levô ele quase morto ele tava roxinho. Chego lá em Goiânia interno ele, ele chorava a noite toda eu tive que vim embora eu tava de resguardo, falei pras enfermeira, se meu filho morrê ocês dá um jeito de batiza ele pra mim. Tinha morrido um neném que tava no mesmo quarto. Quando vim embora dali há uns três dia era dia de São Sebastião e eu prometi pra ele que se salvasse meu filho eu fazia uma novena todo ano enquanto vida eu tivesse com leilão e o que arrecadasse fazia uma festa pro povo. Quando voltei pro hospital e vi ele quietinho perguntei a enfermeira se ele tinha morrido ela falou que ele tava recuperando e queria mamá. O Sr. Pedro me ajuda todo ano, ele e eu foi os primeiro morador aqui da vila. Ele distribui os convite e grita os leilão. Meu filho faz os convite e ele distribui pra mim nós coloca cinqüenta convite por dia mas tem gente que vem todo dia os nove dia ajudá. Todo dia na hora de rezá nós solta foguete pra avisá que tamó começando. Meu filho graças a Deus nunca mais ficou doente e me ajuda muito”.

Sobre o ritual:

O ritual inicia-se com a confecção de convites feitos pelo filho de D. F., “o dono da promessa”, como ela mesma afirma. A seguir, com a ajuda de seu amigo, Sr. Pedro, são distribuídos os convites. A cada dia, pouco antes do início do terço, soltam-se fogos avisando que o início está próximo.

⁴⁹ Frequentemente, temos observado a vinda de certos rituais rurais para a zona urbana. Apesar de Dona F ter residido na zona rural, quando sua família veio de Minas Gerais em busca de terras para o cultivo, este ritual iniciou-se após sua mudança para a cidade de Nova Veneza.

Participam desta novena amigos, parentes, vizinhos conhecidos, sendo aberta a todos. Aos poucos vão chegando os convidados, outros mandam somente os leilões, participando em outros dias ou mesmo no último.

A dona da casa oferece café direcionando quem quer para a área da casa onde está a mesa de leilões e duas garrafas de café. Há na sala um altar com imagens de Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, Divino Pai Eterno e uma imagem de quadrinho pequena e antiga de São Sebastião, e como a dona da casa disse: “essa imagem do quadro é velha mais parece ser mais verdadeira porque tem as flechas”. Por volta das vinte horas, começa o terço. O terço é rezado como de costume. Primeiro é rezado o Vinde Espírito Santo; seguido pelo Oferecimento; o Pai Nosso; Três Aves Marias e completa-se o terço normal. Entre os mistérios, reza-se o Glória ao Pai e canta-se um cântico em louvor a São Sebastião entre cada mistério.

Ao final, a consagração a Nossa Senhora e entoada por praticamente todos os presentes; reza-se depois o agradecimento; o Santo Anjo do Senhor; o Bendito; e, ao final, Sr. L., que também é rezador na reza para as almas, canta outro cântico em louvor a São Sebastião e à Nossa Senhora Aparecida, ajudado por alguns presentes que também sabem o cântico. Nesse momento, todos vão ao altar, ajoelham-se um por um aos pés do Santo, olhando com fé e fazendo o sinal da cruz. Há, por último, um cântico abençoando a casa, a dona da casa, os amigos. Após o terço, começa-se a gritar os leilões ofertados pelos noveneiros, enquanto isso, algumas ajudantes amigas de D. F distribuem o café aos convidados, uma com uma bacia com os copinhos descartáveis e outra com a garrafa de café. Com a renda da novena são feitos doces para servir aos participantes no último dia.

Feitas os agradecimentos, segue-se a organização da mesa de doces. Participaram neste ano por volta de 200 pessoas, contando do início ao fim do ritual.

Este é o cântico realizado entre os mistérios:

São Sebastião glorioso...
Dimarinamente⁵⁰ consagrado
Livrai nós da peste, fome e guerra
Tão milagroso, seja nosso defensor
Cântico Beijai
Beijai Sebastião....
Cântico final
Esta *casa* será abençoada porque o senhor vai derramar o seu amor

⁵⁰ Uma variação desta palavra é encontrada noutro ritual de São Sebastião (a festa do doce), porém a palavra do outro cântico é “*dignamente*”.

Derrama senhor, derrama senhor, derrama sobre esta *casa* o seu amor.

Vão se substituindo os nomes, por D^a. F., os amigos e assim por diante, todos alegres e sentindo-se, por sua vez, abençoados, e um clima de amizade e cumplicidade se instaura não só no momento dos cânticos, mas desde o início do ritual.

Ao final do terço, começa-se a gritar os leilões, seu filho anota tudo em um caderno, quem está perto da mesa dá o primeiro preço do leilão. Há leilões variados como vinho, queijo, bolos, doces e mantimentos.



FOTO 22. Décimo dia – fim de novena e a festa. Patrícia Loures

Este ritual vai bem mais além do que simplesmente cumprir uma promessa. Ele agrega uma comunidade que tem, como afinidade, não apenas a fé e crenças em determinados santos, mas agregam os agentes sociais partícipes das dificuldades e lutas do dia a dia. Há também o sentimento nítido de solidariedade entre os agentes e, por fim, a festa que se torna uma celebração, uma confraternização, momento esperado pelos parentes, amigos e, principalmente, pelas crianças que aguardam sempre ansiosas “o doce de dona F” ao final da novena. O décimo dia é dedicado à festa e ao fechamento de um ciclo anual que demonstra o dever cumprido, ou melhor, “mais um ano de promessa cumprida”. Demonstra-se, então, um apego aos Santos vindos de tradição familiar que se constituiu em momentos de “labuta⁵¹”, no dia a dia de trabalho e na

⁵¹ Esta é uma fala comum entre os entrevistados e quer dizer luta, dificuldades, trabalhar muito, excesso de trabalho.

busca pelo sustento para os seus e, conseqüentemente, disseminando saberes entre os agentes que circulam na comunidade.

Novena de São Sebastião II

Sobre o ritual:

Esta é uma promessa que vem sendo cumprida pelo agrupamento familiar desde o tempo dos revoltosos. O voto era de se fazer uma novena em Louvor a São Sebastião e no nono dia tratar de 7 cachorros e 7 crianças (inocentes). Eram celebrados os nove dias de novena e os leilões e, no décimo dia, era realizada a festa. Enquanto os 7 cachorros e as 7 crianças não eram tratados, não se servia alimentação aos demais. Havia, no último dia levantamento de mastro, fogos e procissão de velas. Porém, no ano de 2011, devido ao empreendimento da Ferrovia Norte-Sul, a novena foi realizada na zona urbana.

Hoje, a realização da novena está a cargo de uma descendente de índios.

Neta de índio tem o maior orgulho de contar que seu pai “puxou” a raça do avô. Relata que em ocasiões em que pessoas da região se manifesta nas festas juninas, por exemplo, desafiavam seu pai a subir na palmeira guariroba, ele subia com muita facilidade e todos se admiravam. Dona Helena relatou que, segundo seus pais, o seu bisavô pegou o índio no laço pra casar com sua avó, eles se casaram e depois que nasceu o segundo filho, não passou nem dois meses desapareceu e nunca mais foi visto na região. (DOMINGOS e MOREIRA, p. 33)

Mais uma mistura para a composição da cultura popular da localidade pesquisada.

De acordo com os relatos de Domingos e Moreira (2010):

A festa da São Sebastião tem seu início com a passagem dos chamados “Revoltosos” pelo território de Anápolis. De acordo com novas pesquisas, a passagem da coluna prestes em Anápolis data de 1925. Como achamos muito pertinente a narração de Dona Helena para contar a história da festa, optamos pela transição de parte da entrevista, pois chama bastante atenção do leitor, principalmente por conta dos detalhes narrados de maneira tão viva pela informante. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 60)



FOTO 23. D^a. H. E os inocentes da promessa do tempo dos “revoltosos”. Patrícia Loures

Ao ser por nós procurada, Dona Helena contou o que havia relatado para os pesquisadores Domingos e Moreira recentemente. Depoimento rico em detalhes históricos. Vejamos:

Naquela época... eu mesma tenho muita lembrança não... meu tio que me contava, ele já morreu. Nessa época aqui era muito mato, tinha nada, andava até tapuio por aqui. Aí eles [os revoltosos] vinham judiando de todo mundo. Aí a finada Justa foi se esconder lá no meio do mato, foram abrindo picadas pra entrar lá e fez um largo. Ficou cozinhando lá, ficou acho que oito dias lá nesse mato, fazendo cume e por fim os trem acabou e tinha que buscar mais arroz lá na casa onde ele morava. Aí ela ficou pra ele [Marciano Miguel de Souza] –ó meu filho, você vai lá, você vai nessa égua, você vai lá, você pega o arroz e feijão e ocê toma cuidado. Você vai, pega esses trem e volta logo porque é perigoso eles estarem por lá. Aí cerca de oito homens veio, chegou “ai” na eguinha, na hora que ele ia saindo pra fora, quando já tinha pego os trem e ai saindo, chegou aquele tanto de cavaleiro. Ele quis esconder, aí ele – não precisa esconder não, que você agora vai ficar com nós. E fez ele montar nessa eguinha. Aí eles pegaram essa estrada, aí ele foi com eles, eles falaram – chega o toco nessa égua aí nós tem que correr! Aí a justa lá já preocupou por causa que ele não apareceu. Aí ela rezando... Aí na hora que chegou na virada aqui eles dispararam dos cavalos e ele ficou pra trás. Aí ele virou a rédea da eguinha pra trás, enquanto a Justa bateu o joelho no chão, pois as mãos pra riba e pediu: oh meu São Sebastião olha meu filho, toma conta dele! Não deixe eles levar meu filho, não deixe matar ele... traga meu filho pra mim que eu vou rezar a reza do senhor, vou tratar de sete cachorros e tratar de sete inocentes pra depois me dar de comer. Passou um pouquinho de nada ele chegou. Chegou suadinho. E a mãe perguntou – o que foi filho? – Foi eles, mãe, os home pegou eu mãe. E dona Justa – mas agora eles foram embora. Agora tem perigo não, agora ele não volta mais, que o São Sebastião não vai deixar, ele que segurou ocê pra ficar pra trás. (Helena Lopes de Souza). (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 60)

Vemos aqui a importância da socialização primária para a persistência de crenças e rituais na atualidade. Entendemos que esses aprendizados que acabam se tornando coletivos, pois, assim, são cumpridos de forma coletiva e se constituem, pelo que entendemos, por meio do *habitus*. Assim, destacam os autores:

É interessante perceber a forma como dona Helena narra os acontecimentos, como se fosse a cena de um filme ou um acontecimento vivenciado por ela mesma. Os seus familiares devem ter contado essa história inúmeras vezes desde a sua infância, bem como própria deve ter reproduzido a história incontáveis vezes. De acordo com a tradição da família, a partir daquele ano começou a festejar o dia de São Sebastião. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 61)

Para os familiares, o pedido de um antepassado tem valor, mesmo não sendo feito por escrito, o compromisso é assumido pelas próximas gerações:

Antes de Justa falecer, pois de acordo com dona Helena ela estava muito doente, ela avisou para seus familiares que com seu falecimento, os filhos tinham que fazer a festa e que na falta dos filhos, os netos. Tanto o que é posto de dona Lena, José de Souza, e neto de dona Justa, e como a mulher de Marciano Miguel estava muito doente, passou para dona Helena a responsabilidade de fazer a festa. Marciano Miguel, filho de dona Justa, o menino foi sequestrado, faleceu com 96 anos a pouco mais de 10 anos atrás. Durante todo esse tempo dona Helena presidiu a festa em sua propriedade. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p. 61)

E o que aconteceria aos donos desse compromisso se não lhe dessem continuidade? É justamente essas crenças é que parecem mover boa parte dos rituais. Observemos este trecho:

Desse modo, há 85 anos a festa é praticada tradicionalmente pela família, e como se trata de um voto, a perspectiva é que a festa perdure ainda por muitos anos. A neta de dona Helena alegou que esse ano, como todo mundo estava chateado por causa da passagem da ferrovia em sua casa, não fizeram a festa, apenas a partir tradicional de alimentar sete crianças e sete cães. Em outras conversas percebemos que a festa ao longo do tempo proporções muito amplas, passando além do âmbito familiar e regional. (DOMINGOS e MOREIRA, 2010, p.61)

Como apontam Domingos e Moreira (2010), junto aos familiares de dona Helena e demais pessoas entrevistadas durante as pesquisas de campo, as transformações sofridas pela festa durante vários anos vêm gerando problemas que a família não tem conseguido minimizar. Ao longo dos anos a festa foi se tornando cada vez maior e atraindo mais pessoas da região (em alguns anos mais de 2 mil pessoas). A festa se estende, agora, por 10 dias, começando no dia 10 de janeiro, e vai até dia 20, dia de São Sebastião. Durante todos esses dias realizam-se missas, novenas, leilões, muita comida, dança e festejos. A festa também ficou conhecida na zona rural como “Festas do Doce”, pois durante os festejos, o jantar é acompanhado da distribuição de doces aos participantes. Uma das transformações sofridas pela tradicional festa é o fato de que, anteriormente, os doces eram feitos de forma caseira e especialmente para festa, como

mamão ralado, de casca de laranja entre outros. A chegada de pessoas “de fora”, jovens com som automotivo, muita bebida e desrespeito com a parte sagrada da festa. A difícil convivência da tradição com a modernidade é expressa da seguinte forma:

O nosso diagnóstico sobre a festa é de que a tradição já se encontrava ameaçada pela difícil convivência com a modernidade. Já são três anos seguidos que a festa não é realizada, apenas é feito o ritual tradicional de alimentar as crianças e os cães. Mas se olharmos por uma outra perspectiva, a impressão que se tem é de que a festa de São Sebastião está fazendo um movimento de retornar à suas raízes, pois é servida a janta e os doces para os amigos mais íntimos que são convidados a participar da solenidade. Talvez a passagem da ferrovia e com a desapropriação dos moradores para outra região não signifique o fim da festa de São Sebastião, mas uma nova remodulação, como as várias que ela tem sofrido ao longo dos anos. Portanto, consideramos importante que seja construída uma capela no local onde até o momento se localiza a casa da dona Helena. (DOMINGOS e MOREIRA, p. 62)

Como pudemos acompanhar neste ano (2012), o ritual ocorreu de forma simplificada. Houve os nove dias de novena com pessoas do agrupamento familiar e alguns amigos, diminuindo o contingente de pessoas. Neste ano não houve leilões. No último dia não houve procissão de velas, visto que o mastro foi erguido ao lado da casa. Mas, de todo modo, acenderam-se as velas na sala ao final da novena e saíram a poucos passos do mastro entoando um cântico. Ao som de fogos, ergueram o mastro de São Sebastião e colocaram-se as velas aos seus pés.



FOTO 24. Procissão para levantar o mastro (1º ano na zona urbana⁵²). Patrícia Loures

⁵² Mudança da zona rural para zona urbana devido à implantação da Ferrovia Norte-Sul. Foi sugerido, nos estudos da equipe técnica da mesma, a construção de uma capela no local onde ocorria o ritual.

Ao final, serviram o jantar a 7 crianças e, enquanto as crianças comiam, todos observaram. Somente após elas comerem é que os adultos foram servidos.

Neste ano, com a impossibilidade de se recolher 7 cachorros e conduzi-los à residência de D^a. H. (como acontece na zona urbana), cada um levou, separadamente, para seus cachorros, da mesma comida servida às crianças para 7 residências. Desse modo, foi cumprida uma promessa que perdura por mais de 80 anos. Mesmo com o advento da modernidade, ela resiste mesmo de forma simplificada. Pois, um pedido no leito de morte não pode jamais deixar de ser cumprido. Esse ritual perdura há tanto tempo por meio do sistema de crenças que ensinam às novas gerações, “o cumprir a promessa”. Portanto um *habitus* incorporado no interior deste grupo.



FOTO 25. Alimentação dos inocentes. Patrícia Loures.



FOTO 26. Crianças organizando as velas ao fim da novena, após a subida do mastro de São Sebastião.
Patrícia Loures

Novenade Coroa: São João Batista

O ritual observado em muito tem a ver com o que Araújo (1964) nos mostra, resguardando diversos elementos.

Araújo (1964) afirma que a festa de São João é a principal festa do solstício de inverno realizada em todo o território brasileiro; as demais são satélites. É uma festa profundamente humana, trazendo, em seu bojo, os apelos da arqueocivilização; é o ritual pagão que se transladou para o catolicismo romano e que lhe deu, como padroeiro, um santo cuja data agiográfica se localiza no período solsticial, época no Brasil, do início das colheitas, dentre as quais se destaca a do milho. Para o autor, os demais santos são apresentados nas iconografias como adultos, São João Batista – o precursor, figura como menino de cabelos encaracolados e tem, ao contrário dos outros, a sua festa realizada na noite que antecede o seu dia. Esta festa está presente em todas as áreas culturais brasileiras, as quais, uniformemente, gira em torno do fogo. “Em Goiás come-se paçoca de carne, batata-doce assada, pé-de-moleque, pipoca, biscoito de fubá, mandioca, milho verde, bebe-se garapa de cana e dança o saruê, dança jocosa que se assemelha à quadrilha, confusa na marcação.” (ARAÚJO, 1964, p. 97)

Quanto aos mastros, não confundir o que em todo o Brasil é chamado *mastro* com aquela denominação regional dada às arvorezinhas que estudaremos em “Mastros de

Junho”. É elemento presente nas festas da cidade, dos povoados e das roças. O mastro recebe tratamento especial por parte daqueles que vão prepará-lo: a escolha da madeira, qualidade e forma. Tem que ser a mais reta possível, deve ser cortada numa sexta-feira da mingunte por três pessoas que antes de iniciarem a derrubada, de empunharem o machado, rezarão um padre nosso. [...] (ARAÚJO, 1964, p. 98)

A novena observada é realizada durante 10 dias e ocorre na região rural de São José. O dia de São João Batista é comemorado de modo que termine no décimo dia de reza, em um fim de semana que, de acordo com os organizadores, possibilite maior número de participantes, pois apesar de haver uma boa participação durante a semana, há que se considerar que as pessoas trabalham nesses dias e se pode contar com uma presença mais efetiva aos finais de semana.

A novena é um ritual noturno em que todos os dias reza-se o terço e os cânticos em louvor ao santo, sendo feita por coroação. Há diversas pessoas que ajudam e há grupos responsáveis por cada área, a exemplo: cozinha, barraca, fogueira dentre outros. Em todos os dias da novena há leilões. Monta-se um bar ao lado da festa, onde são vendidas bebidas, como refrigerantes, dentre outros, mas, de acordo com os agentes, a arrecadação não é para a coroa e sim para a pessoa que vende. Esta coroação é visualizada durante o ritual quando alguém do grupo pode se prontificar ou o festeiro atual pode, por confiança, indicar alguém que possa pegar a coroa ou as coroas já que sempre se coroa um homem e uma mulher. Observa-se que entre as orações também são citados outros santos, como a padroeira Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, dentre outros.

As orações são oriundas do catolicismo tanto no que diz respeito aos santos quanto aos cânticos. Nesta novena, há a participação de crianças, jovens, adultos, e pessoas de mais idade. Observa-se que as que ficam mais à frente das orações são os mais velhos e os adultos. As crianças correm para lá e para cá livremente, ficando agitadas no último dia por conta dos fogos e da fogueira. Os jovens se agrupam mais afastados, e, mesmo assim, participam das orações e dos cânticos. Geralmente, esses grupos são constituídos por familiares mais próximos, mais distantes, vizinhos, compadres e amigos. O ambiente é todo enfeitado com flores de papel crepom e bandeirolas. O estandarte de São João Batista é também todo enfeitado. Antes de se iniciar o terço são acesas as velas. Os rezadores são moradores da região. Um desses moradores é considerado rezador de terço “profissional”, “rezador pras almas”, folião

de Santos Reis e membro do grupo de casais da Igreja local, portanto, atua religiosamente tanto na zona rural como na urbana.

Outro ex-morador da região, atualmente residindo na zona urbana e membro efetivo da igreja, também membro do grupo de casais da Igreja, atua na catequese, curso de batizado, dentre outras atividades religiosas institucionalizadas. Também é folião de Santos Reis e rezador de terço em novenas rurais e/ou urbanas sempre que é convocado. Na verdade como aponta (D^a M.75): “se não tivé quem reza, nós aqui qualquer um sabe tirá o terço e os cantico”. Esse é um aprendizado que a maioria dos presentes vão adquirindo ao longo de suas vidas, ao longo da participação nesses e em outros rituais.

De acordo com o observado, as pessoas vão chegando por volta das 19 horas, e esperam por mais pessoas para começarem a rezar o terço. Nesse ínterim, bate-se um “papo” enquanto se toma um café.

Podemos melhor entender o processo através do depoimento de uma das festeiras D.^a M^a 75 anos, uma vez que não há consenso entre a data certa de início do ritual:

No tempo do meu pai, ele foi festeiro, baseando pela minha idade a festa tem mais de 70 anos. Eu já tenho 75. Eu era bem pequena quando meu pai foi festeiro e a festa já existia há muito tempo. A novena é nove dia, todo dia tem leilão e na intera dos dez dia é a festa. No último dia aquela procissão que tem é a do encontro dos festero. A festera sai da casa dela e o festero da casa dele e vai pra casa da festa. E assim forma duas procissão na estrada e que vai com as image e as vela acesa e encontra na frente da casa da festa. Eu tava carregando a coroa e o festero a dele que nós era os dono dela esse ano e os parente e os amigo tudo com as vela acesa rezano e cantano os cantico do encontro. Essa é a tradição de antigamente. Pra fazê a festa tira a sorte. A sorte é assim. Pega os nome dos que vai ajuda no ano que vem ai sorteia no fim da festa e os papel escrito com os nome fica com os festero do ano que vem pra podê organiza a festa. Na sorte tem: rezador de terço; cozinha; cafezera; barraca; foguera; carrada de lenha; foguete; doce; enfeite; altar; mastro e som. O cordão dos nome fica com os festero o resto da vida. Os baile antigo era bão, hoje o povo dança mas é poco. Tem umas música tuf, tuf. Forró de sanfona não tem mais.



FOTO 27. Levantamento do Mastro de São João Batista. Patrícia Loures

Sobre o som:

Há a implementação de objetos da modernidade, como toda essa parafernália do som e o notebook que direciona as músicas escolhidas

A festa nos mostra inúmeras possibilidades de análise, sendo uma delas a forma de um reinado. Estaria esse reinado religioso aliado à herança do “Rei do Judeus”, ou a um reinado longínquo que remete aos reis que comandaram nosso país? Não há respostas nesse sentido, o certo é que há um reinado religioso onde os reis e as rainhas são pessoas comuns, mas de fé, respeito e responsabilidades perante o grupo. Porém, o fato é que há a solenidade de coroação que garante que a festa se repita no próximo ano com um caráter organizacional. Ao final do ritual, levanta-se o mastro do santo, colocam-se as velas aos pés do mastro e, enquanto a fogueira vai queimando, as crianças ficam a seu redor como se a estivessem venerando, mas a uma distância segura. Em cima da carroceria de uma camionete, sorteiam-se os responsáveis por cada área necessária para a festa e vão se costurando os nomes em uma espécie de colar entregue ao rei e à rainha do próximo ano. O que se percebe é uma organização técnica que impulsiona a garantia de que no próximo ano a festa ocorra.

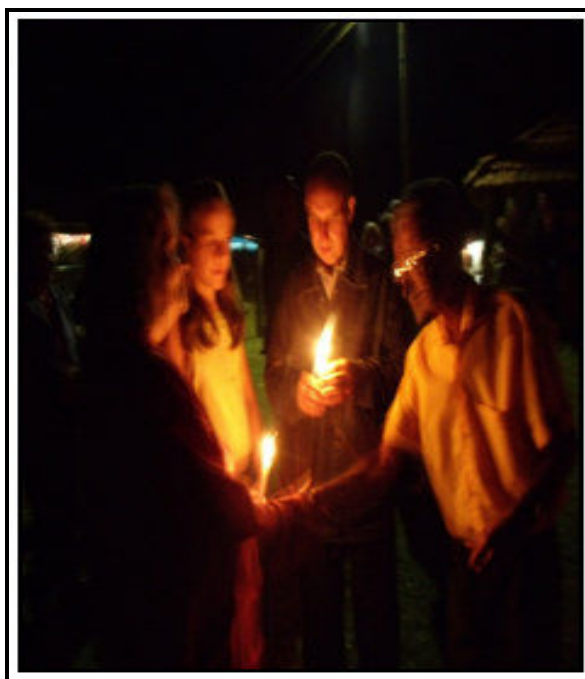


FOTO 28. Batizado de fogueira, zona rural. Patrícia Loures



FOTO 29. Fogueira de São João Batista, zona rural. Patrícia Loures

A fogueira é observada por todos, principalmente pelas crianças. “A fogueira é acesa logo que o Sol se põe. Pode ser antes ou depois da reza, porém sempre antes da meia-noite. Em geral quem acende é o dono da festa, ou melhor, o dono da casa.” (ARAÚJO, 1964, p. 99)



FOTO 30. Crianças observando o batizado e a fogueira em cima do cocho de dar sal ao gado. Patrícia Loures.

E como salienta Araújo,

O Compadrio – É por ocasião das festas juninas que, entre outras funções sociais, se reforçam os laços de solidariedade através dessa instituição que esta se tornando folclórica – o compadrio. No Nordeste brasileiro, muito mais do que noutras partes, uma das formas pela qual os moradores das comunidades rurais, dos “bairros”, das aglomerações urbanoídes, demonstram a cordialidade é a escolha do compadre. Verdadeira instituição, paralela à família, chegando às vezes a entrelaçar um número bem maior de membros através do “parentesco pelo coração” do que pelo sangue. [...] (ARAÚJO, 1964, p 102-103)

Observamos também que, enquanto isso acontecia, houve um batizado na fogueira, um novo compadrio a ser cultivado pelos participantes do ritual. O pai e adolescente junto ao padrinho e à madrinha rodearam a fogueira rezando todos com velas nas mãos e, após essa reza, pegaram nas mãos tornando-se compadres e a garota pediu a bênção ao casal que a abençoou. Se João Batista batizava com a água, nossos agentes batizam com o fogo, mas, ambos, seguindo os preceitos cristãos. As crianças observam atentas esse acontecido e, por sinal, em cima de um cocho de dar sal ao gado.

Outro fator presente, não apenas no depoimento de D.^a M.^a. 75 anos, mas parece uma ansiedade por parte de quase todos os entrevistados, reside no fato de se voltarem a tempos remotos. Houve fatos que marcaram, não propriamente os rituais estudados, mas marcaram o tempo e espaço dos acontecimentos que estão de alguma forma ligados a

história da localidade. Durante a entrevista com D^a. M.^a novamente na passagem dos “revoltosos”. Período este em que alguns rituais já aconteciam.

Então assim nos diz D.^a M.^a:

Antigamente tinha até lavadera de prato na sorte. Hoje não precisa mais, é tudo de prático. Antigamente a luz era de lamparina. O fogão era a lenha (pausa, ficou pensativa) Nós vigiava passarinho nas roça. Nós levantava primeiro que os passarinho pra vigiá eles não comê o arroz quando tava nascendo. Quando nós vigiava os passarinho na roça nós tinha uns 7 ano ou menos e nós via os pé de laranja no meio do mato perto da roça. Aí nós perguntava. Mãe, quem pranto. A mãe falava “foi os revoltoso” que passo aqui e jogô a semente. Nós socava arroz, nós guiava boi no meio dos cupim. Se não trabaiasse o pau comia. Tinha tempo que chovia demais e não tinha jeito de coiê os arroz. Cortava os cacho e punha secá em casa, depois socava no pilão, no minjolo. No meu tio tinha um minjolo e nós levava lá. Trelava no saco e jogava no cavalo. Pra fazê café nós torcia a cana, saia a garapa e nós jogava dentro. Estudá nós não pôde.

Ao observar este e outros depoimentos percebe-se muito da história de vida de seus agentes, os modos de educação, de trabalho e até mesmo de infância e, em meio a esta construção, verifica-se partes da história, criações e crenças diversas que envolvem os agentes.

O Quadro II registra os principais marcadores culturais de acordo com a natureza das rezas e novenas.

QUADRO II- DEMONSTRATIVO DAS REZAS E NOVENAS SEGUNDO OS MARCADORES CULTURAIS (Indicadores)

INDICADORES	REZA PRAS ALMAS	REZA DE SANTA CRUZ	REZA DE BOM JESUS DA LAPA	NOVENA DE SÃO SEBASTIÃO I	NOVENA DE SÃO SEBASTIÃO II	NOVENA DE COROA: SÃO JOÃO BATISTA
1. Tempo de realização do ritual ⁵³	55 anos	Em média 45 anos	Em média 65 anos	36 anos	86 anos	Em média 70 anos
2. Existência de saberes legítimos	Ritual noturno anual ocorrido no período da quaresma com objetivo de se rezar para as almas, contendo o alertador, primeira, segunda, terceira, quarta e quinta voz.	Reza anual com participação da família, amigos e comunidade. Reza, procissão até a cruz, cânticos, flores, água para molhar o cruzeiro, lanche comunitário, fogos.	Conjunto de ritos frutos de uma promessa. Realizada geralmente em sete de agosto conforme a tradição ou no fim de semana mais próximo para os familiares que residem distante poderem participar.	Conjunto de ritos frutos de uma promessa por motivo de saúde. Realizada geralmente nove dias que antecedem o dia de São Sebastião. Faz-se uma novena com leilões e festa com doces.	Conjunto de ritos fruto de uma promessa na época dos revoltosos. Realizada geralmente nove dias que antecedem o dia de São Sebastião. Ao fim do rito primeiro alimentam-se sete inocentes e sete cães e, por fim, os convidados.	Conjunto de ritos. Realizada geralmente nove dias que antecedem o dia de São João Batista. Há rezas, cânticos, danças, alimentação, leilões, levantamento de mastro, procissão, fogueira, batizado na fogueira, barraca, coroação e definição de tarefas para o ano vindouro por meio de sorteio.
3. Sistema de crenças e demandas	Conjunto de rezas específicas para as almas do purgatório serem salvas, sendo que o momento propício para “valer” tem que ser o período da quaresma	Recebimento de uma graça recebida por um antepassado que realizou uma promessa, motivo pelo qual se cumpre o rito que é compartilhado por todos.	Principalmente o grupo familiar garante que a promessa surtiu efeito. Por este motivo não deixam de cumpri-la mesmo depois do beneficiado por ela já estar falecido. E para a realização do ritual reúnem-se familiares,	Por meio de uma graça recebida cumpre-se a promessa com apoio da família, amigos e vizinhos que confirmam o poder do santo em curar. Demonstração de fé, devoção e agradecimento.	O grupo familiar ao cumprir uma promessa tão antiga o cumpre por fé e em agradecimento ao santo sendo que amigos, vizinhos e demais participantes compartilham da mesma crença e no	Homenagem ao santo, pedidos de bênçãos. Realização da novena, rezas, procissões, levantamento de mastro, coroação, fogueira, e, por fim, a festa envolvendo toda a comunidade.

⁵³ Em alguns rituais não foi possível identificar o tempo exato de realização.

			amigos, vizinhos que comungam da mesma crença.		poder do santo pois rezam tanto em agradecimento como pedindo bênçãos.	
4. Existência de um processo educativo de constituição dos educadores sociais	A maioria dos rezadores aprendeu com os mais velhos, amigos e parentes rezadores por meio da observação e memorização.	Membros mais jovens, no caso netos, modificaram sua rotina de estudos na capital, para cumprir o rito de promessa do avô já falecido. Presença da família, vizinhos, e três jovens que expressavam devoção, respeito e continuidade com o ritual.	O próprio ritual anual torna-se locus de transmissão de saberes especialmente ligados a religiosidade popular. O terço, os cânticos, a reverência ao altar, a fogueira, as velas, o levantamento do mastro, os fogos, o acampamento de carros de bois, e mais recentemente o acampamento de jovens em torno da festa, a alimentação, o forró e no dia seguinte o almoço antes dos acampados partirem.	O próprio cumprimento do ritual, a novena com rezas, cânticos, leilões torna-se o locus da transmissão das rezas, cânticos e demais atividades partilhadas pela comunidade participante.	O próprio cumprimento do ritual, a novena com rezas, cânticos, leilões torna-se o locus da transmissão das rezas, cânticos e demais atividades partilhadas pela comunidade participante e pelo fato de sempre haver crianças ao cumprir o rito há maior mobilização das famílias as quais advém a criança e do mesmo modo a criança participante vai ano a ano adquirindo os saberes necessários ao rito.	O próprio cumprimento do ritual, da novena, coroação, procissão com velas, levantamento de mastro, fogueira, batizados, e a festa ao final tornam-se um ambiente anual de transmissão de saberes religiosos envolvendo, crianças, jovens, adultos e idosos
5. Recursos simbólicos mediatizadores das práticas culturais	Orações específicas para as almas, panos brancos, matraca, velas	Promessa, rezas, no caso o terço, cânticos, flores, água, fogos, alimentos.	Promessa, reza, no caso o terço, cânticos, altar, flores, santos, procissão, velas, mastro, fogueira, carros de bois, barracas, mosqueteiro. ⁵⁴	Promessa, rezas, no caso novena com terço, cânticos, altar, crianças, animais, imagens e quadros de santos, flores, velas, leilões, café, doces, fogos.	Promessa, rezas, no caso novena com terço, cânticos, altar, imagens do santo, velas, procissão e levantamento do mastro, mesa de alimentos e fogos.	Coroação dos festeiros, procissões, velas, altar, rezas, cânticos, barraca, som, enfeites e flores, fogueira, leilões, bandeirolas mesa de alimentos, fogos sorteio de funções

⁵⁴ Lata colocada do lado da barraca onde se coloca dentro estrume de gado secos a serem queimados para espantar pernileiros.

						para o próximo ano.
6. Cultiualização coletiva como ritual legítimo para a transmissão e/ou vivência de saberes	O ritual é realizado por um grupo que compartilha das mesmas crenças. Mesmo atribuindo missas para as almas na igreja local consideram que é importante o ritual por rezar por casos específicos, por exemplo as almas dos afogados, almas esquecidas e outras denominações que aparecem nas orações. No momento em que é vivenciado ocorre a transmissão dos saberes. Aquisição de <i>habitus</i> .	No dia de Santa cruz, reúnem-se família, amigos e vizinhos para cumprirem uma promessa realizada por um antepassado, permitindo neste ritual a transmissão dos saberes e ou práticas a serem repetidas ano a ano. Período de aprendizagem, modos de se portar, gestos, reverencia ao sagrado e, por fim, o festejo. Aquisição de <i>habitus</i> .	Mobilização de parentes, amigos e vizinhos para a realização da reza. Momentos em que os rezadores de terço de responsáveis pelos cânticos ficam a frente do ritual acompanhado pelos participantes, crianças, jovens, adultos e idosos. Período de aprendizagem, modos de se portar, gestos, reverencia ao sagrado e, por fim, o festejo. Aquisição de <i>habitus</i> .	Mobilização de parentes, amigos e vizinhos para a realização da novena. Momentos em que os rezadores de terço de responsáveis pelos cânticos ficam a frente do ritual acompanhado pelos participantes, crianças, jovens, adultos e idosos. Período de aprendizagem, modos de se portar, gestos, reverencia ao sagrado e, por fim, o festejo. Aquisição de <i>habitus</i> .	Mobilização de parentes, amigos e vizinhos para a realização da novena. Momentos em que os rezadores de terço de responsáveis pelos cânticos ficam a frente do ritual acompanhado pelos participantes, crianças, jovens, adultos e idosos. Período de aprendizagem, modos de se portar, gestos, reverencia ao sagrado e, por fim, o festejo. Aquisição de <i>habitus</i> .	Mobilização de parentes, amigos e vizinhos para a realização da novena. Momentos em que os rezadores de terço de responsáveis pelos cânticos ficam a frente do ritual acompanhado pelos participantes, crianças, jovens, adultos e idosos. Período de aprendizagem, modos de se portar, gestos, reverencia ao sagrado e, por fim, o festejo. Aquisição de <i>habitus</i> .
7. Organização coletiva onde as relações internas são hierarquizadas dentro do sistema de crenças com nítida hegemonia do educador social.	No caso observado o alertador comanda o grupo, as orações, o giro, início e fim do ritual e a posição de cada um no rito. Em caso de dúvidas sempre recorrem ao alertador.	O membro familiar mais próximo do dono da promessa, no caso o filho e a esposa se encarregam de programar o dia da reza. Contam com ajuda de uma amiga que comanda os cânticos e orações, formando um conjunto disseminador da crença.	O grupo familiar de descendentes programam e organizam a reza. O rezador não é membro da família, é um membro da comunidade que possui os saberes necessários a realização do rito religioso, rezas, cânticos frente à comunidade presente, até o levantamento do mastro ao som de fogos	A dona da promessa auxiliada por seu vizinho mais próximo e familiares providenciam os convites. Amigos rezadores fazem a parte religiosa nos nove dias de oração e culto ao santo e no final todos participam do último dia com a festa do doce. Ao cumprir a promessa anualmente, transmite-	O membro familiar de mais idade é responsável pelo cumprimento do ritual. Amigos rezadores cumprem a parte religiosa nos nove dias de oração e culto ao santo. O próprio cumprimento do ritual torna-se lócus de transmissão de saberes religiosos específicos e, por	Planejamento anual feito por meio de sorteio no último dia da festa, de modo que cada pessoa geralmente representante de uma família se responsabilize pela organização de uma parte da novena. A exemplo, fogueira, barraca, enfeites, jantar, doces, fogos,

			e cânticos religiosos, a luz de velas e da fogueira.	se saberes religiosos específicos	isso, tão duradouros mesmo com advento da modernidade.	velas, mastro, terço dentre outras atividades inclusive a coroação dos festeiros do próximo ano.
--	--	--	--	-----------------------------------	--	--

2.2.3. O Universo educativo das Folias e Congada.

A folia mantém-se viva porque uns foliões passam a sua sabedoria para os outros que continuam a festejar os Santos Reis. Os mais velhos vão ensinando aos mais novos – filhos, sobrinhos e amigos – as cantorias e a devoção. (CANEZIN e SILVA, 1983, p.20)

O universo educativo das folias e congada contempla uma sequencia lógica, seguindo datas específicas dentro do calendário cristão. O ritual torna-se locus da transmissão de saberes e comportam ritos diversos. Geralmente ocorre por meio de uma promessa. Em alguns rituais observados há a preparação de crianças e jovens para aprenderem os saberes necessários ao cumprimento do ritual.

Folia de Reis da Região Viradouro

De acordo com os depoimentos do Sr.H, embaixador⁵⁵ e capitão da folia de Reis da região do Viradouro, a folia iniciou-se em 1948, época em que seus familiares (família Miranda) vieram da região de Minas Gerais para Goiás em busca de melhores terras para o cultivo. Segundo ele, somente em um ano não houve promessa e, assim, os foliões se reuniram e resolveram tirar a folia⁵⁶. Os bens arrecadados foram transformados em espécie e levados à Vila São Catolengo em Trindade⁵⁷-Go.

A folia sempre sai⁵⁸ no dia vinte e cinco de dezembro, seguindo os mesmos ritos dos outros anos, ou seja, a Folia de Reis sai mediante uma promessa, sendo que esta promessa é sempre fruto de uma relação sobrenatural com os Santos Reis. Um dado interessante é que a graça pedida pode ter sido alcançada, mas, não necessariamente, de modo que mesmo se a graça ainda não estiver acontecida isto não significa que a folia

⁵⁵ Pessoa que entoia os versos cantados da folia podendo ser um ou dois embaixando de uma só vez, enquanto as outras posições de reposta respondem aos últimos versos cantados que são finalizados pela retinta que é a última sempre cantada em forma de vogais: “ai”.

⁵⁶ Tirar a folia significa sair com a folia, percorrer o caminho, cumprir a promessa.

⁵⁷ Vale a pena lembrar que Trindade é considerada pelos religiosos goianos como a capital da fé e quanto aos agentes sociais pesquisados percebem “O Divino Pai Eterno” como intercessor em seus ritos e orações. É interessante esclarecermos que neste período da “Festa da Trindade” não há comemorações religiosas populares no município pesquisado porque diversas pessoas vão a cavalo, a pé, de carros de bois, de carro ou ônibus. Vão render graças ao Divino Pai Eterno, não só grupos aqui do município, bem como de municípios vizinhos e de todo o Estado de Goiás.

⁵⁸ Sair significa seguir o giro de seis dias, então, usa-se dizer: “a saída no seu primeiro dia e a chegada quando é o último dia”. Antigamente, como cita o Sr. H., a folia saía no dia 24 de dezembro à meia noite. Mas, como foi ficando difícil, mudou-se para o dia 25 de dezembro durante o dia.

tenha que esperar. Então, pode ocorrer de a promessa ter sido recente e pela fé da pessoa ou da família e, principalmente dos foliões, a folia sai em agradecimento e na certeza de que as graças virão. A folia seguirá girando⁵⁹ durante seis dias. Os responsáveis, antecipadamente, organizam os almoços, os jantares e pousos dias antes da folia começar a circular. Serão, então, ao todo doze refeições previamente organizadas e outros possíveis lanches, conforme a oferta de cada morador visitado.



FOTO 31. Folia de Reis da região Viradouro. Patrícia Loures

O ritual

A observação mais detalhada deste ritual se deu em dois anos: dezembro de 2011 e dezembro de 2012. A única diferença foi que, na saída no ano de 2011, foi servido um almoço e em 2012 foi servido um café da manhã. Conforme explicou o capitão, Sr. H., isto depende da promessa feita e, conseqüentemente, o percurso também segue as promessas feitas para serem servidos almoços e jantares. No decorrer dos dias outras promessas são cumpridas, como, por exemplo, carregar a bandeira.

A Folia de Reis segue os ritos cristãos cantando a história dos Reis Magos — Os Três Reis do Oriente. Isso indica que o Oriente exerceu e ainda exerce influência nas formulações culturais ocidentais, principalmente em se tratando do cristianismo e, no caso da pesquisa, o catolicismo popular.

No dia 25 a folia sai seguindo os seguintes passos⁶⁰:

⁵⁹ O giro é o percurso da folia durante o período em que se visita as casas.

⁶⁰ Tais passos não são rígidos, pois, no ano anterior, foi servido o almoço e, neste ano, serviu-se o café da manhã, sendo que o almoço foi servido em outra localidade, já fazendo parte do giro para o cumprimento de uma promessa.

A título de entendimento, a promessa do ano de 2011 foi realizada por uma senhora, ex-moradora da região do Viradouro, onde se localiza a folia, mas que hoje reside na vizinha cidade de Nerópolis, para onde se mudou por motivos de trabalho. Esta senhora ornamentou a sua casa com alguns enfeites, e o tradicional arco, o altar com flores e imagens de santos. Havia presentes 16 foliões⁶¹, e ainda 72 pessoas entre adultos, jovens e crianças. Foi servido o café da manhã, estando sobre a mesa: chá de erva cidreira, café, leite, pão, margarina, copos descartáveis, roscas e biscoitos. Conforme os foliões iam chegando, recebiam uma camiseta caracterizada na frente com a estampa dos Reis Magos fazendo a visitação ao menino Jesus e atrás a estampa de Nossa Senhora Aparecida. Nas mangas estava escrito “Folia de Reis”. Até as crianças que acompanhavam a folia receberam a camiseta. Por volta das 10h30min, o embaixador, Sr. H., que é o capitão da folia, acenou ao seu filho R. que vem aos poucos assumindo a liderança da folia e tem atuado como uma espécie de segundo capitão. Nesta posição, reuniu-se o grupo de foliões para iniciar a empreitada, apitando e convidando a todos para rezar o terço antes da saída da folia. Rezou-se o terço e em conjunto estavam os foliões, os donos da casa, familiares e amigos.

Enquanto rezava-se o terço, algumas pessoas que estavam chegando, dirigiam-se à mesa do café posta na cozinha, enquanto o terço continuava sendo rezado na sala em frente ao altar. Na área dos fundos havia alguns jovens que conversavam. Na cozinha estavam umas oito pessoas sentadas, duas mães com crianças de colo. Cada pessoa que estava à frente do altar rezava um mistério, inclusive a neta do capitão. A garotinha A. C. rezava o primeiro mistério e repassava ao avô, que repassava ao filho. Quando foi a vez de seu pai entoar o mistério, a menina ajudou novamente, enquanto os outros membros respondiam as Aves Marias. Neste momento, o rosário fica tendo dois rezadores: pai e filha. A menina que auxilia na reza, ao terminar aquelas dez Aves Marias, responde junto com seu pai o Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Seu pai diz os nomes dos Santos e depois o Rogai por nós, sendo que, por fim, é dita a oração Três Reis do Oriente e, a menina e seu irmão, juntamente com todos os presentes respondem: “rogai por nós e abençoai a nossa folia”. Ao pegar o terço, seu pai ajoelha e o filho que está com a camiseta da folia ajoelha também, por vezes, ajudando a dizer as orações. Ela olha para o pai e dá um sinal explicando que vai sair, sendo que o pai balança a cabeça, respondendo que sim. Logo ela volta e se posiciona à frente perto de

⁶¹ Nome dado aos agentes sociais que fazem o giro da folia durante os 6 dias que a folia acontece. Eles são os responsáveis pelo cumprimento da promessa de outrem.

seu irmão. Ao fim do terço, os foliões vão para o quarto onde estão os instrumentos, depois voltam para a sala e fazem a afinação dos mesmos.

A dona da casa pega a bandeira da folia. Depois passa ao Sr H. que a segura no meio da sala enquanto todos os foliões passam debaixo da bandeira, beijando-a, fazendo o nome do pai e segurando cada qual o seu instrumento: viola, sanfona, pandeiro e outros. Após todos passarem, o Sr. Q. pede a palavra e agradece a todos os presentes, a Deus por esta bela união, os encontros fora da época da folia, e pede a Deus força aos embaixadores para que as pessoas das casas por onde vão passar se sintam abençoadas pelos Três Reis. Ele pede um minuto de silêncio em nome dos velhos foliões falecidos, pelos pais, avós, velhos companheiros e os que ajudam e ajudaram sempre a cuidar da tradição. Cita os que já morreram pedindo que tenham um bom descanso e pede que “eles possam estar intercedendo por nós”. Fala ainda a respeito das dificuldades encontradas no “mundo da perdição”, o que torna difícil para as famílias criarem seus filhos e parabeniza a todos por aquela bela união, pedindo que isso nunca acabe, pois é uma forma de agradar a Deus e unir os amigos e as famílias. Reza-se um Pai Nosso e uma Ave Maria em intenção das almas dos falecidos foliões.

Percebe-se na fala do Sr. Q. a presença dos elementos sagrado e profano, uma vez que tendo consciência do lado profano da sociedade, ele solicita aos presentes que se posicionem e incentivem o lado sagrado como uma forma de proteção, e até mais do que proteção, uma escolha entre um dos lados (bem ou mal) e, principalmente, percebendo a Folia de Santos Reis como um dos elementos impulsionadores e aglutinadores dos grupos familiares por meio da união e da fé.

Inicia-se o momento de cantoria e há muita comoção, principalmente de uma professora da rede pública e seu esposo professor de uma universidade, membros da mesma família⁶², sendo que neste ano fizeram uma doação à folia.

⁶² É necessário entender que a folia não é de posse de uma só família porque o que a faz é justamente esse agrupamento de pessoas familiares, amigos, compadres, vizinhos e até mesmo curiosos. Mas há que se notar que um grupo familiar se destaca, primeiro pela organização, ou no caso desta folia que foi fundada pela família Miranda como está exposto na fala dos foliões, em folhinhas confeccionadas, em camisetas, e como pudemos confirmar ao notar a assinatura da maioria dos membros. Há a presença de outros grupos familiares? Sim. Mas há uma família que, como dizem: “pega no chifre do boi”. São aqueles aos quais cabe a organização do ritual anualmente ou quando houver necessidade, como explica o embaixador H. “teve ano de tirar três folia” isto pela necessidade de cumprir promessas feitas por outros grupos familiares, no caso uma promessa individual, uma graça alcançada, mas que se torna pública tanto para a família e grupos familiares de foliões quanto para a família do dono ou dona da promessa que se envolvem durante todos os dias do ritual, antes e depois do mesmo, pois há uma série de elementos a serem organizados como o giro, a forma de cumprir a promessa, as despesas, as doações (as doações no caso, anotar, receber, buscar doações como arroz, feijão, bezerros, porcos, galinhas e outros e ao final gastar na festa de entrega, ou doar aos pobres ou ainda em instituições de caridade). No caso da folia da

Houve certa comoção também no momento da cantoria. O embaixador R. solicita, cantando, a presença dos palhaços da folia. Eles saem do quarto onde estavam, pegam os instrumentos e se juntam ao grupo, entoando o canto,

[...] fica registrado ai ai
Ai lá do céu desceu uma rosa, ai
Os três Reis foi quem falô
Oi pra fazer a retirada
Ai chamo o outro embaixadô ai ai

O filho do capitão H., o também embaixador R., convida quem quer cantar para fazer a fila, sinaliza para o lado da porta do meio da sala próxima ao altar. Até este momento, a bandeira estava virada para os foliões, (a figura dos Santos Reis virada para o lado dos foliões, depois da saída vira-se a bandeira de modo inverso), quando começa a cantar para os presentes ela se vira para o lado de quem a segura, ficando o verso da bandeira voltada para os foliões.

O embaixador entoa os seguintes versos:

TOADA DA SAÍDA

Oi lá de dentro vem saindo oi, ai
Pra receber as bênçãos ai
Da viagem dos Três Reis ei, ai
Ai [...] sobre a imagem de vossos pais
Tá segurando a bandeira esses filhos de Maria [...]
Vós deu pra essa folia ai
Os dois chora[...]
nós cantá causou recordação
Ei ai, lhe causou recordação ei, ai
Ai os Três Reis lhe pede oferta ai
Veja lá o que pode dar ai
Deus vos pague a bela oferta
Os Três Reis recebe e agradece ai
Nesta estrada empoeirada ai...
Outro canto
Lá de dentro vem saindo, e na bandeira vai saindo,
Na bandeira de Nossa Senhora ai e também Nosso Senhor
Os Três Reis lhe pede oferta ai
Não é por precisão
É pra cumprir uma promessa
De um filho da benção ai ai
Deus vos pague a bela oferta [...]
Outro canto
Segura nesta bandeira [...]
Companheiro de folia

região Viradouro já foram feitas todas estas variações, uma vez que isto não depende do capitão e, sim, do dono ou dona da promessa. Assim, já foi beneficiado o asilo da cidade de Nerópolis, a Vila São Catolengo em Trindade e a festa de entrega com o que foi arrecadado.

E também [...]foto ei ai
 Os Três Reis te abençoa
 E te dê o Reino da Glória ai ai
 Deus lhe pague
 Deus lhe pague a oferta que vós fez
 Que vós seja abençoado
 Folião de Santos Reis ai
 Outro canto
 Ai segura nessa bandeira senhora dona da casa
 Abençoa sua morada ei ai
 Segurô essa bandeira foi a família inteira ai ai
 R: Segurô essa bandeira foi a família inteira ei ai, ei ai
 R: ai
 E abençoa a vossa vida ai
 Deus lhe pague a bela oferta ei ai ei ai
 Pelos Três Reis do oriente ai
 Senhora dona da casa ai
 Que bandeira é essa ai
 Dos Três Reis do Oriente ai
 Vai cumprir sua promessa ai
 R: Vai cumprir sua promessa ei ai
 R: ai
 Senhora dona da casa não arrepare o meu cantar
 Leve a bandeira pra porta
 Pra nós podê viajar ei ai

Após esta parte, a bandeira é direcionada para a porta da saída da casa onde se repete o ritual, ou seja, os foliões uniformizados, em fila passam debaixo da bandeira para a saída da residência da dona da promessa. Os convidados passam também por debaixo da bandeira, beijando-a e fazendo o nome do pai. A bandeira estava com a estampa virada de frente para os foliões. Neste ano a bandeira foi feita com pintura em tecido demonstrando a visitação dos Reis Magos a Jesus menino, Maria e José. O palhaço traz a guia⁶³. Neste momento, entrega-se uma folhinha, ou seja, um calendário 2012 personalizado com a seguinte escrita: Folia de Reis da fazenda Viradouro, fundadora: família Miranda, desde 1948.

A folia sai às 12:18, para a zona rural e se dirige a um local distante aproximadamente 15 km onde uma família tem uma promessa de oferecer o almoço à Folia de Reis. Os foliões seguem em fila com seus carros pela cidade de Nerópolis, dirigindo-se para a saída de Anápolis até chegarem a uma estrada de chão. Há muito barro pela frente e algumas estradas bem esburacadas. O tempo é chuvoso, hora chove hora estia. O pessoal da casa do almoço havia sinalizado a estrada com algumas placas escritas “Folia de Reis” com setas, visto que há muitas estradas que se ligam à principal.

⁶³ A bandeira de Santos Reis.

Ao se aproximarem da casa, os carros dos foliões são recebidos com foguetes. Todos chegam e vão se organizando em frente à casa que está organizada com tendas na frente e dois arcos de folhas de bacuri ⁶⁴. Começa a cantoria. Os presentes cantam próximo aos dois arcos. Quando adentram a casa, o dono ou dona da casa beija a bandeira e adentram para a sala, em seguida, os foliões acompanham e vão cantando pedindo bênçãos para aquela pessoa e toda sua família. É interessante ressaltar que conforme a pessoa ou agente social que pega a bandeira, se for criança, jovem, idoso, adulto, o embaixador modifica os versos de modo que os versos não ficam fixos e estáticos.

Ao entardecer, os foliões caminham para a “janta” como dizem. São quinze veículos, pois a folia sai da zona urbana para a zona rural. No local do “pouso”, mais trinta e cinco veículos aguardavam a chegada dos foliões. O tempo estava chuvoso, com muito barro, os foliões chegam em fila e param de frente ao lindo arco enfeitado de flores. E as flores de papel começam a ficar molhadas pela chuva. Quem embaixa a chegada neste “pouso” é o Pe. E. (também efetivo folião desta folia e de outra na região de Ouro verde a qual é de sua inteira responsabilidade, contando também com a presença dos foliões desta folia).

Neste ano de 2011, o padre R. com 95 anos e ainda bem lúcido presenciou o ritual da folia, pois estava hospedado em uma das residências que a folia visitou. Ao ver padres e seminaristas acompanhando a folia concluiu dizendo: “a instituição acolhendo a tradição que bonito, filhinha”.

Ele admira o fato de estarem acompanhando a folia, tanto padres (neste momento estava presente também o Pároco de Damolândia) como seminaristas, a exemplo frater W. S. redentorista, atuando já em eventos de rádio e TV, junto ao Santuário do Divino Pai Eterno, o qual acompanhava esta folia desde a época de sua infância, ministrando terços em momentos solenes como almoço e jantar de folia, na zona rural e urbana. O frater W. S. disse ainda se lembrar do fato de ter participado da folia mirim que circulou na zona urbana na época de sua infância, com o apoio dos pais dos foliões mirins e especialmente Sr. Zé P., hoje falecido, e pai de um atual embaixador e sanfoneiro B. e avô da jovem sanfoneira J., presentes na folia observada.

⁶⁴ Uma espécie de coqueiro que é mais baixo que a guariroba e suas folhas são mais compridas, sempre são usadas em arcos de folia. Antigamente, usava-se muito para cobrir os ranchos feitos próximos às plantações, até mesmo casas.

O canto entoado por padre E., conta a história dos Três Reis que vieram das bandas do Oriente procurando por um repouso.

Prossegue cantando ao dono da casa:

“Boa noite morador não arrepare o meu cantar,
Peço sua permissão pra esse arco nós saudar.
Deus vos salve o belo arco da cidade de Belém.
Deus vos salve os belos arco
Todo feito de folhagem todo enfeitado
Pra esperar a companhia que aqui chega de viagem “[...]”

Percebe-se que os foliões imitam simbolicamente a viagem dos reis magos, enquanto visitam as casas.

Prossegue o padre:

“Deus vos salve a bela fita
E também as lindas flor.
Os Três Reis que abençoa as mãos que lhe enfeitou.
Deus vos salve esta corrente
Que é convite de amizade pra aumentar a cantoria.
A folia aqui chegou
Com os Três Reis na nossa frente
E pedindo permissão pra cortar esta corrente⁶⁵.
Deus vos salve vela acesa⁶⁶ [...]”
Nosso Pai da salvação.
Virgem Mãe Aparecida⁶⁷
Agora os nobres folião de Santos Reis
Estão bem na vossa frente [...].
Deus vos salve o nascimento da criança em Belém.
Salve os Três santos de Deus amém.
Meu nobre morador não arrepare o meu cantar
Pode pegar a bandeira e a imagem entregar.
Passa a imagem entre os folião Nossa Senhora Aparecida
Pra beijar a bela imagem, pois já fizeram a saudação.
O sinal é positivo nos deixa muito contente
Vou parar a cantoria pra vocês tirar os presentes⁶⁸.”

Neste momento, há uma pausa na cantoria para os marongos procurarem os presentes escondidos no arco.

⁶⁵ Corrente feita de papel crepom e que fica amarrada no arco para os foliões cortarem para poder passar.

⁶⁶ A dona da casa estava com uma vela acesa esperando os foliões, debaixo de uma sombrinha protegendo com as mãos o fogo para não apagar.

⁶⁷ Denota-se que Nossa Senhora Aparecida sempre está presente nos terços, jantares, e preces da folia, vez por outra também aparece outros Santos como Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião. Isto vai depender da devoção do dono da casa que recebe a folia naquele momento. Mas os foliões, em especial, são devotos de Nossa Senhora Aparecida uma vez que entoam cânticos em sua homenagem como, por exemplo, a música Nossa Senhora Aparecida de Gino e Geno que é cantada em momentos em que a imagem da santa se faz presente.

⁶⁸ Geralmente, nos almoços e nos pousos, os donos da casa enterram presentes ou mesmo escondem nos mastros algo como bombons, vinho, balas e pirulitos para que os palhaços possam encontrar e repartir com os foliões e com as pessoas que acompanham a folia.

Canta-se em outro arco, mas agora com outro embaixador — o R.. Logo em seguida, adentram a casa e vão direto para o altar, retornando ao Pe. E.. É de costume do Pe. E., quando embaixa, parar a cantoria e ler o evangelho de Matheus, parte que se refere ao nascimento de Jesus. Todos os presentes ouvem atentamente. Então, canta-se em agradecimento ao altar e, em seguida, reza-se o terço. No momento do terço não são todas as pessoas presentes no evento que rezam. Os que estão mais próximos do altar e na área de ligação da casa rezam. As pessoas que estão nas tendas conversam informalmente, sendo que a maioria acompanha as orações feitas na sala da casa.

Após as orações direcionam-se para as tendas. Cantam em volta da mesa agradecendo ao dono e pedindo em forma de cantoria “que ele e a família receba sempre as bênçãos dos Três Reis do Oriente”.

Após a cantoria, organiza-se primeiro os foliões para serem servidos, só depois é que vêm os outros convidados e acompanhantes da folia.

Após o jantar, o agradecimento. Canta-se “Os anjos”; “O Bendito de mesa” e um cântico de agradecimento. O cântico é o seguinte:

“Os anjos, todos os anjos (bis)
Louvemo a Deus para sempre amém (bis)
Fazei-nos Virgem Maria (bis)
Sacrário vivo da Eucaristia “(bis)
(Depois):
“Bendito louvado seja (bis)
É o santíssimo sacramento (bis)

A pedido do dono eles cantam uma música sertaneja antes de servir o jantar.

A música “Franguinho na panela” de composição de Paraíso e Moacyr dos Santos é a escolhida. A maioria das pessoas entoam cantos junto aos foliões e ao som dos instrumentos da folia. Distribuem a letra da canção para os que não a conhecem e, assim, poderem ajudar a cantar.

Havia talheres descartáveis e oito pessoas servindo. De acordo com o pessoal responsável pela cozinha, desde o dia anterior, reuniram-se familiares e amigos para organizar a alimentação para o jantar da folia. Foram armadas três tendas, pois havia ameaça de chuva.

A comida foi bastante farta com o seguinte cardápio: arroz, frango, pelota, macarrão, mandioca, carne cozida, pequi, carne de porco, feijão, feijão tropeiro, guariroba, e foi servido refrigerante.

Houve um momento de pausa para um lanche oferecido pelo dono da casa, formação de rodas de bate papo, afinação dos instrumentos, cumprimentos, pois muitos não se viam há tempos, fazendo daquele um momento de reencontro. Durante os seis dias, nos pequenos intervalos ou pausa para o café, algum lanche, almoço e jantar, houve momentos para conversas, momentos intensos de troca entre os agentes e de aprendizagem para as crianças que, ao observarem o ritual acontecendo vão também participando, cantando ou tocando os instrumentos mais fáceis, como chocalho, pandeiro e caixa.

A participação de Jovens e crianças no ritual

As crianças ora brincam, ora participam de forma séria no ritual. Quando parecem estar cansadas, dão umas voltas retornando em breve. Alguns jovens já estão namorando, namoro que, por sinal, foi iniciado nas relações de amizade por meio do ritual e da convivência amigável. E aos poucos vão constituindo a personalidade dos foliões. Pois, observa-se que quem é folião, apesar de ter suas funções definidas não se prendem somente àquela função.

Quando há a necessidade e se falta alguém ou mesmo em momento de muito cansaço e é necessário o descanso, o folião assume outras posições de cantoria ou mesmo em alguns instrumentos. Assim, observa-se que as crianças o fazem brincando, experimentando dentro de seu nível de interesse e, por vezes, atendem aos pedidos dos mais velhos, principalmente no caso de A. C. embaixadora mirim destacando-se primeiro pelo fato de, desde criança, apresentar liderança perante o grupo de crianças e entre os adultos; segundo por ser do sexo feminino e, nesta folia, constituir-se a primeira “embaixadora” da Folia de Reis da região do Viradouro.

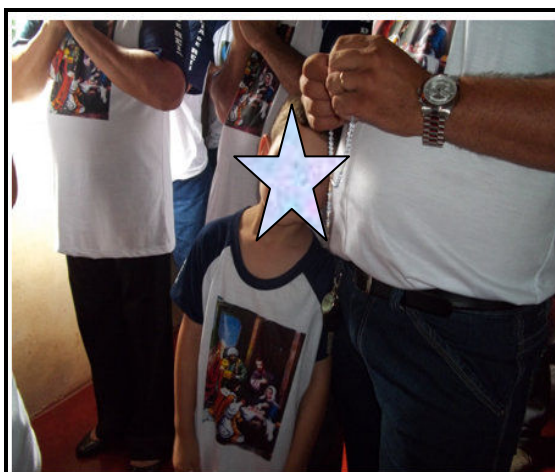


FOTO 32. Reza de terço na saída e a participação das crianças uniformizada. Patrícia Loures



FOTO 33. A pequena aprendiz 8 anos (está sendo preparada pelo pai e avô para embaixar folia) Patrícia Loures

Há crianças, jovens, adultos, idosos. Crianças e jovens que tocam instrumentos e, às vezes, até cantam na resposta, sendo que a neta do folião A. C. por vezes embaixa de uma forma fenomenal. Segura de si, extrovertida, entoa o cântico a Santos Reis, narrando a história do nascimento de Jesus enquanto os foliões, cada um em sua posição de cantoria, respondem à garotinha. Seu pai vai lhe dando alguns sinais, para que a mesma não se esqueça de cantar o verso certo de acordo com a sequência, visto que ela é solicitada para cantar no presépio com 25 versos a serem entoados, e que relatam o nascimento de Jesus. Ao terminar a cantoria, indaguei à garota sobre o quê seu pai lhe dizia rapidamente entre um verso e outro. Ela respondeu que era a ordem dos versos: “Eu sei todos, mas às vezes confundo a hora certa de cantar”. É um momento em que o pai embaixador, o avô que é embaixador, que por sua vez é filho, neto, bisneto de

embaixador percebem emocionados que o saber apreendido em suas vidas está sendo transmitido aos seus descendentes.

Durante um desses momentos de lanche e intervalo, o irmão de A., o garoto C., entoava versos antigos junto a um parente mais velho, filho de folião que, por sua vez, acompanha a folia na condição de auxiliar. Ele oferece sempre sua residência para pousos, encontros, missas com a participação do pessoal da folia, parentes, vizinhos e amigos. O garotinho começa a cantar incentivado por ele. Próximo, há alguns observadores, foliões e visitantes que cantam: “vinte e cinco de dezembro quando o galo deu sinal ai que nasceu o menino Deus, numa noite de natal”. O Sr. parece ensiná-lo e os dois cantam juntos.

A criança erra um verso e o Sr. diz: “olha erreí”, mas o menino diz: “é eu que erreí”. Entre risos, um clima de confiança se instaura entre o que possui o saber e o que aprende no local do ritual, sem hora marcada e talvez sem saber, conscientemente, que está presenciando um momento valioso, solidificando um saber que para eles é tão comum, mas que, a nosso ver, se constitui um fator importante de transmissão de saberes da cultura popular e que merecem ser observados e analisados com maior atenção. As oportunidades de aprendizagem são construídas dessa forma, conforme as necessidades vão se desenhando, se constituindo incluindo momentos de distração e lazer.

Outro exemplo é o garoto J., 12 anos, que no momento de um café durante a folia, recebeu o amigo embaixador-sanfoneiro o qual lhe ensina a lidar com a sanfona. Momento de ensinar e aprender, sem hora marcada, como nos diz Brandão (2007) acerca de seu conceito de educação e que observa-se no processo de aprendizagens sociais. O garoto J., no momento da cantoria da folia, toca a caixa e, sem errar o ritmo da caixa, observa atento como o embaixador-sanfoneiro toca a sanfona no momento da embaixada. No momento do café servido pelo dono da casa aos presentes, foi uma das ocasiões de aprendizagem do garoto.

Atitudes de ensinar e aprender envolvem as crianças, adolescentes e adultos interessados durante o ritual. Ao observar o garoto foi possível perceber sua curiosidade em relação a outros instrumentos como o violão, por exemplo, sendo que os mais simples ele já domina no ritmo da folia.



FOTO 34. O garoto J. 12 anos, enquanto toca a caixa se empolga com a sanfona (parte 1). Patrícia Loures



FOTO 35. O adulto ao perceber dá-lhe atenção (parte 2) Patrícia Loures



FOTO 36. O adulto ensina o garoto aproveitando o interesse do mesmo (parte 3). Patrícia Loures

Adolescentes e crianças participam de forma ativa no ritual. O garoto J., toca a caixa no momento da folia, o ritmo parece estar automático, sem errar nenhum toque

observa atento como se faz para tocar a sanfona. Ele recebe uma “aula” sobre como tocar a sanfona quando, ao notar seu interesse e após o final da cantoria, o “dono do saber” se dirige ao garoto para uma aula de música. O adolescente acompanha a folia junto ao pai, à mãe e à irmã desde que nasceu. Vale ressaltar que eles não são da família Miranda, mas, o pai do adolescente era residente da região rural vizinha, a região do Ranchinho. Atualmente reside em Nova Veneza, na área urbana, é motorista de ônibus em Goiânia, e segundo ele próprio diz: “ah, tento todo ano tirar minhas férias na época da folia”.

Podemos notar que as crianças e adolescentes são incentivados de várias formas, desde um sorriso de aprovação, um elogio, ou mesmo presentes. Nesse sentido, presenciei um momento em que a garotinha A.C. de 8 anos, no ano de 2010, ao acabar de embaixar no presépio, ao final de sua tarefa ganhou de sua tia de terceiro grau uma caixa de som com microfone embrulhado com papel de presente, que lhe foi entregue antes do jantar da folia. A criança recebeu o presente de forma radiante. Vemos este fato como um incentivo aliado a tantos outros como o de seus pais, ou mesmo os olhares de aprovação dos presentes quando participa de modo mais efetivo dos terços, das cantorias, no toque de instrumentos (não esquecendo o fato de que esta garota é membro da quarta geração de foliões, seu bisavô, seu avô, seu pai e agora ela, e ao que nos parece, o irmãozinho também).

Outro exemplo observado foi o fato de o embaixador B., sanfoneiro, filho de embaixador e sanfoneiro ter presenteado o filho de 4 anos com uma pequena sanfona. A criança utiliza este instrumento de brinquedo para imitar o pai em meio a todos da folia, seguindo o mesmo ritual de aprovação e incentivo. São vários exemplos, mas há ainda adolescentes que tocam instrumentos e assumem outras posições no ritual e o acompanham junto aos pais, familiares e amigos desde bem pequenos. Veja-se o relato da esposa de um marongo, entre risos: “meus filho acompanha a folia desde que tava dentro de minha barriga. Acho que eles vão é casar com gente aqui da folia”.



FOTO 37. O brinquedo do filho tem a ver com o ritual (3ª geração de sanfoneiros). Patrícia Loures

Crianças e jovens desde o ventre da mãe acompanham a folia. Notas-se que enquanto uma criança atua de algum modo no ritual estão sempre observando, tanto os adultos quanto as próprias crianças e adolescentes, enfim, todos os presentes, mas o importante é perceber que neste processo de desenvolvimento entre infância, adolescência há um processo de aquisição do *habitus*.

Isto não significa dizer que o filho de embaixador será embaixador, pois percebe-se que há um processo de escolha. Mas temos certeza de um dado que aqui exemplifico: o embaixador, Sr. H., tem quatro filhos, sendo um deles, atualmente, o embaixador mais atuante da folia da região Viradouro, trabalha em uma confeitaria em Goiânia, na área administrativa. Seu irmão mais velho, é mecânico e tem seu próprio negócio, reside na cidade de Nerópolis. O mais velho não atua no ritual, apesar de saber tocar alguns instrumentos e saber também os versos que se canta. Ele acompanha o ritual estando presente em todos os momentos. Suas duas irmãs ocupam um lugar no ritual de cantoria, e também estão presentes o tempo todo. Ajudam de outras formas, na alimentação quando necessário, participam nas rezas durante o percurso da folia, pois há terços e missas. O fato é que tomando frente ou não no ritual, os membros de uma mesma família detém o domínio das formas de funcionamento do ritual.

No momento do ritual, as crianças e os jovens posicionam-se mais atrás, a não ser quando alguém é chamado a vir para a frente, como a pequena embaixadora.

As crianças ora brincam, ora imitam os adultos. A embaixadora mirim com outras crianças brincam com figurinhas no sofá do lado de fora da área, enquanto a folia canta no presépio montado na sala de uma residência.



FOTO 38. A pequena embaixadora de folia em pleno ritual brincando com outras crianças (brincam com figurinhas). Patrícia Loures

Outra participação bem frequente de crianças no ritual é durante os almoços e os jantares. As crianças, normalmente são convidadas para segurar imagens e velas, assim como ocorreu durante o jantar oferecido pelo folião, Sr. Q. Todos os anos ele oferece o jantar no meio do pasto (ele é caminhoneiro e folião de Santos Reis).

A princípio, cumpriu uma promessa de oferecer um jantar em Inhumas, local onde reside. Ele criado na região, assim como seus antepassados e resolveram, ele e a família, organizar um pouso para a folia no meio do pasto, onde são armadas tendas, montada uma cozinha, altar, um verdadeiro acampamento de fé e, ao que nos parece, se tornou tradicional para esta folia. Neste ano houve mais de 400 pessoas durante o jantar. Nesta folia, a imagem mais presente de santas foi a imagem de Nossa Senhora Aparecida, saudada sempre com a música de Gino e Geno destinada a ela. Outra imagem que aparece sempre é a de São Sebastião. Ambos saudados em cantoria feita pelo embaixador.



FOTO 39- Patrícia Loures-Cumprindo uma promessa

Uma das promessas cumpridas nesta folia foi uma promessa feita a Santos Reis para que os embaixadores cantassem com os pés em seus rins enquanto D^a. R. (foto 40) ficava deitada no chão⁶⁹ em sinal de humildade e agradecimento pela graça recebida. Foto anterior. Houve outras promessas, como; carregar a bandeira, ajoelhar em frente à bandeira enquanto o embaixador cantava fazer doações em dinheiro, doação de criações⁷⁰ dentre outras, não esquecendo que, o próprio “tirar a folia” é um ato iniciado normalmente mediante uma promessa.

Em meio ao giro da folia, no ano de 2010, foi observada uma benzeção. A esposa do embaixador, Sr. H., a Sr^a. I. é benzedeira e foi solicitada pela mãe de uma jovem para benzer um “cobreiro”⁷¹. Logo que solicitada, arrumou por ali mesmo uns pedacinhos de carvão e fez algumas orações com alguns gestos e disse que benzeria nos próximos três dias durante o giro da folia. Assim ela o fez, e conforme ela mesma explicou: “a cada dia que a gente benze vai secando”.

⁶⁹ No momento em que a senhora se deitou no chão, a máquina fotográfica estava desligada e havia muitas pessoas dificultando, assim, que conseguíssemos fotografar o momento relatado. Foi a primeira vez que presenciamos um cumprimento de promessa desta natureza. Era noite e tinha sido um dia cansativo, tendo percorrido a pé o giro da região da Serra de Nova Veneza, localizada na região Viradouro.

⁷⁰ Porco, galinha ou gado.

⁷¹ Quando passa algum bichinho, como aranha e saem bolhas de água na pele ficando avermelhada e com coceiras. Segundo a benzedeira Sr^a I. só cura com benzeção.



FOTO 40. Benzeção em plena folia. Patrícia Loures

Dessa forma, a folia vai seguindo seu giro. Nenhum dia é igual ao outro. A cada promessa, a cada reza, a cada embaixada, a cada mesa posta algo que não se pode dizer que é padronizado. Há sempre uma novidade que é percebida e informada a todos os presentes em forma de cantoria. E para perceber as novidades, é preciso estar com os ouvidos bem abertos aos versos entoados, seguindo os ritmos escolhidos, aprendidos, mas sempre renovados. Um bom embaixador canta, em sinal de devoção, os detalhes que vê em sua frente, na pessoa que está com a bandeira recebendo a visita do Oriente com fé, devoção, agradecimento. E o embaixador canta, inclusive, as lágrimas que rolam, endereça-as aos céus e garante pela cantoria que estará junto de Deus.

Um fator importante que foi observado pelo Pe. R. (95anos), diz respeito à instituição e a tradição. No dia seguinte ao jantar, no mesmo local é celebrada a missa. O padre, que é folião de Santos Reis, celebra a Santa Missa, junto aos seminaristas, foliões e demais convidados. A nosso ver é um elemento a mais, agregado a esta manifestação cultural. Uma mistura do erudito com o popular.



FOTO 41. Entrega da folia embaixada pelo Pe. E.Patrícia Loures

Folia de Coroa

De acordo com o Sr. A., 62 anos, e conforme ele ouviu de seus antepassados, esta folia acontece na região de Nova Veneza desde 1953. Nessa data vieram da região rural de “Lagoa Formosa”, Patos de Minas – MG. Segundo ele:

Oh minha filha essa folia já tem aqui com nós uma temporada grade viu. Oh eu vô falar. Ela vem nem sei como é que fala do meu tataravô. Depois passo pro meu bisavô. Depois por avô e depois pro pai e agora tá com nós. É promessa dos antigo de sai com essa folia de coroa. Tinha um minino de nossa família que quase morreu. Hoje vamo supô que era um tipo dum sarampo. Naquele tempo não tinha recurso e os mais véio fez a promessa e dizem que o minino sarô. E o voto era de coroa por isso pra podê nunca acabá.

A saída da folia ocorreu pela manhã do dia 09 de janeiro de 2010, na zona urbana, saindo da residência do dono da Coroa. Os fogos anunciaram a saída da folia. Houve o terço e depois foi servido um café da manhã aos presentes. Houve a fala do dono da coroa deste ano, sendo que o Sr. A. agradeceu emocionado a todos os presentes e a Deus por mais um ano da saída desta folia de Santos Reis. Contou-se tanto com a presença dos foliões quanto de familiares amigos, dentre crianças, jovens, adultos e pessoas de mais idade.



FOTO 42. Coroação do festeiro da Folia de Coroa 2010. Patrícia Loures.

Este ritual é continuidade de uma promessa feita pelos antepassados, afro-descendentes. Anteriormente, este ritual era realizado em Minas Gerais na zona rural. Só depois da vinda do grupo familiar para Goiás, cidade de Nova Veneza, é que se continuou com o ritual aqui. Observamos, então, que há o grupo familiar, donos da herança da promessa, e que, por sua vez, não detêm os saberes técnicos da folia, mas as formas de prevalecerem com um ritual diferenciado daquele da coroação dos festeiros, entre os membros da família a pedido do bisavô já falecido.

Nota-se a existência de dois grupos. Os ligados à família da antiga promessa e os foliões possuidores das técnicas de como tirar uma folia que também são descendentes do grupo que ajudavam os antepassados donos da promessa. Dito de outro modo, há, então, dois grupos que em seio meio guardam os saberes necessários para tirarem juntos a folia. Um tem como herança o compromisso de fazer o ritual e o segundo grupo tem o compromisso de auxiliar o primeiro grupo, pois, sem eles, não haveria como seguir com o ritual “os foliões” amigos e compadres que não pertencem ao grupo sanguíneo da promessa em si.

Sempre observamos a presença de crianças no ritual, a exemplo na chegada do ano de 2010, foram confeccionadas camisetas personalizadas e as crianças é que receberam a chegada da folia. Mas, diferentemente da folia do Viradouro circulando no ritual, não foi observada nenhuma criança sendo preparada metodicamente nos dias do giro. Neste ritual, o Sr. J. Lv é que escolhe e prepara os que querem aprender. Nesse sentido, quem o procura demonstrando seriedade em aprender é aceito como folião do grupo, pois ele prima pela ordem. Como ele mesmo diz: “na nossa folia tem que ter

respeito, se não tivé pode chegá um dia das pessoa não querê recebê nós. E por onde nós anda nós é sempre bem recebido”.

Na saída, os foliões passam debaixo da bandeira. O ritual prossegue por mais duas casas completando o total de três casas. Segundo o capitão, o Sr. J. Lv.: “é seguido o preceito dos antigos”. “Logo, o capitão convoca todos para seguirem para a zona rural e avisa aos membros da folia de nossa presença entre eles dizendo: a menina da entrevista vai andá com nós, ela qué escreve sobre a nossa folia”.

Neste dia, a prefeitura enviou um transporte para levar os foliões até a zona rural, regiões Souza e São José. A bandeira foi enrolada e colocada no carro da frente para seguir viagem. Seguiram-se dois veículos da prefeitura e um carro particular. Na combi em que estava a pesquisadora todos os membros eram descendentes da promessa. Nas mãos de uma familiar havia duas imagens de Nossa Senhora do Carmo que foram doadas pela professora Judith Maria Stival no total de 12 para presentear as famílias que doaram almoço e jantar para a folia. Assim, cada residência que forneceu almoço e jantar teria como símbolo uma imagem da santa.

O giro da folia na região São José foi o mesmo da reza para as almas no tempo da quaresma no ano passado, no dia em que o grupo de rezadores para as almas circularam na zona rural (detalhe, os agentes sociais eram outros, mas as casas visitadas foram as mesmas).

Os versos são cantados nas residências e vão se modificando conforme o embaixador vê algo diferente (especifica se for um casal, ou uma pessoa só, ou se tem um santo próximo por isso as cantorias nunca são as mesmas).

Versos Sr. T.
Ô de casa nobre gente
Escuta e ouvirei ai ai
Oi lá pra banda do Oriente
São visita dos três Reis ai ai
Resposta : são visita dos três Reis ai ai
Requinta: ai
Da raiz nasceu a rama
Da rama nasceu a flor
E da flor nasceu Maria
E de Maria o Salvador ai ai
Resposta: oi de Maria o Salvador ai ai
Requinta: ai

Em uma casa em frente ao presépio, o embaixador canta, o Sr. T. O problema é que se nem sempre entendemos exatamente tudo que é cantado, um simples olhar para o lado e perdemos uma palavra ou mesmo um verso.

No momento de ajoelhar, o sanfoneiro e o caixeiro não ajoelharam, para não atrapalhar o ritmo dos toques. Na sequência, o embaixador segue cantando, pedindo bênçãos para a família conforme cada um vai segurando a bandeira. Recebem as ofertas enquanto cantam, depois se despedem e vão seguindo o giro. A folia segue cantando, visitando as residências até a hora do almoço. Basicamente, os rituais de folia seguem parecidos, porém não iguais.

Quando chega o momento do almoço, por exemplo, os marongos desta folia de “Coroa” se posicionam diferentemente da folia Viradouro. Aqui, sempre no momento da cantoria, fica um na frente perto da bandeira e outro atrás. Quando tem arco durante o almoço e o jantar, eles ficam na frente da folia semelhante a dois policiais vigiando. Quando a folia canta e passa, eles ficam a postos. E quando perguntados sobre o porquê de ser portarem dessa forma, os dois jovens marongos responderam: “foi o Sr. J. Lv, que ensinou assim”.

Entende-se a figura de Sr. J. Lv como um mestre, “capitão” que cuida à risca pela ordem da folia e chama atenção quando algo não está do seu agrado. A exemplo, em um dos dias em que a folia foi cumprir uma promessa de uma professora da rede municipal de Goiânia, residente na zona rural de Ouro Verde (promessa de doar um jantar a uma folia de Santos Reis), houve um episódio que demonstra o cuidado em não deixar, por exemplo, bebidas alcoólicas circularem na folia. Neste dia, o ônibus escolar da prefeitura estava à disposição e, ao entrarem, alguns garotos sem autorização dos pais queriam entrar no veículo e o capitão não permitiu. Logo em seguida, um rapaz que parecia ter “bebido” e estava com pinga no bolso queria adentrar o veículo, e isso não lhe foi permitido.

Além de ensinar os preceitos básicos dos antigos, como versos e costumes como “não passar a bandeira debaixo de arame ou para não cruzar a bandeira a enrola para poder passar”, o capitão ainda cuida da disciplina da folia. Segundo os dois palhaços “adolescentes”, o Sr. J. Lv. lhes ensinou os versos, o modo do marongo se comportar e que se fossem palhaços por um ano, deveriam seguir a função por sete anos e, desse modo, estão cumprindo.

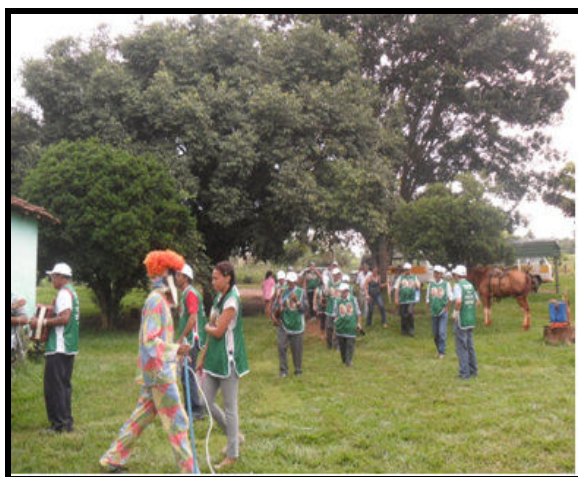


FOTO 43. Folia de Coroa em visitação na zona rural. Patrícia Loures

Foram cumpridas promessas de doar dinheiro, carregar bandeira, doar almoço e jantar. Houve uma promessa semelhante à outra presenciada por nós na região de Viradouro. Um senhor prometeu, por motivo de saúde, doar um almoço para esta folia em particular. A promessa foi cumprida da seguinte forma: quando a folia estava próxima de sua casa, ele se deitou no chão (já havia sido explicado ao capitão que tinha que cumprir o voto deste modo) e o embaixador cantou com os pés em cima de seu corpo. O dono da promessa, agradecido e emocionado após a cantoria levantou-se e se pôs a embaixar junto com a folia. Momento de comoção quando lágrimas rolam. Outras pessoas que assistiram ao cumprimento da promessa também se comoveram.

Neste dia, a garotinha 8 anos que vê-se na foto 44 ,demonstrou bem como é incorporado o *Habitus*. Uns três foliões se adiantaram na frente do alfer, por um desses trieiros de meio de pasto. Havia barro e algumas pessoas contornavam o barro quando a garotinha gritou literalmente: “Seu João! Pode passar na frente da bandeira?”. Entre risos, Seu João corrigiu-os a tempo e todos se posicionaram atrás do alfer. Nas outras duas folias, como cita Canezim e Silva (1983), não há alfer específico, podendo ser qualquer um que se prontifique ou quem cumpre voto. Nesta sim, há um alfer que atua há mais de 20 anos neste encargo. Só entrega a função à outra pessoa em ocasião de cumprir promessa.



FOTO 44. Giro na região de Ouro Verde para cumprir uma promessa. Patrícia Loures

Nesta folia houve doações de criações, como: porco, galinha, gado, cereais, mantimentos e dinheiro que são todos revertidos para a festa do último dia no clube recreativo de Nova Veneza com participação aberta a toda comunidade. Nesse momento é feita a coroação do novo Rei e da nova Rainha que vão tomar conta da folia e de todos os detalhes para o ano próximo. Foram coroados o rei e a rainha da mesma família e os foliões serão os mesmos deste ano como ocorre desde o início desta folia aqui no município.

Da saída até a entrega foram seis dias. Tendo acontecido seis almoços e seis jantares. O cardápio é variado, mas segue basicamente um padrão. O banquete é composto sobre uma grande mesa geralmente improvisada por táboas e servidas em grandes bacias e ou grandes panelas. Há muita fartura. Um dos cardápios contava com: arroz, feijão, macarrão com carne moída, carne com mandioca, frango com batata, guariroba, salada de alface e couve, frango frito, angu de milho verde, salada de macarrão, frango ao molho e refrigerante. Há residências em que as cozinheiras e cozinheiros servem. Já outras preferem que o pessoal se sirva. Nesta folia, costuma-se falar versos inventados para alegrar o pessoal em volta da mesa. Os foliões se assemelham a repentistas criando versos que são trocados entre eles para alegria dos presentes que aplaudem aos risos.

A entrega torna-se uma solenidade. Muita gente aguarda ansiosa a chegada da folia no Clube Recreativo de Nova Veneza. Há arcos de folhas de bacuri. Enfeites como flores e balões com balinhas para os palhaços estourarem. Lá dentro do salão outro arco, o altar. E na entrada mesa, para o último banquete e ao final, após o jantar, o momento esperado: a solenidade de coroação dos festeiros do próximo ano.

Há ainda o terço cantado ao final de cada jantar da folia. Após a chegada, a cantoria, o agradecimento de mesa (como no almoço) e, por fim, o terço cantado pelo Sr. V. que afirma ter aprendido com sua mãe o modo de rezar incorporando a seu modo os gestos rituais que faz ao final da reza, invocando a proteção de Deus e de todos os santos para proteção de todos. Sua mãe era rezadeira e seu pai folião que tirava esta mesma folia ajudando seus amigos. Inclusive, há registros de versos antigos escritos por seu pai em um caderno que fui autorizados a manusear.

Boa parte dos saberes desta folia, de acordo com o Sr. J. Lv, veio dos antigos, e mais recentemente, ganhou um livro a partir do qual aprimorou o que já sabia. Segundo ele: “Quando ganhei esse livro levei lá no Zé Pedro e nós lemos ele. Só achamos um erro nele, sobre a data certa da gravidez de Nossa Senhora. A conta que tá no livro nós não concorda, mas o resto ele tá certinho. O Zé Pedro gostô muito dele.”

Observa-se neste ritual que as aprendizagens em grupo provocam experiências individuais ao nosso ver valiosas pois as percebemos em movimento em tempo de rituais como este. Momento em que a família, amigos, vizinhos, compadres se reúnem para cumprirem em coletivo um compromisso assumido com quem não se encontra mais entre eles e o representante maior é o sagrado.



FOTO 45. Entrega da Folia de Coroa (Folia de Reis, detalhe- coroa confeccionada por uma benzedeira D^a J.). Patrícia Loures

Por fim, gostaríamos de relatar um episódio que, dentre tantos, nos causou “reflexão”. Dentre os embaixadores havia o Sr. G., 58 anos, morador antigo de Nova Veneza (residente na periferia de Goiânia), embaixador exemplar. É um dos descendentes dos antigos foliões desta folia. Seus versos costumam tocar fundo quem

segura na bandeira aguardando a cantoria e as bênçãos dos Três Reis. Ao cantar para a pesquisadora afirmou, em cantoria, “que São José e Santa Maria estavam satisfeitos com o presente trabalho, que vós faz com alegria”. Enfim, quando ele nos informou que possuía uns versos escritos e da possibilidade de se ter acesso a eles, logo combinamos que, no último dia quando viesse à capital, o levaríamos a sua residência e pegaríamos o material para auxiliar na compreensão da pesquisa.

Ao chegar a sua residência qual não foi nossa surpresa ao notar sua organização. Uma pasta catálogo com versos escritos em letras de forma, contendo os versos de uma folia desde a saída até o final. Havia também uma cópia do livrinho de Sr J. Lv e partes antigas manuscritas de versos de folia muito antigos, segundo ele de um tio. Esse material estava organizado de forma sequencial, orientador para o processo de formação do ofício de embaixador. Ao final da pasta há um diploma de folião. E mais, sem estar no plástico da pasta, mas dentro dela, um livro recentemente publicado sobre folia pela PUC-GO. Enquanto olhávamos cuidadosamente esta pasta, e percebíamos a riqueza do material, o parabenizei pela organização e indagamos se a letra de forma era dele. Ele nos respondeu pensativo: “Não filha, eu não sei ler nem escrever foi minha sobrinha que escreveu pra mim. Eu fui dizendo e ela escrevendo e quando eu quero recordar ela lê para mim”.

Fiquei sem palavras. Nem sei se tenho “palavras para descrever o que vi e senti a respeito”, pois, dentre os foliões da referida folia é o embaixador que possui mais experiência e de modo nenhum se embaraça ao compor versos na hora da necessidade. Isto ele comprovou cantando por mais de uma hora durante um desses jantares de folia. Durante um desses momentos, o dono da casa colocou três arcos com presentes e enfeites (sendo todos cantados detalhadamente por este embaixador) e, ao final, até chegar ao presépio uma estrela que saía da porta da sala numa linha de anzol e vagorosamente era puxada pelos moradores da casa até o presépio. Foi um dos dias inesquecíveis desta observação, principalmente depois do episódio da pasta catálogo.

Folia de São Sebastião

Esta é uma folia que foi “salva da extinção” porque o grupo de foliões se uniu e resolveu prosseguir. Decidindo que sozinhos não conseguiriam, visto que “o dono” da

promessa e capitão da folia já havida falecido, resolveram procurar um líder e nesse caso “uma líder”. Pessoa religiosa, mãe de família, cabeleireira e interessante ressaltar é que segundo seu relato, ela não tinha “experiência com folia”. Mas, certamente, uma pessoa que inspira confiança no grupo. Todos os dias, antes de sair para o giro, os foliões se reúnem em sua residência. Tomam café e saem para a jornada. Então, desse modo, o grupo de foliões resolve manter a folia e escolhe uma líder do sexo feminino que é responsável por organizar o rito, o uniforme, instrumentos.

Ao observar esse ritual percebemos no grupo a necessidade de mantê-lo como aglutinador dos familiares e amigos da mesma folia. Os atuais membros são descendentes dos antigos tiradores desta folia e não são do grupo familiar do antigo dono da promessa.



FOTO 46. Foliões de São Sebastião e a capitã do grupo.Patricia Loures

Esta folia mostra um dado importante para analisar: a constituição do habitus individual, incorporado a cada agente e, portanto, ao grupo, frente à possibilidade da extinção de um ritual, que serviu de aprendizagens diversas para os agentes deste grupo. Nota-se a negação dessa extinção, quando os agentes se mobilizam em função da permanência do ritual. E mais, existe a necessidade de um líder que anteriormente era personificado no “Sr. J., dono da promessa”, falecido. Seu lugar ficou “vago” e imprimiu-se a necessidade de ser preenchido por um líder. Nesse caso, a “vaga” foi ocupada por uma liderança feminina que abraçou a causa e acompanha a folia há dois anos. O *Habitus* incorporado segue com a necessidade que os agentes têm de fazer com que ele seja mantido perante um acordo geral compartilhado pelo grupo. Sem um líder o grupo dificilmente continuaria.



FOTO 47. Momento de devoção e a presença de crianças junto aos familiares. Patrícia Loures



FOTO 48. Terço na folia de São Sebastião. As crianças hora brincam hora imitam os adultos. Patrícia Loures

Ela segue um ritual bem parecido com o da folia de Reis. Há, no entanto, uma ressalva: na folia de São Sebastião não há palhaços. Esta segue os seis dias, visitando as casas, contando com seis almoços e seis jantares que podem ser por promessas ou pedidos anteriormente pela agora “capitã” da folia. É ela a responsável por organizar desde o uniforme, enfeite de instrumentos, o giro e também o transporte junto à prefeitura municipal quando necessário. Fora esses detalhes, a folia de São Sebastião segue o ritual normal de qualquer folia. A saída. As visitas cantadas aos moradores, que podem ser da zona rural ou urbana, os almoços, os jantares (os agradecimentos de mesa) e a entrega. Os terços durante os jantares (terços normais, reza-se e entre os mistérios há cânticos). Os instrumentos desse grupo são em sua maioria emprestados e são

basicamente os mesmos das outras duas folias observadas. O que é arrecadado é entregue agora na creche da cidade.

Sobre a promessa. De acordo com o Sr. D., descendente dos tiradores antigos desta mesma folia, o voto de Sr. J. aconteceu da seguinte maneira:

Ele era expedicionário do exercito. Ele fez esse voto porque ficou doente lá no exercito e ele sarou com a graça de São Sebastião. Ele era benzedor também. Benzia de tudo. Era muito devoto de São Sebastião. Essa folia não girava 6 dias. Ela girava era 10 dias e entregava em Trindade na Vila São Catolengo. Ela tem uns 40 ano que gira aqui.

Versos cantados em visitas às casas:

Deus vos salve o nascimento
De uma criança em Milão
Recebeu em seu batismo o nome de São Sebastião
Ele pregava o evangelho
Sempre onde trabalhava
Os prisioneiroque se ouviam
O jeito dele agir mudava
Por trazer o evangelho
Ele foi martirizado [...]
Com flechas foi perfurado
E morreu sem piedade
Aquele jovem por Cristo foi lembrado [...]
O mártir São Sebastião [...]

Um dos foliões, o Sr. D. justifica:

Nós não podia deixá essa folia acabá. Tem muita gente pra cumpri promessa. Gente pra carregá bandeira. Gente precisano dá um almoço ou uma janta. E todo ano nós tirava. Ela não podia acabá não. O voto do Sr. J. tá cumprido. Mas a folia de São Sebastião se Deus quisé e a M. ajudá nós ela vai continuá.

Uma tradição instituída entre o grupo e que o grupo decide e encontra meios de não deixá-la acabar. Entende-se que a folia acabou criando laços fortes em que o motivo inicial, a promessa cumprida, não foi o motivo de seu fim, mas tornou-se o motivo de um novo recomeço e uma nova reconfiguração. O que fazer com os saberes pertencentes ao ritual? Os cânticos, o giro anual, os encontros entre familiares, amigos e o sentido de todos os símbolos? E as promessas? Diferentemente da congada extinta, esse grupo de foliões segue o que Sr. J. se propôs a fazer há muitos anos durante um momento de aflição.

Memórias da Congada⁷²

Ao entrevistar um folião de Santos Reis para a presente pesquisa nos deparamos com um “ex-congadeiro”, que relembrou partes do que presenciou quando ainda no município pesquisado existiu a Congada. Percebemos então que elementos importantes guardados na memória do grupo a nosso ver mereciam ser registrados.

O interessante é notar que, como aluna, tenho toda uma vida escolar no município e, mesmo depois, como professora da rede estadual e atuando em diversas escolas não se ouviu falar deste fato dentro da escola. Convém dizer que na comunidade também não há registros sobre a Congada, a não ser alguns relatos feitos por grupos distintos partícipes de outras manifestações populares e que também lembram deste ritual. Mas, ao realizar a tentativa de rememorar esta manifestação cultural observou-se que o grupo de descendentes da Congada a guarda na memória, demonstrando, inclusive, em momentos de comoção, risos, pensamentos longínquos como se pensassem algo que não poderiam dizer, mas apenas expressar.

Na escola, temas como Congada e outros afins eram trabalhados como elementos do folclore que ocorrem e ocorriam em municípios distantes, incluindo até mesmo outros Estados, mas jamais citou-se o fato de ter havido no município um grupo que, em tempos passados, havia praticado o ritual. O que nos demonstra uma falha muitas vezes dos educadores e, nos incluímos nesse caso, de estarmos imersos em “tantas exigências” e a preocupação de cumpri-las, mas também parece haver algo que nos impede de observar o que há e o que houve fora dos muros da escola.

Para Pereira e Gomes (2002), em linhas gerais, o Congado se organiza a partir da fundamentação mítica que implica o culto aos preceitos revelados na aparição de Nossa Senhora do Rosário, na recordação dos antepassados e na honraria aos santos protetores Benedito e Efigênia e da encenação sacra que inclui a coroação de reis perpétuos e reis festeiros, a eleição de juizes e juízas, iniciação de capitães, a realização de cortejos, o cumprimento de promessas e o oferecimento de refeições coletivas. Esta segunda parte é constituída a partir da orientação hierárquica da primeira e funciona como um conjunto ritual que permite aos devotos reatualizarem os conteúdos das heranças míticas.

⁷² Este ritual insere-se nesta sessão devido a informação do Sr. V. que ao nos explicar disse que: “a Congada era tipo duma folia”.

E no caso observado, o ritual mesmo na sua extinção ainda guarda na memória do grupo “resquícios” valiosos para nossa pesquisa. A herança subsiste na memória do grupo.

O Sr.V., 63⁷³ anos, relata que veio de Minas Gerais da cidade de Itapeçerica, fazenda Cachoeira do Barro⁷⁴ no ano de 1952 junto com sua família. Em seu relato podemos observar partes da história que foi contada por seus parentes e que ficou na memória coletiva dos agentes como adverte:

Nós veio de Minas e mudo pra Cachoera⁷⁵. Veio pra trabalhá. No Estado de Minas era muito difícil. Aqui era melhor. Os mais véio foi vino de Minas pra cá. As lavora não tava dano mais nada lá. Só tava teno panha do café. E aqui era melhor. O povo foi caçano miora.

Sobre a congada afirma,

Uai a congada era assim. Tinha os bloco. Gastava muita gente pra fazê a festa. Aqui nós fazia era três dia de festa. Rezava o terço todo dia. Marcava mais perto do fim de semana que dava perto do dia de Nossa Senhora do Rosário. Saia na cidade porque as vez tinha gente que tinha algum voto pra cumpri de dá um armoço, um café pra turma. Tinha o Vilão, o Catupé, o Marinheiro e o Moçambique. Saia cantano nas casa e depois subia na rua da Igrejinha⁷⁶. Tinha o Moçambique que era o meu pai que tomava conta. Tinha o Catupé era o Zé Borge. Tinha o Marinheiro era do Novaes. Tinha o Vilão que do Zé Barba. Cada um desse era um terno separado. Mas dançava em filera sabe. Cada um dançava de um jeito, não era tudo igual não. Foi tudo acabano, os mais véio morreu, os mais novo não continuô, foi acabano tudo. Essa cantiga da Congada como dizia meu pai veio da Angola né. Nós fazia essas dança era em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. O pai ganho a Nossa Senhora do Rosário. Quem tomava conta da santa era o Tõerezadô. A dona Sebastiana e o Tõ Mané trouxe de Minas para o pai. Essa image fico na Igrejinha. Nem sei se ainda tá lá. A festa sempre era dia quinze de agosto. O Moçambique, o Vilão, o Marinheiro, o Catupé terminava tudo numa festa só. Era tudo de festa de rua. Ai comparação, tinha o festero. Fazia o giro na rua aí tinha o armoço, visitava alguma casa as vez tinha algum voto pa compri. Tinha o festero e a festeria. O armoço era pra todo mundo que quisesse ir. Era tudo festa de rua. Tinha o juiz, o juizado que era a parte do Vilão. Tinha as moça e os rapaz. Cada rapaz tinha a moça. Saia junto com sombrinha aberta. Era o enfeite de rua da dança do Vilão. Quantos quisesse participá podia ir. Os tocado tocava sanfona, violão e caixa, essas caixa de batê em folia. Cantava várias toada. O Moçambique tinha o quadro dentro do quadro ia a rainha da Nossa Senhora do Rosário carregando a bandeira da Santa, a rainha e o rei. a rainha Conga e o rei Congo. O Mocambique na frente cantano e dançano. O Catupé ele usava uma caixa, uma sanfoninha pé de bode oito baixo e o tamburi, um tamborzim, batia com o pau. Ele que marcava a toada do terno. O Marinheiro esse fazia aula uma do lado da otra e ia cantano na frente e os otro ia atrás respondeno Aquilo era um baruião danado [...] Os mais véio falava que essas coisa veio da Angola. Os mais véio foi tudo nascido em Minas, aí

⁷³ Trabalha atualmente como coveiro do cemitério local.

⁷⁴ Afirma pensativo: “nós ainda tem parente lá, mas eu mesmo nunca vortei pra conhecê, eu vim de lá ainda piqueno, divia de tê uns dez ano”. A região rural Cachoeira do Barro a que se refere é Minas Gerais.

⁷⁵ Região rural da Cachoeira em Nova Veneza.

⁷⁶ Capela de Nossa Senhora Aparecida.

veio da descendência do povo da África, das senzalas. O meu pai podia sê quem fosse tratava todo mundo de senhor e senhora. Eu lembro dele falá “a senhora tá boa?” Foto nós não tem. O que sobro comigo foi dois bastão. Uma caixa que tá emprestada com o padre E. pra ele tirá folia. Ele queria me comprá ela e eu falei que ele podia usá que era pra folia mas aquela caixa não tem preço que paga. No tempo do Oswaldo Stival prefeito ele procuro nós pra continuá a tradição ai os mais novo não quis.

O Sr. V. se recorda de algumas músicas

MARINHEIRO

Capitão : O que beleza -duas vezes

Resposta: idem- três vezes

E acrescenta :O povo de Nova Veneza⁷⁷

MOSSAMBIQUE

Capitão: lá no céu tem uma estrela, uma estrela de Maria

Ela alumina o mundo inteiro

Ela é a nossa guia (A resposta repete)

Ele prossegue detalhando alguns elementos:

Tambori do capitão é um instrumento, uma caixa, Poe caeté(frutinha do mato, bolinha durinha) dentro dele. Quem tocava esse instrumento era o pai do Deusmar.Os Moçambique finado Cesário que era o capitão general da festa era uma saia (os homem vestia) e nas perna os choquaio pra fazer um baruido e um lenço amarrado na cabeça. Tinha as sombrinha. Do terno Marinheiro Novaes. Era uns adufzinho tamburi, batia no começo e dava aquele som e os adufe e os outro acompanhava. Calça azul e camisa e amarela e uns lenço ramado de vermeio no pescoço;O Vilão, do Zé barba. Era a camisa branca e calça preta e eles dançava com umas varinha toda enfeitada de fita. Tinha o sanfoneiro e os caixeiro ia dançano na rua.O Benedito Bernardo tinha o Catupé. O capitão geral era o finado Zé Borgim. Era uma roupa normal não era pariada não. Tinha um lenço branco no pescoço.A festa começava dia 13 de agosto e terminava dia 15. Era Nossa Senhora do Rosário. O ultimo dia era assimPrimeiro o Vilão. Depois o Catupe’. Marinheiro e por Moçambique. O rei e a rainha congo, ficava no ultimo atrás. Eles fazia uma aula(ala). Ai encerrava assim levantava o mastro da Nossa Senhora do Rosário e tinha a missa. No mais tinha almoço e janta como na folia.Arrecadava o dinheiro pra fazer as despesa. Sempre trocava os uniforme e tinha otras despesa.O primeiro ano que fez a festa foi quando Nova Veneza foi emancipada. Ela veio de Minas que nosso povo veio pra trabaiá. O João Batista Stival e o Antonio Roldão de Leles ajudo e patrocino a festa. Era bonito demais.

A irmã do Sr. V., a Sr^a M. como podemos notar na foto a seguir, nos mostra dois bastões utilizados na Congada. Segundo ela são objetos sagrados e que não é qualquer um que pode tocar. De acordo com seu relato, seu pai dizia:

Se tiver uma briga e alguém pegar o bastão e bater na outra pessoa, passado um tempo essa pessoa morre, em menos de um ano. E se jogar eles na água eles vira uma cobra. Eles é bento. Quem benzeu eles já morreu. De lá onde eles foi benzido

⁷⁷ Observa-se que a composição da canção inclui a localidade geográfica.

ele dava o sinal aqui po pai já podê sai com a Congada. Tinha um vidro de pinga com raiz que todos tomava um pouquinho antes de saí. Tinha muita coisa, com nós só sobre os bastão. O pai tinha umas oração guardada mas não sei onde foi pará.”. (Depoimento Sr^a M.).

Os entrevistados são descendentes do terno do Moçambique que nos permite visualizar elementos importantes acerca do ritual apresentado.

A memória, então, funciona como um substrato na construção identitária.

E, no caso da congada, percebe-se bem estas diferenças, ou seja, a sua extinção. Porém, ainda é visível o reconhecimento da identidade do grupo, principalmente quando alguém na comunidade os identifica como os descendentes da congada, “os filhos do Cesário”.



FOTO 49. Sr^a M e os bastões da congada. Patrícia Loures

[...] Personagens e lendas se misturam. A lenda substitui gascões pelos sarracenos, já pela existência da velhacontenta entre mouros e cristãos, ela inventou a infrangível amizade entre Rolando e Oliveiros ela nos traz Fier-à-bras, herói sarraceno de uma canção de gesta do século XII, dando-nos Ferrabrás, filho do Almirante Balão e rei de Alexandria ; ela nos coloca a cavaleiro que se apaixonou pela filha do emir, a bela Floripes – o valoroso Gui de Borgonha . e este Reginer? Será Reginaldo ou será reginense, povo antigo de Espanha? E a nossa Congada veio de lá, passou pela Espanhae Portugal e um dia, certamente os jesuítas, amantes do teatro coligiram fragmentos e recompuseram, criando uma peça de teatro popular para conversão, agora não de mouros, mas dos filhos do ábrego continenteque para o Brasil vieram na mais dura condição humana – a de escravos, destituídos do muito que possuíam em África- a liberdade. (ARAÚJO, 1964, p. 218-219)

Em meio às construções do cotidiano encontramos personagens e lendas que se misturam. Os bastões, nesse sentido, tornam-se objetos sagrados a partir dos quais diversas criações posteriores vão sendo acrescentadas ao longo do tempo. A congada, enquanto memória, guarda fragmentos que possibilitam a visualização de como era constituído o ritual com seus personagens que a própria memória diz: “veio da África”.



FOTO 50. Sr. V. ex congadeiro e folião de Santos Reis. Patrícia Loures

Por isso a memória individual necessita do grupo para que se construa uma espécie de reconstituição, [...] memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. (HALBWACHS, 2006, p. 72). Desse modo, entendemos que a memória da Congada de Nova Veneza Goiás extinta em sua forma de expressão continua na memória dos descendentes do grupo de forma viva.

O quadro III registra os principais marcadores culturais de acordo com a natureza das folias e congada.

QUADRO III- DEMONSTRATIVO DAS FOLIAS E CONGADA SEGUNDO OS MARCADORES CULTURAIS⁷⁸ (Indicadores)

INDICADORES	FOLIA DE REIS REGIÃO VIRADOURO	FOLIA DE COROA	FOLIA DE SÃO SEBASTIÃO	CONGADA (memória)
1. Tempo de realização do ritual	64 anos	59 anos	Em média 40 anos	Não foram encontrados dados do tempo de realização do ritual.
2. Existência de saberes legítimos	Origina-se por meio de Promessa. Contém um sistema amplo de saberes. A cada observação descobrem-se mais detalhes antes não vistos formando uma espécie de ritual anual maior que comporta uma série de mini rituais ligados ao catolicismo popular. Modo da saída; chegada em almoço e jantar; modos diferenciados em cada embaixada (a resposta, a requinta, os instrumentos) a exemplo em frente a um presépio, a uma família, a uma pessoa enferma; em frente a um arco, fitas, santos, velas acesas, saberes específicos para o giro, carregar bandeira e uma infinidade de detalhes que são necessários ao giro de 6 dias.	Por meio da promessa de um antepassado afrodescendente de Minas Gerais a respeito da cura de uma criança os descendentes cumprem a promessa de tirar a folia de Santos Reis coroando os responsáveis pela folia no ano vindouro. Sabendo-se que a coroa tem que ficar com membros da família ou se for a um membro próximo da família há que se ter um familiar acompanhando, pois, assim disse a promessa. Os ritos da folia e os saberes são parecidos, mas, foram observadas variações.	Por meio da promessa, de amigos dos foliões continuam cumprindo o ritual mesmo após seu falecimento. A folia de São Sebastião é bem parecida com as folias de Santos Reis, porém não há palhaços e os versos falam sobre São Sebastião. Também comporta mini rituais por meio do cumprimento de promessas como carregar bandeira, embaixador cantar para o devoto deitado no chão.	Saberes típicos para a realização da congada: roupas, instrumentos, crenças (fê) bastões e outros, danças, adereços, cânticos e versos, imagens. Organização do giro, saída, visitas, entrega.
3. sistema de crenças e demandas.	Crença coletiva com participantes tanto da zona rural como urbana no poder da	Crença compartilhada com a comunidade no poder de Santos Reis em ajudar as pessoas	Crença coletiva de que o ritual não pode ser extinto, devido a devoção ao santo e também no	Crença coletiva nas bênçãos de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário ligada a amigos e

⁷⁸ Como está exposto no inventário, optou-se por relatar a memória da Congada visto que esta foi definida pelo entrevistado como “um tipo de folia”. E quanto ao fato da extinção da mesma se dá, a nosso ver, pela falta de interesse das novas gerações em prosseguirem com o ritual. Portanto, não houve a “quem” transmitir os saberes necessários à mesma.

	intercessão de Santos Reis geralmente comprovada por testemunho de uma graça recebida sendo ela divulgada a todos ou não. A partir de uma promessa maior como o “tirar uma folia” cumpre-se outras promessas menores, como carregar bandeira, doar almoço, jantar, lanche, deitar no chão enquanto a folia canta e tantos outros modos de devoção ao Santos Reis.	atestadas principalmente pelos grupos de familiar responsável pelo rito. Momento em que ao se cumprir uma promessa antiga, cumprem-se outras promessas como doar almoço, jantar, imagens, criações dentre outros.	sentido de o grupo de foliões sentiram a necessidade de prosseguir por causa dos saberes que possuíam, e ainda pelo fato de que haviam ainda promessas a serem cumpridas em relação ao santo.	familiares negros e afrodescendentes.
4.Existência de um processo educativo de constituição dos educadores sociais	Preparação dos mais jovens em pleno cumprimento do ritual, geralmente filhos, netos, filhos dos que acompanham a folia ou quem mais se interessar. Ao observar o ritual os jovens vão aprendendo as minúcias da realização do mesmo e imitando os mais velhos a seu modo. Há momentos em que os jovens aprendizes são chamados a participarem e em outros momentos eles vão espontaneamente perpassando pelos instrumentos e arriscando uma cantoria. Neste ritual, uma garotinha vem sendo preparada pelo pai e pelo avô a assumir o posto de embaixadora algo que já faz ao lado do pai que, por vezes, a orienta em algum verso. Neste momento, os olhares, gestos, a observação	Há o capitão que é responsável pela transmissão de saberes necessários aos que se interessarem. Para ele tem que ser levado a sério e ter fé.	Neste ritual o saber do grupo é que se tornou determinante para prosseguir com o ritual visto que o dono da promessa já havia falecido e quando isso ocorre segundo o grupo a promessa já estaria cumprida e terminada. Mas o que o grupo faria com os saberes necessários ao rito? O rito é o lócus, transmissão e exercício do que já se aprendeu tempos atrás com os amigos e familiares.	O ritual funcionava como momento de transmissão de saberes, e justamente extinguiu-se pelo fato de não ter havido interesse dos mais jovens.

	são determinantes. A escrita dos versos para memorização estão sendo utilizados.			
5. Recursos simbólicos mediatizadores das práticas culturais	A promessa, as promessas diversas, a bandeira de Santos Reis, instrumentos, alimentos, cantorias, fé, doações diversas de animais e ou dinheiro, vestes dos palhaços, máscaras, arcos, fitas, flores, bastões, imagens de santos, rosários, velas, bíblia, presépio, uniforme dos foliões, calendário do ano corrente com estandarte da folia, organização do giro, cada componente em sua posição de cantoria.	A promessa, as promessas diversas, a bandeira de Santos Reis, instrumentos, alimentos, cantorias, fé, doações diversas de animais e ou dinheiro, arcos, presépio, fitas, flores, vestes dos palhaços, máscaras, bastões, imagens de santos, rosários, velas, bíblia, uniforme dos foliões, calendário do ano corrente com estandarte da folia, ‘	Promessa de um falecido amigo do grupo, bandeira do santo, arcos, fitas, flores, imagens a serem doadas a quem doa almoço e jantar, altares, santos, velas, instrumentos, os versos a serem cantados e ou criados na hora pelos embaixadores, doações recebidas a serem doadas a creche.	Cantorias, vestes, adereços, santos, fitas, instrumentos, visitas
6. Culturalização coletiva como ritual legítimo para a transmissão e/ou vivência de saberes	Grande concentração de pessoas em saídas, almoços, jantares, giro e entrega da folia, visitação em residências em zona rural e urbana, cumprimento da promessa da folia ou de outras promessas. A realização do ritual torna-se anualmente o lócus da transmissão dos saberes.	Grande concentração de pessoas em saídas, almoços, jantares, giro e entrega da folia, visitação em residências em zona rural e urbana, cumprimento da promessa da folia ou de outras promessas. Apesar da participação da comunidade, a família dos afrodescendentes se envolve durante todo o ritual desde o início, durante e no final do mesmo. A realização do ritual torna-se anualmente o lócus da transmissão dos saberes.	Grande concentração de pessoas em saídas, almoços, jantares, giro e entrega da folia, visitação em residências em zona rural e urbana, cumprimento da promessa da folia ou de outras promessas, elementos importantes na vivencia desses saberes.	Enquanto havia um coletivo ativo movimentava-se anualmente para a realização do rito. E é justamente a falta da culturalização coletiva é que faz com que hoje a mesma só exista na memória. E pelos elementos narrados pelo ex congadeiro ainda consegue segundo ele recompor a congada, mas para isso teria que haver interesse dos agentes.
7. Organização coletiva onde as relações internas são hierarquizadas dentro do sistema de crenças com nítida hegemonia do educador social.	Primeiro, a partir de uma promessa de um terceiro, procura-se o capitão da folia geralmente uma pessoa de mais idade respeitado na comunidade	A partir da promessa de um antepassado, há a organização de três grupos, primeiro os donos da coroa responsáveis por tudo que envolve o rito, grupo	A partir da promessa de um amigo falecido os foliões prosseguem com o rito, mas precisam de um líder e no caso escolheram uma mulher para	De acordo com os relatos era a organização anual do ritual envolvendo os grupos, vilão, Catupé, Moçambique e Marinheiro.

	<p>e este mobiliza os componentes da folia para cumprir o voto, organiza-se o giro e sai a folia. Os mais velhos é quem geralmente são portadores de todos os saberes referentes à folia e ao realizar o ritual ensinam de forma não intencional a muitos e por vezes escolhem os que consideram que vão seguir em frente para passar os saberes necessários ao rito.</p>	<p>de foliões portadores dos saberes sobre a folia, terceiro membros visitados em sua residências, acompanhantes, pagadores de promessas e outros.</p>	<p>ocupar o lugar do antigo dono da promessa. Pessoa respeitada pelo grupo e pela comunidade e é quem organiza todo o processo do ritual e segundo ela não tinha experiência em se tratando de folias o faz pela fé e vai aos poucos aprendendo com os próprios foliões o que é necessário ao rito</p>	
--	---	--	--	--

2.2.4. Entrecruzamentos: indicadores que sustentam a concepção de Educação como processo de formação humana que se desenvolve nas manifestações culturais.

QUADRO IV- ANÁLISE DOS INDICADORES DA TRANSMISSÃO DE SABERES –EDUCAÇÃO REALIZADA EM MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

INDICADORES	BENZEÇÕES	REZAS E NOVENAS	FOLIAS E CONGADA
1. Período de realização dos rituais na localidade pesquisada.	Entre 30-80 anos	Entre 35- 86 anos	Entre 40 a 64 anos
2. Existência de saberes reconhecidos pelo grupo	Benzeções contra: zipele; carne quebrada; inveja; mal olhado; vento; resfriado; cobreiro; espinhela caída; quebranto; mordida de cobra; dor de cabeça; esgotamento de sangue; contusão; amansar cobras; maleita, dengue e outros males. Saberes sobre o uso plantas medicinais para a saúde. Aconselhamento quando necessário. Simpatias para criança andar.	Conjunto de ritos oriundos de promessas ou elemento fé. Realização anual em datas específicas dentro de um calendário festivo religioso; rezas e rezadores com saberes específicos para dirigir e dar seqüência aos ritos; alimentação seguindo uma lógica especial dentro do ritual; cânticos; danças; coroações; distribuição de papéis/ funções dentro dos rituais; realização de outros semi-rituais dentro de um mesmo ritual	Justifica-se por meio de promessa de entes queridos já falecidos ou de pessoas que necessitam cumpri-la ainda em vida. Sistema amplo de saberes visto que o grupo de foliões é que possuem os saberes necessários ao cumprimento do ritual. Desde a saída, as visitas e a entrega (o giro). Conjunto de instrumentos, hierarquia nas cantorias geralmente feitas com temas bíblicos, religiosos populares ligados ao cristianismo, compostos na hora das visitas cantadas ou já aprendidos ao longo do tempo com os mais velhos. Variações observadas em cada folia em particular. São parecidas, mas não iguais seguindo ritos particulares ligados a crenças e aprendidos com “ os antigos”.
3. Sistema de crenças e demandas	Crenças ligadas ao catolicismo popular tanto em orações específicas quanto ao poder dos anjos e santos ligados ao Cristianismo.	Conjunto de rezas ou novenas específicas a serem feitas em determinadas épocas do ano, em período propício para a realização do ritual não podendo este ser feito em outra época seguindo um calendário festivo religioso. Cumprimento de promessas; demonstração de fé e devoção; grupos de	Crença coletiva em Santos Reis e São Sebastião (no caso da congada o santo era Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, crença partilhada ainda pela família) tanto de quem fez a promessa quanto dos foliões que “tiram a folia”, quanto dos visitantes, ou mesmo, pagadores de promessas dentro do ritual.

		familiares e amigos ligados aos ritos dos antepassados;	promessas que vão desde doar dinheiro, alimentos, jantares, almoços, carregar bandeira até sacrifícios corporais podendo ser visualizada pelos presentes.
4.Existência de um processo educativo de constituição dos agentes portadores dos saberes a serem transmitidos/partilhados	Aprendizagem ligada aos mais velhos, especialmente parentes. Utilização da observação e memorização para aprendizagem. Houve casos em que se utilizou livretos da igreja católica e registros escritos de orações populares. Geralmente ensinam-se pessoas escolhidas e que levam a sério o ofício de benzedor/a.	Aprendizagens com os mais velhos, parentes, amigos, vizinhos. O próprio ritual torna-se locus de transmissão de saberes. Modificação de rotina frente às exigências da modernidade. Presença da observação e memorização das rezas, cânticos e demais procedimentos ligados a devoção ao sagrado. Presença de velhos, adultos, jovens e crianças.	O ritual é o locus da transmissão de saberes. Preparação de crianças e jovens dentro do ritual feita pelos amigos e parentes mais velhos. Extinguindo-se este círculo de transmissão dos mais velhos para os mais jovens extingue-se também o ritual como ocorreu com a Congada.
5.Recursos simbólicos mediatizadores das práticas culturais	Rosários; orações populares, algumas secretas; orações adaptadas de catecismos da igreja católica; gestos; santos; altar; ramos; linha; agulha; vela; água benta; pano de prato; cordão; cipó; vassoura e pilão (simpatias)	Orações, promessas, cânticos; flores; panos brancos; matraca; velas; bandeirolas; imagens de santos; mastros; fogos; fogueiras; mesa de alimentos (café, jantares, doces e outros); leilões; procissões; altares; aparelhos de som; carros de bois; animais e crianças.	A promessa, as promessas diversas ou semi-promessas, a bandeira de Santos Reis, instrumentos, alimentos, cantorias, fê, doações diversas de animais e ou dinheiro, vestes dos palhaços, máscaras, arcos, fitas, flores, bastões, imagens de santos, rosários, velas, bíblia, presépio, uniforme dos foliões, calendário do ano corrente com estandarte da folia, bastões, adereços, organização do giro, cada componente em sua posição de cantoria
6. Cultiualização coletiva como ritual legítimo para a transmissão e/ou vivência de saberes	Um cômodo da residência do benzedor/a; ritualização específica entre benzedor/a e benzido; residência ou propriedade do benzido; benzeção à distância.	Reunião de um coletivo de pessoas para realizarem o ritual de rezas, novenas, geralmente finalizando em festa a não ser a reza para as almas que se difere neste aspecto.	Grande concentração de pessoas em saídas, almoços, jantares, giro e entrega da folia, visitação em residências em zona rural e urbana, cumprimento da promessa da folia ou de outras promessas. Demais visitantes . A realização do ritual torna-se anualmente o locus da transmissão dos saberes
7.Organização coletiva onde as relações internas são hierarquizadas dentro do sistema de crenças com nítida hegemonia do educador social.	Carisma do benzedor/a; trabalho voluntário e solidário; participação em atividades da igreja católica local; legitimidade perante a comunidade;	Os rituais giram em torno de crenças ligadas ao sagrado sendo ligadas a promessas ou tradição ligada aos mais antigos. À frente dos rituais estão as	Primeiro, a partir de uma promessa de um terceiro, procura-se o capitão da folia geralmente uma pessoa de mais idade respeitado na comunidade e este

	<p>saber específico acerca das benzeções;supõe-se um <i>habitus</i> incorporado do benzedor/a e benzido.</p>	<p>pessoas de maior liderança religiosa, ou seja, saberes necessários ao cumprimento do ritual anual nos mínimos detalhes. E demais agentes que de forma ou de outra participam, podendo estes serem os futuros organizadores e realizadores do ritual visto que aprenderam ao longo do tempo os saberes necessários à realização do mesmo.</p>	<p>mobiliza os componentes da folia para cumprir o voto, organiza-se o giro e sai a folia. Os mais velhos é quem geralmente são portadores de todos os saberes referentes à folia e ao realizar o ritual ensinam de forma não intencional a muitos e, por vezes, escolhem os que consideram que vão seguir em frente para passar os saberes necessários ao rito.</p>
--	--	---	--

SÍNTESE DOS QUADROS: Entrecruzamentos

Estes entrecruzamentos entre os grupos de manifestações culturais populares (benzeções, rezas e novenas, folias e congada) indicam que os rituais descritos e analisados não se dão de forma aleatória. Primeiro, porque existe um motivo que justificado no presente mantém suas raízes no passado. O termo “os antigos” aparece como fator determinante em todos os rituais. Segundo, não são desligados da história de períodos migratórios justificados pelo cultivo de lavouras em Goiás. Se vieram para Goiás famílias inteiras (vindas da Bahia e, principalmente, de Minas Gerais) buscando dias melhores, trouxeram consigo os saberes apreendidos com os mais velhos e, juntamente com estes, os saberes ligados à religiosidade e que funcionavam como mola mestra para a lida do dia a dia. Terceiro, a justificativa para a presença desses rituais nos dias atuais se dá pelo fato de os agrupamentos sociais definirem como importante a realização dos mesmos, frente a um calendário festivo religioso e frente à organização de pré-requisitos que os próprios agentes, ao realizarem tanto os rituais quanto a transmissão dos saberes necessários aos mesmos, fazem de uma forma costumeira o que é inerente à vida de cada grupo.

Neste sentido, os marcadores culturais definidos para a sustentação de que a educação se realiza nas manifestações culturais comprovam a indagação central desta dissertação, senão vejamos:

→ O tempo de realização dos rituais está definido nas memórias respaldadas pelos fatos históricos individuais e ou coletivos variando entre 30 a 86 anos (benzeções e rezas e novenas) e 40 a 64 anos (folias e congada);

→ A existência de saberes reconhecidos em âmbito dos grupos que os realizam e participam dos rituais, sendo os das benzeções relativos às doenças populares/contextuais; as rezas e novenas, bem como folias e congada, os saberes são mais simbólicos à medida que exortam “cuidados” por meio dos seus ritos;

→ Um sistema de crenças católicas e demandas que se tornam evidentes, sendo a crença em algo sagrado com representantes legítimos, configuram-se como terrenos dentre a comunidade e fazem com que tais elementos sejam socializados no grupo;

→ A existência de um processo educativo de formação/delegação missionária dos educadores sociais, portadores dos saberes legítimos a serem transmitidos/partilhados, principalmente das gerações mais velhas para as mais jovens, tal como preconiza Durkheim em seu conceito de educação. Um destaque deve ser feito

com relação a formação dos benzedores, em sua maioria decorrente de herança cultural familiar.

→ Recursos simbólicos (materiais e imateriais) mediatizadores das práticas culturais que funcionam como meios pelos quais se expressam as crenças e os rituais, tais como os rosários, as orações populares, flores, cânticos, imagens, velas, fitas, imagens de santos, água benta, dentre outros;

→ A cultualização coletiva como ritual para a transmissão e/ou vivência de saberes, que é a realização anual do rito, as benzeções, rezas e novenas ocorrem em determinados locais específicos (residências, as folias e congada não apresentam espaço fixo, movem-se, são mais livres e interativas);

→ A organização coletiva onde as relações internas são hierarquizadas dentro do sistema de crenças com nítida hegemonia do papel de direção exercido pelos educadores sociais, sem aos quais não haveria a realização dos mesmos. De fato, os educadores sociais são principalmente os mais velhos, portanto, portadores dos saberes reconhecidos pelos protagonistas dos rituais..

III . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao idealizar o projeto inicial desta dissertação propus inventariar as manifestações culturais populares do município de Nova Veneza-Go, na perspectiva de entendê-las como modalidades de educação que podem ser realizadas em espaços não escolares. Apesar de ter uma estreita convivência com essas manifestações culturais, especialmente as de natureza religiosa católica, não possuía noção acerca da diversidade dos rituais existentes.

Nestes quase três anos de pesquisa, ao mirar o olhar nestas manifestações culturais, observei com cuidado e atenção, exigência preliminar para se fazer etnografia, como uma descrição densa como alerta Geertz. Deparei-me com um conjunto significativo de saberes populares sendo transmitidos e perpassados por várias gerações, pelos educadores sociais, dirigentes dos ritos e práticas organizadas em determinados espaços sociais e cujos agentes não somente demandam por estes saberes e práticas como também acabam apreendendo por intermédio da transmissão cultural.

Nova Veneza, sempre foi considerada uma cidade de riqueza cultural relevante. A começar pelo nome, em decorrência de correntes migratórias de italianos que ali construíram suas moradas e famílias. Mas, como tantas outras cidades, ela está marcada pelo signo das ambiguidades da tradição *versus* modernidade, das heranças culturais familiares e as novas trazidas por outras etnias e atualmente pela espetacularização promovida pelos meios de comunicação de massa.

Para compreender a presença hoje, de determinadas manifestações culturais populares de caráter religioso, neste território, fez-se necessário reconhecer que os próprios grupos se compõem por um coletivo de agentes sociais que partilham as mesmas crenças e, por isso, as fazem existir na comunidade.

Os ritos são organizados e seus integrantes são hierarquizados em torno de seus dirigentes. Estes, foram conceptualizados como sendo educadores sociais que, na maioria dos casos, são escolhidos/formados para dar continuidade às tradições. Considerada a informalidade como as manifestações se realizam, talvez os próprios grupos não tenham noção da importância do que eles próprios realizam, confortados que são pelo compromisso com o sagrado, ritualizando suas crenças em meio a um calendário festivo religioso que indicam novenas, rezas, folias ou por meio de práticas como o ofício de benzer e a graça de sentir-se benzido.

A realização dos rituais, a preparação e sua organização interna tornam-se locais de construção/aquisição de saberes e aprendizagens. Mas quem são os aprendizes? Jovens, crianças e até mesmo os adultos. Mas quem são de fato os educadores sociais? Eles recebem várias nomeações: os embaixadores de folias, foliões, rezadores, rezadeiras, benzedores, benzedoras. E, em meio a tanta gente circundante e interativa, fica difícil, em determinados momentos dos rituais, apesar da hierarquização de um coletivo, demarcar quem ensina e quem apreende!

A pesquisa revelou que enquanto houver um coletivo de pessoas que comunguem os mesmos saberes e mesmos ideais, sem dúvida haverá, principalmente dentre os mais velhos, quem se preocupe a quem deixar o “cargo” e junto dele a herança cultural de técnicas e saberes necessários para se fazer cumprir o que tem que ser cumprido: benzeções, rezas e novenas, folias e congada.

As manifestações culturais apresentadas nesta pesquisa, representam muito mais do que formas de resolução de problemas difíceis enfrentados pelos agentes sociais nas dificuldades do dia a dia ao partirem em busca de soluções para problemas não proporcionados pelas políticas públicas sociais. Neste percurso, aparecem inúmeros elementos apresentados na pesquisa como a tradição, o aprendizado, a coesão de grupo, a reverência aos antepassados.

Na realidade ocorre um processo de se refazer e se reconstruir o passado no presente através da memória, da história, do trabalho, dos banquetes, dos momentos do sorriso, dos olhares de cumplicidade que dão significado aos seus versos rezados e ou cantados. O elemento comoção foi encontrado praticamente em todos os rituais e as lágrimas, tão comuns, expressam o sentimento profundo da participação em decorrência das motivações que os levaram até aos rituais.

Em todas as manifestações culturais inventariadas é relevante a figura e a presença nítida do educador social. Se há um processo histórico ligado ao tempo de permanência do ritual, se há saberes que fazem o ritual funcionar, se há principalmente os adeptos, que não são poucos, há dentre os mais velhos quem se prontifique a ensinar o fazer do ritual, tanto para os que são escolhidos por algum motivo quanto para os que se aproximam querendo aprender. Evidenciou-se também que mesmo aqueles que não têm o intuito de ensinar, ou os que não tencionam aprender, e que lá se encontram somente para participar do ritual de forma mais efetiva, acabam por aprender, mesmo sem a intencionalidade de querer.

Até mesmo o fato de um agente social realizar uma promessa individual ou coletiva está ligado ao processo de aprender com os mais velhos, tendo em vista que um sistema de crenças que garante a um coletivo de pessoas a possibilidade de se agregarem em função do mesmo. Neste caso, destacou-se também que os ensinamentos dos donos das promessas ligadas ao sagrado, que seguiram o regime dos antepassados, a exemplo da Folia de Coroa, com a coroação de rei e de rainha, do ritual pertencente aos afrodescendentes.

A preocupação em entender o pedido do tataravô, de fazer a festa entre a família que sozinha não realiza o ritual, e que conta com a ajuda dos vizinhos e tantos outros, que contribuem para a preservação e permanência do ritual. Em todos os rituais, aqueles que se interessam têm acesso livre para participação. E se por ventura alguém fizer uma promessa relacionada a qualquer um dos rituais pesquisados, “os seus membros” estarão prontos para ajudar a cumpri-la. Não há distinção, podendo os participantes pertencer a qualquer religião, cor, classe social, basta-lhes demonstrar respeito, fé e a necessidade de intervenção do sagrado, ou ao menos que demonstrem uma conduta pertinente.

Observou-se que nenhum destes educadores sociais, agentes que produzem estas manifestações culturais inventariadas, recebe dividendos pelo trabalho realizado. O seu reconhecimento decorre do legado histórico, que lhe confere autoridade e legitimidade na condução dos ritos e processos culturais populares.

Na classificação e hierarquização cultural e social dos habitantes de Nova Veneza, os educadores sociais destas manifestações culturais são praticamente “anônimos”, cumprindo seus deveres e obrigações corriqueiras de seu dia a dia com as instituições em que trabalham ou pelo meio de vida proporcionado pela sociedade. Partilhar de um sistema de crenças, conferindo-lhes reconhecimento, os torna legítimos pelos seus pares à medida que possuem um conjunto de saberes; que existe uma demanda por culturalizá-los; a necessidade de haver organização e hierarquização entre seus integrantes; a existência de ritos de transmissão e suas estratégias de incorporação/internalização de determinadas disposições culturais; enfim, sem sombra de dúvida, uma constatação de que se tratam de processos educativos de formação humana que se realizam nos espaços das manifestações culturais populares.

IV. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carmem Maria. **Educação Cultura e Criança**. Universidade de Campinas. São Paulo. 1991 (Dissertação de Mestrado)

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional: Festas, Bailados, Mitos e Lendas**. Vol. I, São Paulo: Melhoramentos, 1964.

_____, Alceu Maynard. **Folclore Nacional: Ritos, Sabença, Linguagem, Artes e Técnica**. Vol. III, São Paulo: Melhoramentos, 1964b.

BODGAN, Roberto C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 6ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: uma contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3ª Ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, P. *Les sens pratiques*. Paris: Minuit, 1980.

_____, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O arдил da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular**. Campinas: Papyrus, 1983

_____, Carlos Rodrigues. **O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação**. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996.

_____, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007 (Coleção Primeiros Passos)

_____. Carlos Rodrigues. **A descoberta da infância**(O educador e a criança). In: Revista da Educação AEC. Brasília: Ano 15, nº 61; Jul/Set. 1986. p. 7-22

BRASIL, LDB. Lei 9394/96- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>Aceso em Agosto de 2011.
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Tradução de: Denise Bottmann)

CANEZIN, Maria Tereza e SILVA, Telma Camargo (Orgs) . **A folia de Reis de Jaraguá**. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989

COELHO, Osvécio José. **Recordar é bom mas dói**. Goiânia: UCG, 2000.

CUCHE, Denis. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de: Viviane Ribeiro. 2ª ed. Baurú: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____, Roberto. **Você tem Cultura?** In: Jornal Embratel. Rio de Janeiro: 1981. Disponível em: http://nau1.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf. Acesso em março de 2012.

DOMINGOS, Kátiusse Florentino da Mota e MOREIRA, Diego Vinícius. **Etapas de Levantamento Histórico Município de Nova Veneza**. In: Projeto de levantamento, resgate e monitoramento do patrimônio arqueológico da implantação da extensão sul da Ferrovia Norte-Sul entre os municípios de Ouro Verde- Go e Estrela D'Oeste-SP. Fundação Aroeira. Goiânia, 2010.

DURKHEIM, Émile. **A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora**. In PEREIRA, Luis; FORACCHI, Marialice M. (Orgs). Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Nacional.1977

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco; revisão técnica Cesar Mortari. São Paulo: Editora: UNESP, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não Formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v. 1)

GONÇALVES, Isis Maria. **Nova Veneza**. Prefeitura Municipal de Nova Veneza. 1992.
HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. (Tradução de: Beatriz Sidou) São Paulo: Centauro, 2006

HOEBEL, E. Adamson e FROST, Everett L. **Antropologia Cultural e Social**. Tradução de; Euclides Carneiro da Silva. São Paulo:Cultrix, 2006

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

LOPES, Alice Ribeiro Cassimiro. **A problemática da cultura e do conhecimento**. In: Conhecimento Escolar: Ciência e Cotidiano. Alice C. Lopes. Rio de Janeiro: UERJ. 1999,P.33-101
Conhecimento Escolar: Ciência e Cotidiano. Alice C. Lopes. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999. 23-101

LOURES, Patrícia Marcelina. **Modalidades Educativas: A Interlocação entre Escola, Sociedade e Currículo Escolar**. In: I Encontro Luso- Brasileiro sobre Trabalho Docente e VI Encontro Brasileiro da Rede Estrado. Maceió: Nov. de 2011.c. (ISSN 2236-68) Disponível em: http://www.lusobrastd.com/anais_online.php

_____, Patrícia Marcelina. **Nova Veneza: Culturas Imateriais em Festa**. In: Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa, Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq): os sertões da Bahia. Caetité, v. 1, nº 1, out. 2011. (ISSN 2237-2407). Disponível em: WWW.gruposerto.es.uneb.br. Acesso em março de 2011.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso**. In: Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986..

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Lisboa: Oficina da Gráfica de Coimbra, 1971.

MASCARENHAS, Angela Cristina Belém. **A Educação para além da escola: O Caráter educativo dos movimentos Sociais**. In: Saberes do Nós: Ensaio de Educação e Movimentos Sociais. PESSOA, Jadir Moraes (org). Goiânia: UCG, 2004.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de Moura e ZUCHETTI, Dinora Tereza. **Educação não escolar**: Refletindo sobre práticas para uma (outra) epistemologia da pedagogia social. In: Revista da Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação. Contrapontos; Ano.1. n.1 (jan. 2001) p.185-202

NÓBREGA, Francisca Vânia Rocha. **Sob o Signo da Justiça dos Homens e da Justiça de Deus**: “O Martírio de João Vermelho”. In : Cultura Popular: Nas teias da memória. João Pessoa: UFPB. 2007. p. 53-74

NOVA VENEZA, GOIÁS. **Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Carmo**. 1974 a 2011.

OLIVEIRA, Maria Juvenal Freitas de, e NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. **Artefatos como elementos de Memória e Identidade da Cultura Popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social**. In : Cultura Popular: Nas teias da memória. João Pessoa: UFPB. 2007. p. 27-51

PASTORE, Everaldo Antônio e equipe. **Plano Municipal de Habitação de Interesse Social de Nova Veneza**.(2010 – 2020). Nova Veneza. 2010.

PEREIRA, Edmilson de Almeida e GOMES, Núbia Pereira de Magalhaes. **Flor do não esquecimento: Cultura popular e processos de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PEREIRA, Luiz. **A escola numa área metropolitana**. São Paulo,Pioneira, 1967.

PESSOA, Jadir Moraes. **Saberes em Festa: Gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. 2ª Ed. Goiânia, UCG. Kelps, 2009

RODRIGUES, Adriana. **Beneduras**. Brasil. (Documentário).2008.

SARTI, Cynthia, Andersen. **A família como espelho: um espelho moral dos pobres**. Campinas. São Paulo: Autores Associados.1996

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 14ª Ed. São Paulo: Difel. 1986

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**.São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Atlas, 1985

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **Cultura, memória e história como substratos na construção identitária**.In : Cultura Popular: Nas teias da memória. João Pessoa: UFPB. 2007. P. 9-26

Sites visitados:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/pesquisa>

<http://www.cultura.gov.br/site/>

<http://www.novaveneza.go.gov.br/site/index.php>

<http://www.festivalitaliano.net/2012/>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.dicionariomedico.com/erisipela.html>

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/ColunaPrestes>

<http://www.martinhodavila.com.br/letra.asp?disco=24&musica=256>

V. APÊNDICES⁷⁹

APÊNDICE A- BENZEDEIRAS E BENZEDORES

Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUCGOIÁS.
Programa de Pós- Graduação em Educação- MESTRADO.
Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura .

TÍTULO: **INVENTÁRIO DE BENZEÇÕES, REZAS E NOVENAS, FOLIAS E CONGADA: educação nas manifestações culturais.**

Autorização – Benzedoiras e Benzedores

Autorizo a mestranda Patrícia Marcelina Loures ,sob a orientação do Prof^o.Dr. José Maria Baldino, utilizar o material pesquisado sobre as Rezas e Benzeções, bem como as fotos, filmagens e informações prestadas para fins de pesquisa científica mantendo outrossim sigilo na identificação dos agentes sociais entrevistados.

Nome: _____
Idade: _____ Tempo benzeção _____
Endereço: _____
Fone: _____

Tipos de Benzeção e a clientela atendida

Outros: _____

Assinatura _____
Data _____ / _____ / _____

⁷⁹ Os documentos/questionários e formulários aqui anexados, constam dos arquivos da pesquisadora com as devidas assinaturas e autorizações.

APÊNDICE B- REZAS E NOVENAS

Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUCGOIÁS.
Programa de Pós- Graduação em Educação- MESTRADO.
Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura .

**TÍTULO: INVENTÁRIO DE BENZEÇÕES, REZAS E NOVENAS,
FOLIAS E CONGADA: educação nas manifestações culturais.**

Autorização –Rezas e novenas

Autorizo a mestranda Patrícia Marcelina Loures ,sob a orientação do Profº.Dr. José Maria Baldino, utilizar o material pesquisado sobre as Rezas pras almasbem como as fotos, filmagens e informações prestadas para fins de pesquisa científica mantendo outrossim sigilo na identificação dos agentes sociais entrevistados.

Nome: _____

Idade: _____ Fone _____

Tempo de participação na reza _____

Endereço: _____

Função que exerce no ritual

Outros: _____

Assinatura _____

Data _____ / _____ / _____

APÊNDICE C- FOLIAS E CONGADA

Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUCGOIÁS.
Programa de Pós- Graduação em Educação- MESTRADO.
Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura .

TÍTULO: INVENTÁRIO DE BENZEÇÕES, REZAS E NOVENAS, FOLIAS E CONGADA: educação nas manifestações culturais.

Autorização – Folia de Reis, Folia de Coroa, Folia de São Sebastião e Congada

Autorizo a mestranda Patrícia Marcelina Loures ,sob a orientação do Profº.Dr. José Maria Baldino, utilizar o material pesquisado sobre a Folia de Reis , bem como as fotos, filmagens e informações prestadas para fins de pesquisa científica mantendo outrossim sigilo na identificação dos agentes sociais entrevistados.

Nome: _____

Idade: _____ Tempo de folia: _____

Endereço: _____

Fone: _____ email: _____

Função na folia

Outros: _____

Assinatura _____

Data _____ / _____ / _____

APÊNDICE D

ROTEIROS DE ENTREVISTAS

1. Dados pessoais

- Idade /Data de nascimento
- Formação
- Origem da Família
- Tradição religiosa
- Tempo de residência na cidade
- Estado civil
- Filhos/ filhas

2. Forma de aprendizagem do rito

- Com quem aprendeu a cantar(folia, rezas, novenas e outros)
- Qual a função que ocupa n o ritual e por quem foi escolhido para esta função
- Qual a importância desta prática para a comunidade?
- O que sente antes, durante e após o cumprimento do ritual?
- Explicar como ocorre o dia – a – dia no ritual
- Quais os compromissos assumidos
- Como permanece a aprendizagem do ritual

3. Relação/ Comunidade

Como é o público atendido

Como as pessoas podem ter acesso a esse tipo “ritual”

4. Outros.